

*Entre  
uma coisa  
e outra*



*Valéria Vanda Xavier Nunes*



## Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | *Reitor*

Prof. Flávio Romero Guimarães | *Vice-Reitor*



### Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano Nascimento Silva | *Diretor*

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Editor Assistente*

Cidoval Moraes de Sousa | *Editor Assistente*

#### Conselho Editorial

Luciano Nascimento Silva (UEPB) | José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB) | Antônio Guedes Rangel Junior (UEPB)

Cidoval Moraes de Sousa (UEPB) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)

#### Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ) | Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) | Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) | Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Diego Duquelsky (UBA) | Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) | Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) | Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Germano Ramalho (UEPB) | Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB) | Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sogas de Mello Bandeira (IPCA/PT) | Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB) | Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

#### Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*

Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*

Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*

Danielle Correia Gomes | *Divulgação*



Editora filiada a ABEU

#### EDITORIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

VALÉRIA VANDA XAVIER NUNES

**ENTRE UMA  
COISA E OUTRA**



Campina Grande-PB  
2018

Copyright © do Autor

*A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.*

**Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004**

---

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB**

---

**N972e**

Nunes, Valéria Vanda Xavier.  
Entre uma coisa e outra./ Valéria Vanda Xavier Nunes. - Campina Grande: Latus, 2018.

**ISBN 978-85-63984-70-8**

1. Poesia. 2. Romance. 3. Poesia popular. I. Título.

21. ed. **CDD B869**

---



Editora filiada a ABEU

**EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário  
Campina Grande-PB - CEP 58429-500 - Fone/Fax: (83) 3315-3381  
<http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

*Para meu querido pai Lourival Xavier Pinto e minha inesquecível mãe Tarcila Ana Pinto na certeza de que, se vivos fossem, certamente ficariam orgulhosos de mim.*

*Saudades eternas*



*Do mais fundo de meu coração deixo aqui registrado os agradecimentos ao meu marido - companheiro de todas as horas. À minha família, e também aos amigos e fiéis leitores que estão sempre por perto me apoiando, o que faz despertar em mim essa vontade imensa de não parar e querer sempre escrever mais e mais.*



*“Que os outros se orgulhem dos livros que escreveram, eu  
me orgulho dos que li.”*

*(Jorge Luiz Borges)*



# POEMA PARA HELOÍSA

H oje nada mais  
E como antes.  
L inda e iluminada, ela faz  
O coração da gente  
I nflar de felicidade num instante. E a  
S audade que sinto mostra um  
A mor infinito, eterno e constante.

*De vovó Valéria para Heloísa*



# SUMÁRIO

POEMA PARA  
HELOÍSA, **11**  
PREFÁCIO, **15**  
APRESENTAÇÃO, **19**

## **CONTOS E CRÔNICAS, 23**

A INDESEJADA DAS GENTES, **25**  
A VOLTA POR CIMA, **29**  
O PASSEIO, **33**  
O ENSINO PÚBLICO CONTINUA DE LUTO, **37**  
SILÊNCIO MORTAL, **41**  
PARA UMA AMIGA, **43**  
DEMOCRACIA! ESSA NÃO!, **47**  
TRISTE CONSTATAÇÃO, **51**  
MEU VELHO SAPATO FURADO, **55**  
EDUCAÇÃO EM PAUTA, **61**  
A HISTÓRIA DE ALICE, **65**  
MELHOR IDADE. SERÁ?, **73**  
O ASSASSINATO DA “ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO”, **77**  
QUE TRISTEZA!!!, **79**

**ENFIM O POVO ACORDOU, 83**  
**O CIRCO COMEÇOU, 85**  
**A ESPERANÇA QUE NASCE COM O PAPA, 89**  
**ESTAR GRÁVIDA VERSUS SER MÃE, 91**  
**A QUE PONTO CHEGAMOS?, 95**  
**UM CÍRCULO QUE SE FECHA, 99**  
**OS PRIMEIROS DIAS DE HELOÍSA, 103**  
**CAMPINA – MINHA CIDADE, 111**  
**MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA APOSENTADA, 115**  
**A TURMA, 127**  
**VAI-SE A PRIMEIRA POMBA DESPERTADA, 135**

**DIÁRIO DE BORDO, 139**  
**UMA VIAGEM INESQUECÍVEL, 141**  
**ÉRAMOS 9, 147**  
**COMO PASSAR**  
**15 DIAS NA EUROPA SEM MALAS, 167**  
**MAR À VISTA, 169**  
**GRAMADO, 181**  
**EU E OS LIVROS, 187**

# PREFÁCIO

“**E**ntre uma coisa e outra” é isso: a vida. É assim que ela vai-se dando, deslançando, abrindo horizontes, fazendo-nos sorrir, chorar, contemplar, aprender, reflexionar, interagir, relevar, impactar, questionar... A vida é assim, presente de Deus a todo o planeta, a todos e a tudo, a cada um de nós, humanos, que temos a responsabilidade de fazê-la cada vez melhor, para que no futuro e desde já, possamos ir deixando para os filhos e netos, possibilidades para sermos sempre mais felizes (cf a *Laudato Si*).

Pena que esquecemos, ou não nos damos conta, ainda, de que tudo na vida é tão integrado, tão conectado, e que, por isso, faltando o cuidado por um único ser, em qualquer momento, podemos desencadear sofrimento e dor, não só para uns, mas para muitos, senão para todos. Não há mais seres brutos, esta expressão está superada; numa visão holística, a vida perpassa em tudo e em todos. Daí, certamente com um certo nível desta consciência, é que a nossa escritora neste seu terceiro livro, “Entre uma coisa e outra,” não deixa de fazer fluir os pontos fortes de sua compreensão do que é desejável para que o mundo seja

melhor: *A família e a sua importância e o sentimento de indignação quanto ao mundo como está*, por falta de governantes sérios, pelo Modelo de Desenvolvimento adotado e pela falta de cidadania de todos nós, com certeza, narrativas de ricas viagens e experiências de vida, plenas de surpresas, alegria, solidariedade, indignação, busca, enfim. Sempre terminando por motivar para a boa leitura, para a responsabilidade que temos de ser protagonistas da história, que no meu entender vai bem mais além da nossa. Aí vem ela “entre uma coisa outra,” discorrendo memórias, lembranças, realidades, sonhos, (não só dela, mas abrindo espaço para outros futuros escritores registrarem suas histórias), resenhas de livros lidos, família de sangue, transcende a tudo, ao capitalismo que as formas de vida que oferece nos cegam, nos aliena e até nos leva ao desânimo e à incapacidade de vislumbrar em vivências micro: sinais de um mundo novo que se vai esboçando, sementes do “bem viver” que precisa ser resgatado e que ainda podemos vislumbrar, desde as minorias não contadas por aqueles que só pensam na felicidade vinda pelo consumismo, pelo tecnicismo, e pelo hedonismo tão idolatrado.

O leitor ou leitora vai certamente se encantar com o estilo prazeroso de Valéria, em narrar o que viu, ouviu e experimentou ao longo de sua vida. Mas o que mais quero deixar aqui frisado é a minha alegria por neste terceiro livro a autora descobrir que precisa começar a ler não só por fruição, por prazer, mas descobrir o quanto precisa ler para poder também contribuir de forma diferente. Para tanto, usando esta sua sensibilidade em contemplar a realidade, o mundo, a criação, nos seus altos e baixos, não só se indignando, mas aprendendo, interagindo com outros e com outras pessoas, estudiosos, críticos que vão

além, aprendendo e assumindo seu papel no sentido de colaborar para sua transformação. Afinal acreditamos que OUTRO MUNDO É POSSÍVEL, e isto não acontece a passo de mágica. Parabéns Valéria, minha irmã querida! Você tem um caminho ainda muito longo a percorrer... louve a Deus pelos dons que lhe foram concedidos para tal. Estamos felizes por você.

*Irmã Waldilene Xavier Pinto*



# APRESENTAÇÃO

Aqui estou eu novamente queridos leitores. Para quem não se sentia capaz de escrever uma redação escolar, acho que estou progredindo. O que começou – como uma brincadeira, uma vontade, um sonho de uma adolescente-leitora voraz e amante da literatura – tornou-se realidade. Enfim, meus textos viraram livros. Livros de verdade. Publicados, vendidos, lidos por centenas de pessoas e colocados em minha estante ao lado de inúmeros outros autores como sempre foi o meu maior sonho.

Durante toda uma vida, sendo uma leitora voraz e assídua, chegou um momento em que eu precisei, desesperadamente, parar um pouco de ler e tentar expressar meus sentimentos por meio da palavra escrita. Assim sendo, comecei a escrever “Retalhos de uma vida”, meu primeiro livro. Escrito num momento em que me sentia extremamente fragilizada, sofrendo no mais fundo da alma a famosa “Síndrome do ninho vazio”.

Os anos passaram. Pensei que a minha fase escritora também tivesse passado. Achei que ficaria apenas no primeiro livro. Mas qual o quê. A vontade de escrever foi se intensificando, e, ouvindo as críticas, os comentários e os

pedidos de meus leitores, renasceu novamente em mim uma vontade muito grande de começar a esboçar o segundo livro o que me levou então a cogitar na possibilidade de publicar mais um.

Vinda de uma família muito numerosa e sendo a quinta filha de sete irmãs pensei em deixar um legado para elas. Procurei contar as alegrias e tristezas que fizeram parte de nossas vidas em uma prosa romanceada permeada de momentos alegres e também dramáticos. Foi assim que nasceu meu segundo livro “A Saga de Sete Mulheres”.

Achei que já poderia “descansar em paz”, pois como diz o ditado, já tinha tido filhos, plantado árvores e escrito um livro. No entanto, escrever é como ler, quando começamos e gostamos, certamente não conseguimos mais parar. Ler e escrever torna-se um vício do qual não conseguimos nos livrar e a prova viva do que estou falando é a materialização de mais um sonho com a chegada deste terceiro “rebento” que intitulei “Entre uma Coisa e Outra”.

Este novo livro pode ser chamado de irmão mais moço de “Retalhos de uma vida” e de “A saga de sete mulheres”. Parafrazeando Lya Luft *“talvez pelo tom a meia-voz falando diretamente com meu leitor - sem tramas, sem histórias, sem personagens”* o que já é característica do meu jeito de escrever – ele se apresenta memorialista e um pouco confidencial, trazendo palavras transformadas em textos que retratam assuntos de família, assuntos do cotidiano os quais tanto podem ser da minha própria, como também de amigos que me pedem para transformar em contos ou crônicas determinadas passagens de suas vidas que gostariam de ver eternizadas em livros, mas que não se sentem capazes de fazê-lo.

Aproveitei também este recurso, ou seja, o uso da palavra

escrita, para dar dicas de leitura para possíveis amantes da literatura através de pequenas reflexões de todos os livros que li durante este ano – 2014 – até o momento em que este aqui seguiu para o prelo.

Falo também sobre nossas viagens – através de um pequeno diário de bordo relatando os percalços, as alegrias e também as adversidades que nos acontecem nestes momentos de lazer.

Enfim, no cotidiano de minha vida, *entre uma coisa e outra*, observando o mundo e as pessoas ao meu redor, vou tecendo as palavras na tentativa de criar um belo panorama onde expresse minhas alegrias, meus sonhos, minhas tristezas, minhas dúvidas, e a minha indignação diante das injustiças sociais que permeiam a nossa vida.

Espero, sinceramente, que as palavras aqui escritas sejam capazes de fazer com que meus fiéis leitores – entre uma coisa e outra, entre um afazer e outro no seu dia a dia – possam mais uma vez, junto comigo, se emocionar, sorrir, chorar quem sabe, e também, refletir um pouco sobre a vida.

*Valéria Vanda Xavier Nunes*



**CONTOS E  
CRÔNICAS**



# A INDESEJADA DAS GENTES<sup>1</sup>

Sabemos que existem coisas na vida com as quais dificilmente nos acostumamos. Muitas vezes, até aceitamos, no entanto, jamais nos conformamos. Estamos “acostumados” com o preconceito, com a violência, com os altos impostos, com a corrupção que toma conta do nosso país. Aceitamos a doença, os maus-tratos aos idosos, o descaso com a educação oferecida aos nossos jovens e às crianças; acostumamo-nos com a insegurança a que estamos submetidos, com a violência contra as mulheres, contudo, por mais que nos deparemos com “Ela”, com a “Indesejada das gentes”, dificilmente nos conformamos de imediato.

Ninguém aceita a presença da morte em sua vida mesmo sabendo que ela, a qualquer hora, venha bater a sua porta. Mesmo conscientes de que ela sempre estará nos espreitando desde a hora do nosso nascimento até o momento final e que nos pegará pela mão e nos levará consigo – sem ao menos sermos convidados a acompanhá-la, diga-se de

---

<sup>1</sup> Verso do poema “Consoada” do poeta Manuel Bandeira.

passagem, nunca estaremos totalmente preparados para esta viagem. Mas não nos enganemos. Ela um dia virá. Ela sempre vem.

Ela é assim mesmo: imprevisível, inesperada, atrevida até.

Chega quando a gente menos espera. Ela pode até chegar sim. Podemos aceitar essa hipótese numa boa, mas, quando já tivermos vivido o bastante, quando nosso corpo já se sentir cansado dos anos de trabalho, das adversidades e desilusões da vida, quando os filhos já não dependerem mais totalmente de nós; quando nosso corpo não mais obedecer à mente, talvez, seja chegada a hora do descanso eterno.

Mas ela, a Morte, não quer saber disso não.

Ela é transgressora. Ela desfaz a ordem natural das coisas. Ela leva em suas asas sombrias homens, mulheres, crianças, jovens, adultos, idosos, ricos, pobres, felizes, infelizes, bonitos, feios, doentes ou saudáveis.

Muitas vezes, ela chega de repente, tomando-nos de assalto, sem nos dar tempo de virar uma esquina para atravessar uma rua, de terminarmos a tão sonhada faculdade; antes de se sentir o prazer de ter o primeiro emprego, antes mesmo de terminar uma frase. Antes de um beijo apaixonado, de nos despedir dos amigos naquela festa, de terminar de ler aquele último capítulo de um livro maravilhoso; de dar aquele telefonema tão importante para um filho, de terminar de tomar aquele cafezinho tão gostoso. De beijar aquela menina tão desejada, de mandar aquele presentinho para o neto ou a neta, de terminar o belo almoço de domingo feito com o maior carinho para a família; de pagar a conta de água, luz, telefone; de dançar a última valsa dos amantes ou de ouvir um “eu te amo” pelo

menos mais uma vez...

Ela é assim mesmo, a Morte. Quando decide vir, ela vem, sempre chega. Às vezes de mansinho, silenciosamente, e nos arrasta sabe Deus para onde, e, como somos vulneráveis a ela! Muitas vezes, lutamos, lutarmos e nos escondemos até nos entregarmos totalmente. Mas não adianta lutarmos nem nos escondermos. Ela vai estar lá à espreita e pronta para nos levar em suas asas mórbidas.

*09/10/2014.*



# A VOLTA POR CIMA

O ano era 1977. O mês era junho. O mês mais frio do ano naquela cidade. O frio intenso que penetrava na pele como uma lâmina afiada, ainda duraria até fins de agosto. Ao entrarmos na cidade, o que nossos olhos avistavam era uma cerração imensa cobrindo os poucos prédios que rodeavam o grande açude velho. A cerração fechada e a chuva fininha que não parava de cair continuariam ainda por muito tempo. Até que o inverno se despedisse, o frio era uma constante. E era nessa cidade fria e úmida que fixaríamos residência.

Alto Branco seria o nosso bairro por um bom tempo. Este nome não lhe fora dado à toa, pois, nesta época do ano, as casa e prédios deste bairro realmente ficavam cobertos por uma névoa que o deixava totalmente branco, parecia que estávamos num país europeu. E foi neste bairro que conheci uma mulher que se tornou minha vizinha e grande amiga por muitos anos. Nossos filhos foram criados juntos. Brincavam, estudavam e se divertiam pelas calçadas e ruas da vizinhança como era o costume – saudável, diga-se de passagem – naquela época. Coisa que os filhos de hoje infelizmente não fazem mais, pois tiraram deles a liberdade e o

direito de serem crianças. Agradeço a essa mulher querida e guerreira o emprego de professora que tenho até hoje.

Esta grande amiga, Orcélia, assim se chama ela, como eu, também era professora. Vivíamos em função de nossos filhos, procurando criá-los, ensinando-lhes os melhores princípios e valores. Éramos pessoas que vivíamos da renda de nossos maridos e os nossos poucos salários de professoras ajudavam a educá-los, mas fazíamos tudo que estivesse ao nosso alcance para vê-los felizes.

Mas como essa tarefa era difícil!

Um dia, ela contou-me, com lágrimas nos olhos, que nunca tinha conseguido realizar o maior sonho de suas filhas. A falta de condições financeiras impedia-lhe de satisfazer os mínimos desejos delas e isso se tornou uma de suas maiores frustrações.

O bom da vida é que ela anda em círculos.

O mundo dá muitas voltas, e um dia, muitos anos depois, ela confessou-me, desta vez com um brilho de felicidade no olhar e um sorriso largo no rosto alvo e bonito, que havia conseguido realizar esse sonho tão sonhado. Foi um sonho realizado tardiamente sim, mas que fez seu coração se encher de felicidade. Essa realização era para ela como retirar uma carga muito pesada de suas costas. Um peso que ela carregara por bastante tempo, mas valera a pena, e, enfim, ela se sentia livre e feliz.

Ela me confessou seu sonho.

Há quarenta anos, ela o tinha, e que sonho! Como ela sofria! Sofria por ser professora e ter que criar, com seu mínimo salário, seus três filhos carentes. Não carentes de amor, de carinho, de afeto, mas das coisas materiais, coisas que só são adquiridas com o “vil metal” – o dinheiro. Seus filhos não entendiam a situação financeira ruim pela

qual seus pais passavam. Queriam ter as coisas que viam seus primos e seus amiguinhos terem, como toda criança, é claro, e ela, a mãe, com o coração despedaçado, sempre tinha que dizer não, sempre não, esta maldita palavra. Como aquilo doía! Doía como uma faca rasgando seu peito cada vez que tinha de dizer não para seus filhos tão amados diante de seus pedidos, muitas vezes, tão simples.

Mas o dinheiro não dava para “supérfluos”. Era preciso economizar. Economizar era a palavra de ordem naquela casa.

As crianças pareciam conformadas, mas o coração daquela mãe tão batalhadora, honesta e guerreira não se conformava com as injustiças da vida. Estava cansada de tanto repetir não posso... não posso... não posso.

Suas filhas sonhavam de olhos abertos com a “*Boneca Amiguinha*” da marca *Estrela* e sonho de toda criança daquela época. Suas primas mais abastadas possuíam essa boneca, porém ela jamais, nem em sonho poderia presentear suas filhas com essa boneca que custava quase que seu salário de professora. O que mais doía no peito daquela mãe – que vivia de seu emprego e ensinava às filhas os melhores princípios e valores – era ver o desprezo com que as sobrinhas tratavam suas belas e caras bonecas – nem as olhavam – enquanto que suas filhas sonhavam de olhos bem abertos em poder brincar com elas.

Em seu íntimo, bem escondido no fundo de sua alma, a minha amiga prometeu a si mesma que um dia daria de presente – nem que fossem para suas netas as lindas e caras bonecas.

Muitos anos se passaram. O mundo deu mais voltas.

Os sacrifícios, os dias difíceis, as adversidades da vida ficaram para trás. O dinheiro gasto não com *supérfluos*,

mas com a educação de suas filhas valera a pena. Elas cresceram, estudaram, se formaram, casaram e deram àquela mãe, tão esforçada em fazer suas filhas felizes, quatro netas que são os seus amores e mais uma razão para continuar na sua luta. E a promessa que ela fez a si mesma se materializou.

Hoje, os olhos da minha amiga não são mais tristes, ao contrário, brilham de orgulho, satisfação e felicidade quando vê suas netas trocando roupinhas e embalando nos braços as suas belas e caras “amiguinhas”.

*Esta história me foi contada por uma grande amiga, Orcélia, que gostaria de vê-la eternizada em um livro meu.*

Obrigada, Orcélia, pela sua participação na concretização de mais um sonho meu.

# O PASSEIO

**E**ra uma ensolarada manhã de meados do mês de dezembro. As duas tinham saído logo cedo para fazer compras de natal. As ruas estavam apinhadas de gente apressada também fazendo suas compras natalinas. Elas já haviam entrado em várias lojas e comprado um punhado de presentinhos. Continuavam caminhando de mãos dadas pelas ruas apreciando a beleza da decoração das inúmeras lojas. Estavam felizes. Os olhos de sua neta brilhavam de alegria até o momento em que aquele dia havia se tornado um dia perdido para aquela avó antes tão feliz.

De repente, ao dobrarem uma esquina, depararam-se com algumas pessoas reunidas em torno de algo. Aquilo chamou a atenção das duas que pararam para olhar também. A cena era chocante e deixou a avó completamente triste e a neta sem entender direito o que via, no entanto, percebia-se um matiz diferente em seu olhar. Nos olhos de sua neta, havia agora o tom cinza da tristeza.

Em meio àquela azáfama de pessoas andando apressadas pelas ruas em busca de satisfazer seus desejos de consumo, aquela cena triste atingia, em cheio, aquela avó

antes tão feliz. Tentou deixar aquele ambiente e se afastar, no entanto, seu olhar por alguns momentos ficara preso ao olhar daquela mãe que aparentava não ter mais de 30 anos e parecia que já fazia horas que se encontrava naquela posição com a sua filha doente em seus braços – mais morta do que viva – rodeadas de roupas sujas, garrafas secas de água e sobras de comida.

As pessoas passavam apressadas e muitas não se davam ao trabalho de olhar e nem tão pouco se sensibilizar com aquela situação, preocupadas apenas consigo mesmas e com seus problemas. Mas, para aquela avó feliz que fazia compras com sua neta cheia de saúde, o dia tinha perdido todo o seu colorido e encanto.

Continuaram a caminhar pelas ruas, contudo, o semblante triste daquela mãe sofredora com a filha doente no colo, não saía de seu pensamento, era a imagem viva da “*Pietà*”, a *Virgem Maria com o Jesus morto em seus braços*. Aquela cena impregnou-se em sua memória e ela já não conseguia sair pelas ruas comprando presentes de natal enquanto aquela outra mãe sofria naquela calçada imunda.

Tão solitária em sua dor. Tão abandonada e triste. Subitamente, a avó ergueu o olhar e avistou uma lanchonete. Saiu com a neta. Entraram na lanchonete, pediram dois lanches completos, a avó propôs à neta que fizessem uma doação para a senhora e sua filha que pareciam tão famintas. Era o mínimo que ela poderia fazer, naquele momento, para diminuir o sentimento de desigualdade que tomava conta de seu coração em relação àquela outra mulher tão desafortunada. Não que essa atitude fosse mudar a vida da outra, mas minimizaria, talvez, o sofrimento dela.

No outro dia, passando de carro pelas imediações

daquela rua novamente cheia de gente correndo apressadamente pelas ruas em busca de suas compras, de repente a avó estirou o pescoço e inclinou a cabeça um pouco fora da janela tentando ver aquela sofredora largada e encostada em uma fria parede, com aquele olhar súplice e agonizante da filha em seus braços, a mendigar um pouco de atenção, comida e, talvez, quem sabe, um pouco de carinho.



# O ENSINO PÚBLICO CONTINUA DE LUTO

**R**ealmente, não deixa de ser desolador para mim e para todos os professores do estado da Paraíba ler nos jornais a triste manchete: “ALPB mantém veto à MP dos professores”.

É triste ver que a Educação foi novamente, e mais uma vez e sempre, posta de lado e que, infelizmente, continua sem ser levada a sério. Quanta expectativa! Quanta espera! Quanto entusiasmo e quanta esperança vã! Mas, como diz o ditado: “Se eu me calar as pedras falarão”. E é por isso que como professora indignada e extremamente triste, sinto-me no dever de também falar alguma coisa sobre esse triste resultado. Resultado que, certamente, será tema das várias discussões hoje, e por muitos dias ainda, entre os professores nas escolas públicas do nosso “pobre” Estado. Pobre Estado sim, que continua cego, que não quer abrir os olhos e que infelizmente, continua querendo que o povo continue refém de seu poder.

Torno a repetir. Coitada da educação. Coitados de nós, professores desse país.

Como esperar melhoras na educação? Como esperar que haja aprendizagem e que o nosso IDEB cresça, quando os professores são, assim, tão massacrados na sua dignidade? Será que nós não temos direito a um piso salarial decente? Até quando seremos deixados de lado como profissionais sem nenhum valor? Até quando teremos de ficar assim: indignados, tristes, e desmotivados? O leitor que lê meus livros vai dizer: “já li essa frase”. E eu digo: é verdade, já leu mesmo, porque eu sempre fico indignada com tanto desprezo por nossa classe e sempre falo e falo e falo.

Completerei 25 anos de carreira, em vias de me aposentar e continuo assistindo ao descaso com o maior bem que se possa ter, que é a educação. Posso falar com propriedade que o resultado desta atitude dos que mantêm o poder neste Estado, muito em breve se manifestará nas salas de aula.

Infelizmente, o que vamos ver nos dias subsequentes a esse veto à MP dos professores será uma insatisfação generalizada em todos os sentidos. Professores insatisfeitos, desanimados, desmotivados, tristes e cansados. Cansados de esperar a valorização tão sonhada. E qual a consequência de tudo isto? De tamanho descaso? É o que vamos ver, certamente. Indicativos de greve e paralisações em todas as escolas, uma vez que esta é a única maneira que temos para nos defender diante de um descaso desta natureza. Claro que esta pode até não ser a melhor alternativa, no entanto, certamente, é a única que nos resta.

Não nos causa surpresa a falta de professores nas escolas.

Posso até estar falando bobagem e espero que sim, mas, provavelmente, nos anos vindouros, a tendência é essa tão nobre profissão deixar de existir. Afinal, as pessoas

precisam se sentir valorizadas em sua profissão e ao que tudo indica isso jamais se tornará uma realidade no universo da educação onde a violência se instalou não dando sinal algum de que será controlada; onde as escolas estão caindo aos pedaços e a indisciplina generalizando-se.

Como estou cansada de repetir isso!

Só nos resta mesmo é esperar. Talvez, quando estivermos caducando, arrastando-nos pelos corredores das escolas – porque aposentadoria é uma palavra que muitos professores nem gostam de ouvir já que seus míseros salários irão diminuir ainda mais – a tão esperada “valorização” chegue para todos nós.

Eu, particularmente, não acredito nenhum pingão nisso.



# SILÊNCIO MORTAL

**E**stava comemorando meu aniversário, naquela noite do dia 27 de janeiro de 2013, em Campina Grande quando soube do que estava acontecendo na *Boite Kiss* em Santa Maria no Rio Grande do Sul através do *facebook*.

Gritos, fumaça, desespero. Nesta madrugada terrível, centenas de jovens estudantes corriam em pleno desespero, esbarrando uns nos outros, apavorados e sufocados numa tentativa surreal de salvar suas frágeis vidas. Saíram de suas casas felizes em busca de alegria e felicidade e encontraram a morte da maneira mais trágica possível.

Claro que comemorei o meu aniversário, mas confesso que de maneira alguma minha alegria foi completa, pois quando pensava naquelas centenas de jovens mortos por asfixia e muitos ainda nos hospitais lutando por suas vidas, uma nuvem de tristeza tomava conta de mim, pois me colocava no lugar daqueles pais e mães desesperados que procuravam naquele amontoado de corpos reconhecer um filho ou uma filha tão querido(a) e amado(a) e imagino a dor e o sofrimento deles por tão imensa perda.

Dá uma tristeza danada saber que a vida de tantos jovens

cheios de projetos a realizar fora ceifada de maneira tão trágica. É triste demais pensar que seus pais não ouvirão mais vozes, suas risadas, seus passos dentro de casa, o toque de seus celulares. Não mais sentirão o roçar de seus lábios em suas faces num beijo de despedida. A cadeira, à mesa, estará vazia e a cama não desfeita pela manhã. É triste pensar que seus pais não mais os verão folheando seus livros escolares, navegando na internet em seus computadores, conversando com seus amigos nas redes sociais.

Tudo isso ficará para trás.

A fumaça maldita que tomou conta de seus pulmões silenciou-os para sempre. Só não vai silenciar a batida dos corações sofridos e partidos dos pais que nunca nem jamais os esquecerão.

O país está de luto. A cidade de Santa Maria está desolada. É impossível não se sentir tocado. Nem é preciso ser pai e mãe para se sentir emocionado diante de uma tragédia deste tamanho. 231 jovens arrancados dos braços de pais e mães que talvez nem tenham tido a oportunidade de abraçarem ou beijarem seus filhos pela última vez.

Cuidemos, pois, para que os ambientes públicos de nossas cidades, não só casas de shows, mas outros lugares, também, tenham toda a segurança que todos nós cidadãos merecemos a fim de que tragédias como essas não se repitam jamais.

## PARA UMA AMIGA

**D**ias atrás, recebi a triste notícia de que a “Indesejada” estava espreitando, cercando por todos os lados sem dar nenhuma trégua a uma grande amiga e que foram dias de intensa luta entre uma guerreira e “Ela”. Soube que minha amiga lutou com unhas e dentes – numa luta desigual – em que “Ela” saiu vencedora.

Já li em algum lugar que *“a morte é uma piada”*. Fiquei pensando comigo mesma que minha amiga adorava uma piada. Parece que estou ouvindo seu largo sorriso, sua risada alta e contagiante quando contava ou ouvia uma boa piada. Fiquei pensando ainda com meus botões “que pena que dessa vez foi minha amiga quem riu primeiro”. A morte mais uma vez tinha levado a melhor.

Morrer, realmente, é uma grande piada.

Chega a ser uma estupidez que uma mulher tão cheia de vida, tão guerreira, tão amante de uma vida saudável, tão generosa, ainda tão necessária para suas filhas e netos, certamente, ainda com inúmeros sonhos e desejos a realizar tenha sido levada assim, de supetão, sem mais nem menos.

Que saudades de você Susana! Quantas lembranças de quando éramos vizinhas e nossas filhas cresciam juntas.

Que saudades de nossas festas de São João no Clube Campestre, de você com sua alegria contagiante rodopiando nos salões. Que saudade de sua personalidade forte, de suas manias de tudo limpo e tudo organizado, de suas pilhérias, de suas piadas, e principalmente de sua alegria; de suas contradições, de sua personalidade dualista: ao mesmo tempo santa e profana, acendendo uma vela para Deus e outra para o Diabo, mas o seu lado santo sempre prevalecendo em bondade e generosidade para com os mais humildes, sempre pronta a ajudar e, por isso, tão amada por todos.

Ria dos outros e de si mesma. Tenho certeza de que deve ter rido “Dela” também, da “Indesejada das Gentes”. Parece que ouço você dizendo: *Porra, isso é hora de você chegar, não dava para me deixar mais um pouco por aqui?*

Essa era você, Susana.

Senti muito em não estar presente no dia em que você nos deixou. Por ironia da vida, naquela manhã, enquanto eu estava sentada em uma cadeira de avião atravessando as nuvens sempre subindo... subindo, você estava descendo à sua última morada. Que ironia! Passei toda a viagem pensando e rezando por você; refletindo sobre este momento e sobre a efemeridade da vida, em como somos um grão de areia, como somos pequenos diante da grandeza do universo que eu vislumbrava de minha janelinha, porém tinha certeza absoluta de que você, naquele momento, já se encontrava em uma altura bem maior do que a que eu estava, certamente, naquele momento, você já estivesse realmente no céu alegrando a todos que lá já se encontravam.

Por isso, devemos viver a vida como você viveu, Susana. Com alegria, procurando vivê-la usando a expressão latina *Carpe Diem*: que significa viver cada momento como se

fosse o último. Viver o presente porque, *quando...*

A Indesejada das gentes chegar<sup>2</sup>

(Não sei se dura ou caroável)

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:

- Alô iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer,

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar (BANDEIRA).

Este poema é para você, Susana, tenho certeza de que  
você iria gostar dele.

*12/10/2014.*

---

<sup>2</sup> Poema "Consoada" do poeta Manuel Bandeira.



# DEMOCRACIA! ESSA NÃO!

A ssisti, dias atrás, a um vídeo publicado no facebook que mostrava uma entrevista com a escritora Adélia Prado. Nele, ela deixava os jornalistas sem palavras e se mostrava indignada com os descasos de nossos governantes com relação ao nosso país; com a falsa democracia – como ela mesma rotulou o nosso regime político. Não há como não concordarmos com ela. Isto é, pessoas comuns como nós, simples mortais, que não compartilhamos com essa corja que está destruindo o Brasil.

Impossível não se indignar. Impossível não se revoltar. Se calar? De maneira nenhuma. O silêncio, a indignação e a revolta precisam ser expressos em palavras urgentemente, mesmo que não sirva de nada. É impossível se ficar calado diante do que vemos e lemos todos os dias pelos meios de comunicação.

Como Adélia mesma disse: *“o mal no Brasil está tão transparente que não adianta mais apelar”*. Antes as pessoas comuns, poetas, cantores, intelectuais, escritores, mesmo com o regime de ditadura, não se acovardavam,

não se omitiam diante dos malfeitos do poder. Iam às ruas, denunciavam através de seus textos, seus poemas, suas músicas. Hoje parece que as pessoas estão adormecidas, hipnotizadas ou talvez, apenas cansadas. A letargia e a acomodação tomaram conta do povo brasileiro. Já não se tem mais a quem apelar. Vamos continuar a ficar, sim, indignados e revoltados com todas as coisas erradas que temos que ouvir e ver.

Estamos impotentes.

Como não nos indignarmos quando tivemos conhecimento dos desvios de dinheiro que se gastou nos preparativos para aquela bendita Copa do Mundo. Quando sentimos na pele o descaso do Governo com a saúde, com a educação e, principalmente, com a segurança de inúmeros filhos dessa nação sem comando. Como não nos revoltarmos com esse abuso de aumento da gasolina, dos impostos cobrados de todos nós – cidadãos trabalhadores – quando sabemos que esses impostos não são devidamente repassados para onde deveriam. Não é justo que todos esses milhões e até bilhões caíam diretamente nos bolsões gulosos desses malditos corruptores e nada seja feito para impedi-los. Que país é esse?

Estamos impotentes sim.

É muito triste e angustiante saber que estamos em um ano de eleição e não termos em quem confiar para entregarmos os nossos destinos. Estamos num país sem rumo, sem controle, onde todos que estão no poder só se preocupam com seus próprios interesses. E nós temos que ficar assim, impotentes. Reclamar onde? A quem? Se os mais altos escalões são os que mais se corrompem. Se se vendem abertamente, com as caras mais deslavadas do mundo, muitas vezes rindo de nós, na sua ânsia desenfreada de

lucro e poder?

É preciso que coloquemos a face para fora das janelas e gritemos bem alto – Basta Brasil!!!... Chega de impunidade e de corrupção. Chega de “lava-jato, mensalão, mensalinho e petrolão”.

Será que a solução seria um “Golpe de Estado”? Sei não. Para alguns cidadãos sim, para outros não. Porém, alguma coisa bem radical tem que ser feita, do contrário estaremos nas mãos de milhares de bandidos de pés no chão e muito pior, nas mãos de milhões de bandidos de colarinho branco.

Devemos tentar de todas as maneiras possíveis e com toda nossa coragem e indignação dizer não para essa canalhice que toma conta do país. Devemos procurar encontrar os meios de extirpar de uma vez por todas essa doença crônica que corrói a nossa nação e que se chama CORRUPÇÃO. Perdoem-me os que acham que me repito: eu sei que já escrevi e escrevi e escrevi muito sobre esse assunto, mas eu sempre o retomo aqui porque não me canso de me indignar com ele e parece que a cada dia que passa esse tema se torna mais vivo e mais real.

Enfim, já que somos obrigados a ir às urnas, já que não temos outra opção; vamos sim, mas fico devaneando e rindo com meus botões pensando em como seria bom se todos nós brasileiros – que sofremos nas mãos desses corruptores malditos – anulássemos nosso voto. Todos juntos, sem exceção, mostrássemos a nossa indignação e a nossa revolta contra essa falsa democracia que aí está.  
Sonha Valéria!!!!



# TRISTE CONSTATAÇÃO

**M**ais um dia do professor chegou. Hoje – professora aposentada – resolvi dar minha caminhada matinal no parque da criança. Chegando lá, deparo-me com uma multidão de pessoas entusiasmadas preparando stands para a Semana Nacional da Ciência e Tecnologia. Com muita alegria encontrei as ex-colegas Evannise e Betânea, professoras do Premem, caminhando para o local com as mãos cheias de material para compor seus *stands*. Parei um pouco para falar com elas. Abraçamos, conversamos por alguns minutos e continuei meus passos pelo parque acompanhando a azáfama e a grande movimentação que tomava conta do dele.

Confesso que não fiquei nem um pouco “arrepentida” de ter me aposentado. Rever minhas amigas foi maravilhoso, no entanto, fiquei conversando comigo mesma e pensando em como foi difícil atravessar todos aqueles anos de magistério sempre esperando dias melhores que nunca vieram para mim nem para ninguém. Fiquei pensando no esforço

de minhas colegas para dar uma educação de qualidade aos seus alunos e lembrando que ao ler o Jornal da Paraíba pela manhã, antes de sair para a caminhada, percebi muito tristemente que não havia nenhuma referência ao dia dos professores. Nenhum anunciante, nenhuma autoridade, nenhum cronista do JP fez qualquer alusão ao nosso dia; um dia tão importante. Parece que somos invisíveis para a sociedade. Como é ruim para um país o menosprezo de seus professores. O país que não valoriza a educação nunca se tornará um país desenvolvido. Alguma lição ele perdeu.

Mesmo não atuando mais efetivamente como professora fiquei muito triste em perceber mais uma vez como a nossa classe foi, é hoje, e tenho plena convicção de que sempre será relegada a um segundo ou porque não dizer último plano. Estas minhas colegas são prova viva de que professores mesmo de escolas públicas são, sim, comprometidos com a educação e lutam por ela mesmo sabendo que, muitas vezes, ou porque não dizer, na maioria das vezes, não são reconhecidos e valorizados como merecem.

Por muitos anos, ouvi pessoas leigas dizerem, principalmente em época de greve – direito nosso por melhores salários e condições dignas – que os professores só se preocupam com seus contracheques – por sinal muitíssimos baixos – e, que não prestam uma maior atenção à escola e aos alunos. Como elas estão enganadas! Perdoai-lhes Senhor, pois elas não sabem o que dizem.

Ser professor é um “carma”, pois como é possível que existam pessoas que se submetem a receber tão pouco – não falo apenas de salário, mas de consideração, gratidão, dignidade – e ainda assim escolhem ser professor nos dias atuais, quando sabemos que não há mais respeito à profissão, nem por parte dos poderes públicos, nem por

parte dos próprios alunos. Quando a maioria das escolas encontra-se em situação desesperadora por falta de material didático, de carteiras, de pessoal de apoio e, muitas vezes, até da merenda. O resultado de tudo isso, todos sabem qual é: a tão falada evasão escolar.

E aí? Pergunto-me ainda caminhando pelo parque. Será que os “coitados” dos professores terão alguma coisa para comemorar no seu dia? Vamos comemorar o quê? A discriminação do próprio Governo quando privilegia umas escolas em detrimento de outras? Os desaforos, as agressões verbais e, muitas vezes, físicas, as ameaças de morte que vêm de alunos indisciplinados, rebeldes, muitas vezes, até drogados e que temos de aguentar calados? Vamos comemorar a falta de empenho do poder público em fazer uma boa política a favor da Educação e não a faz? Não sei não. Ficam estas perguntas no ar. Em vista desta realidade nua e crua, o que sobra são alguns de nós com rostos a expressarem tristeza e cansaço.

Acho, sinceramente, que estão faltando motivos para comemarmos nosso dia como merecemos, mas como somos corajosos, comemoremos, sim, o nosso Dia do Professor pelo nosso amor à profissão, pela nossa dedicação, garra e, principalmente, pela esperança de que um dia possamos ter a nossa dignidade de uma vez por todas restaurada. Vamos então professores, e ex-professores, todos nós, esquecermos tudo que sofremos no dia a dia escolar e comemormos com alegria, paz e muita animação. Como dizia Scarlett O’hara: “Amanhã é outro dia”.

*15/10/2014.*



# MEU VELHO SAPATO FURADO

**E**ra uma noite de sábado de um mês qualquer dos anos cinquenta. O circo se encontrava armado na nossa velha conhecida “baixinha”.

A estreia havia acontecido na noite anterior, mas, durante o dia, como era de costume quando o circo chegava à cidade, o palhaço percorria as ruas de Bezerros. Anunciava o espetáculo da companhia com seu instrumento de trabalho que era um megafone de flandres enorme. Por esse megafone, saía o som barulhento de seus berros convidando as pessoas a assistirem ao espetáculo. O artista “mal-amanhado” com suas roupas folgadas e coloridas e com a cara pintada, saía pelas ruas fazendo as suas mungangas e sempre acompanhado por uma multidão de moleques de rua que instigados por ele repetia gritando: *“Hoje tem marmelada? Tem sim senhor... Hoje tem espetáculo? Tem sim senhor... Às oito horas da noite? Tem sim senhor... então arrocha negada. E cantava: “O raio... o sol suspende a lua... olha o palhaço no meio da rua... O palhaço o que é? É ladrão de mulher...”* respondia a molecada.

As pessoas deixavam seus afazeres e saíam à porta de suas casas, outras se debruçavam alegres nas janelas e curiosas para saberem que atrações eles tinham a oferecer aos amantes da arte circense. A única diversão propriamente dita que havia em Bezerros, àquela época, era o cinema de seu Eurico, e quando não, as pessoas se entretinham com as retretas tocadas pela banda musical Cônego Alexandre no coreto da Praça da Matriz nas tardes de domingo.

E era só.

Voltando ao assunto do circo, havia um aspecto interessante. Acontecia que os meninos que acompanhavam o palhaço na publicidade do circo recebiam uma marca de tinta no braço que lhes garantia a entrada para assistir ao espetáculo. Para a tristeza de um certo menino, sua mãe Dona Augusta jamais deixava que seus filhos se prestassem àquele papel, mesmo sabendo que a entrada deles seria gratuita. Dizia ela que aquela tarefa ficava por conta da molecada que perambulava pelas ruas.

Mas o menino não se conformava e queria assistir ao espetáculo de qualquer maneira e, para isso, usou de astúcia para garantir a sua entrada. Foi assim que fez uma visita surpresa à sua tia e madrinha Alzira que trabalhava na prefeitura. Quando ela o viu cabreiro, cabisbaixo, com aquela cara de quem não quer nada e querendo, fez de imediato a leitura “essa alma quer reza”. “é o circo num é”? Não deu outra... O menino saiu em disparada, desceu a ladeira da prefeitura, passou pela rua do comércio, entrou no beco da casa Nery, passou pelo enchimento de Zé Leão, subiu a ladeira do barracão de farinha saltitando entre os pedregulhos com o calcanhar batendo na bunda e o dinheiro, enfim, no bolso. Chegou à venda de seu Manuel Lira se mostrando

e fazendo inveja a todos os amigos da rua.

A noite chegou.

Aqueles que não conseguiam entrar para assistir ao espetáculo ficavam do lado de fora escutando, invejosos, as gargalhadas dos “felizardos” que estavam do lado de dentro. Dizia-se que essas pessoas ficavam “no sereno do circo”. Alguns moleques no auge do desespero tentavam enganar os vigias cruzando a cerca de arame farpado e tentando entrar por baixo da empanada, o que, decididamente, não era o caso de nosso menino que todo satisfeito entrou na fila e, sentindo-se o tal, tirou o ingresso do bolso e entregou ao bilheteiro.

Acomodou-se no poleiro.

Mas, para compensar a perda da visão do palco devido à distância, procurou um lugar que ficasse bem em frente ao picadeiro.

Na hora marcada, e aos poucos, as cortinas foram se abrindo. O locutor oficial da companhia saudou o respeitável público naquele seu vozeirão e anunciou as atrações. Primeiro, apresentavam-se os palhaços, depois os acrobatas, as bailarinas, os equilibristas e, por fim, os trapezistas. Mas, a tônica da apresentação ficava reservada ao mágico Professor David que fez uma sessão de hipnotismo, o que não era comum em circos.

Num determinado momento da apresentação, o Professor David, com seu sotaque latino-americano, convidou as pessoas a serem hipnotizadas e prometeu que a entrada no domingo seria gratuita a quem se dispusesse a ser hipnotizado. Alguns se dispuseram, lógico, os de menor poder aquisitivo. E, claro, nosso menino estava entre eles.

Nosso menino – como todo nordestino e como tantos Severinos – era pequeno, raquítico, cabeça grande, pançudo,

orelha de papafigo e contava apenas nove anos. Não se sabe se pelo seu porte físico ou por sua natural beleza, o fato é que no meio de tanta gente o mágico o escolheu. Ficou em pé se equilibrando na tábua estreita do poleiro vendo a hora se esparramar por entre as finas tábuas e obedeceu ao que ordenava o mágico. Distante alguns metros, o mestre deu um comando referindo-se ao menino, convidando-o a se dirigir ao palco.

Já sob o efeito hipnótico, o menino desceu os degraus do poleiro a passos lentos, olhos fechados, e, sob a vista de todos os presentes, com as duas mãos entrelaçadas por trás da cabeça, passou pelas cadeiras e pelo picadeiro e subiu até o palco totalmente dominado por aquela magia. Tudo se passava na sua mente como se fosse um sonho bem distante, mas, ainda hoje, guarda-o vivo em sua memória.

Jamais esqueceu que o mágico o deitou numa mesa, depois colocou seu corpo entre duas cadeiras: em uma, colocou seus pés e na outra, sua cabeça. Após pronunciar algumas palavras, retirou as cadeiras bem devagar, uma a uma, e pasmem... lá estava nosso menino suspenso no ar. O mágico passava uma argola pelo seu corpo mostrando que nada o estava segurando, desafiando e fazendo ver que a lei da gravidade tem lá as suas exceções. Com outros comandos, fê-lo rodar lentamente virando a cabeça e depois os pés para a plateia. Aquela cena inusitada calara todos os presentes.

Não se ouvia um só ruído.

O silêncio era sepulcral. Mas, no momento em que seus pés se viraram para o público, o silêncio foi interrompido por risadas que começaram a surgir em meio aos espectadores. Seus pobres e velhos sapatos, desgastados pela ação do tempo, estavam furados, e a meia de algodão que ele

usava saía pelos buracos do solado. Isso, naturalmente, não fazia parte do espetáculo, mas o povão adorou e a estas alturas se desmanchava em gargalhadas o que impedia até a concentração do velho mágico. Fazer o quê? Circo é sinônimo de alegria e as pessoas estavam ali para se divertir independente do que estivesse ou não no *script* e mais que, naquela época, não se dava importância ou mesmo não se conhecia o que chamamos hoje de “constrangimento”. Suas irmãs que estavam em frente ao palco ficaram mortas de vergonha e com medo de que nosso menino se arrebetasse no chão. Sorte que o ilusionista não era de *marré deci*.

No dia seguinte, o que se comentava de maneira debochada em toda a cidade era a levitação de nosso personagem. Apesar do episódio insólito em que ele ficou suspenso no ar, os seus sapatos furados, decididamente, roubaram a cena, passando a ser o principal dos comentários nas rodas de amigos, na calçada do barracão de farinha, no campinho de João Mingonga, na venda de seu Manuel Lira, na barraca de Joaquim Saroba, na bodega de seu Tota e até no alto do “chamego” não se falava noutra coisa.

O nome do circo não importava.

O que importava é que qualquer um que chegasse à cidade encontrava milhares de pessoas carentes de diversão e ansiosas para darem boas risadas. Mas, quando o circo partia em caravana, deixava um imenso vazio no coração de cada uma delas.

*Recife, 24/04/2013.*

Quero deixar claro aos meus queridos leitores que este texto, na íntegra, foi escrito por Léo – faz parte de suas memórias. Um leitor observador verá que “nosso menino”, personagem desta bela história, é o próprio autor e está

aqui em meu livro entre minhas crônicas e contos por um pedido meu.

Por: Aureliano Alcântara - mais conhecido por todos como Léo de Dona Augusta.

Obrigada Léo. Espero que muito em breve você também esteja publicando seu livro de memórias.

# EDUCAÇÃO EM PAUTA

**É** com alegria e com uma grande expectativa que estou acompanhando pelo Jornal da Paraíba a série “Educação em Pauta”, um projeto lançado pela Rede Paraíba de Comunicação que vai mostrar à população os aspectos positivos e negativos que norteiam a Educação no estado da Paraíba.

Segundo a editora executiva do Jornal da Paraíba, Angélica Lúcio, este é um tema que, sem sombra de dúvidas, provocará muitas discussões, no que eu, particularmente, concordo, uma vez que senti na pele todas as mazelas que a educação – tanto municipal quanto estadual – sofre em nosso Estado.

Fui Professora de Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino por vinte e sete anos e posso falar com propriedade sobre os desmandos e descasos pelos quais passamos nas escolas públicas. Sou também escritora de crônicas – muitas das quais publicadas no Jornal da Paraíba graças ao apoio de Angélica Lúcio – e nelas sempre revelei a verdade nua e crua sobre como é tratada a educação em nosso

Estado. Sempre ressalttei a falta de cuidado com a estrutura física das escolas. Nunca vou esquecer um dia de reunião de pais em que um senhor me dizia que as dependências do presídio do Serrotão eram mais agradáveis do que o pátio da nossa escola. Confesso que aquilo me deixou muito triste e chocada. Senti muita pena de mim e de meus alunos.

Em meus textos, nunca deixei de falar sobre a falta de professores qualificados para exercerem tão nobre missão, a falta de interesse dos gestores públicos e a falta de “vontade política”. Sei que estou usando um clichê, mas, nesse caso, é o jeito. Sempre me preocupei com o alto índice de analfabetismo, com a reprovação, com a evasão escolar, com nossos salários desmotivadores e, principalmente, com a indisciplina e a violência a que somos submetidos e com as quais tivemos que aprender a conviver. Os poderes públicos não se interessam nem um pouco por nós professores nem pelas crianças e jovens tão necessitados dos ensinamentos que os libertarão para uma vida digna. Infelizmente, meus textos eram só um grão de areia nesse mar de desrespeito para com um setor tão importante na vida de qualquer pessoa.

É verdade que não só existem pontos negativos nas nossas escolas públicas, mas os pontos positivos foram muito poucos e mesmo os que ocorreram foram graças ao interesse e dedicação de cada professor que procurava fazer o melhor com os poucos recursos que chegavam à escola. Foi por tudo isso e, principalmente, pela violência avassaladora, que atinge grande parte das escolas brasileiras, que me vi “forçada” a requerer a aposentadoria por tempo de serviço; mesmo me sentindo no auge da saúde física e mental e ainda tendo muito a oferecer para o crescimento intelectual de muitos jovens.

Mas cansei... cansei de esperar dias e anos por algo que pudesse melhorar a nossa vida de professor e consequentemente a vida deles, dos inúmeros jovens que sonham por uma vida melhor, uma vida digna que é o que todos merecem e que reza a nossa Constituição; mas até isto lhes é negado. Só um milagre faria essa situação mudar.

Agora, mesmo aposentada, vou acompanhar e torcer, mas torcer muito para que neste ano eleitoral que se avizinha, essa série de reportagens possa provocar mesmo e, quem sabe, até, sensibilizar os gestores públicos e a sociedade em geral para que fiquem atentos ao tema e procurem, enfim, mudanças, projetos e soluções.

É preciso que o esforço impetrado pela Rede de Comunicação e por todos os veículos ligados a ela não fique apenas no papel, mas dê muitos frutos para a nossa sociedade.

*12/09/2014.*



# A HISTÓRIA DE ALICE

Vitória de Santo Antão, Pernambuco, 23 de junho de 1945. Véspera de São João. As ruas enlameadas da chuva não deixam de ter em frente às suas casas simples de porta e janela uma fogueirinha para saudar o Santo do dia. Mesmo que estas fogueirinhas sejam feitas com restos de portas e janelas velhas, as chamas não vão deixar de arder e esquentar esta noite chuvosa e fria, porém envoltas no manto da alegria que todos os anos desponta nesta época, embalada pelo forró. No ar, aquele cheirinho de comida de milho.

Mas, apesar de tudo parecer estar em festa, encontramos, neste cenário festivo, a figura abatida e deprimida de Alice andando de um lado a outro naquelas ruas pouco movimentadas de Vitória. Ela está a divagar como poderá ser sua vida longe dali; e como conseguirá ir embora se não tem recursos, mal tendo o que vestir e não conhecendo ninguém em Recife para onde pretende ir. Quem irá lhe dar algum abrigo? Apesar de muito jovem ainda, pouco mais de 17 anos, Alice aparentava mais idade. Era uma negra

alta, de belas ancas. Seus cabelos crespos eram bem tratados e o seu rosto tinha uma expressão forte, com lábios grossos que emolduravam um sorriso franco.

Seus olhos grandes e amendoados demonstravam uma curiosidade latente por aquele mundo além de Vitória. Mas, algo dentro de si a alertava quanto a esse mundo que tanto ansiava. E foi assim mesmo, em meio à curiosidade e ansiedade para viver o novo, que Alice decidiu partir dali a dois dias num caminhão carregado de farinha com destino a Recife.

Tinha prometido a si mesma que era o que faria caso sua mãe morresse, e foi o que aconteceu no dia vinte daquele mês. Também ali, em Vitória, ela não tinha mais ninguém na vida. Em Recife, poderia trabalhar em qualquer coisa. Muito tinha aprendido com a mãe. Poderia cozinhar, passar, lavar e até cuidar de crianças. Mas tinha prometido a si mesma que tudo faria, menos roubar e se prostituir.

Alice não era apenas bonita, tinha também um bom coração, ótimo caráter e era muito religiosa. Não foi difícil conseguir a permissão do Severino para viajar num cantinho da carroceria do seu caminhão junto com a farinha que estava sendo levada para A CEASA (Centrais de Abastecimentos). Ela levava consigo duas mudas de roupa e uma única toalha. Apesar dos seus receios quanto ao futuro, tinha esperanças de uma melhora de vida.

Alice era analfabeta, mas, ao mesmo tempo, dotada de uma sabedoria que falta a muitos que estudaram toda a vida. Seu pensamento e sua preocupação eram apenas: para onde ir quando chegasse a Recife? Onde iria dormir sua primeira noite naquela cidade que todos lhe diziam ser uma cidade grande e perigosa?

Durante a viagem, Alice ficava imaginando que iria de

casa em casa oferecendo seus serviços. Mas, será que conseguiria? Confiariam numa pessoa como ela? Era negra e muito jovem. As pessoas poderiam pensar que ela não tinha a experiência necessária por causa de sua pouca idade; e para piorar, ela nunca havia trabalhado numa casa de família antes, ou seja, não tinha referências.

Estes pensamentos faziam seu coração bater mais rápido e o medo do futuro aumentar. E foi em meio a estes pensamentos, que Alice percebeu estar diminuindo a velocidade do caminhão em que viajava, até ele parar e estacionar num daqueles postos de combustível de beira de estrada.

Severino aproximou-se da carroceria do caminhão e dirigiu-se a ela, explicando-lhe que havia parado por não estar passando muito bem de saúde. Alice ficou apreensiva, mas procurou logo saber o que aquele homem estava sentindo. Ela se mostrou muito solidária, solicitando ajuda das pessoas do posto, providenciando chá e remédio para dor. Algumas horas depois, Severino já se sentia bem melhor e agradecido a Alice por seus cuidados.

Como forma de reconhecimento por tudo que aquela menina lhe proporcionara quando estava mal, Severino a convidou para continuar a viagem junto com ele na boleia do caminhão. Ela aceitou o convite bastante emocionada, pois nem achou que havia feito nada de especial, já que ajudar as pessoas que precisavam dela era uma rotina em sua vida. De qualquer forma, ficou feliz, já que ali não sentiria tanto frio. Agora que relaxava um pouco mais, os pensamentos anteriores aos últimos acontecimentos voltavam a atormentá-la.

A certa altura da viagem, Severino puxou conversa com Alice, perguntando-lhe para onde exatamente ela estava indo, ou seja, onde iria morar em Recife, e se estava indo

para trabalhar em algum lugar. Ela ficou muito silenciosa logo que Severino fez estas perguntas. Quando quis começar a lhe responder, gaguejou mais que falou.

Nesse momento, aquele homem percebeu de imediato que aquela menina, tão jovem e inexperiente, não tinha nenhum lugar certo para morar, e muito menos para trabalhar. Ele temeu estar diante de mais uma pobre órfã que estava prestes a se tornar outra, dentre tantas prostitutas naquela cidade grande. Comovido, Severino começou a pensar numa forma de ajudar aquela menina naquela sua empreitada.

À medida que o caminhão se aproximava mais de seu destino, Alice ficava ainda mais introvertida e com um semblante de preocupação que era facilmente percebido por aquele que a acompanhava naquela viagem

Severino era um bom homem, com setenta e poucos anos, sabia o bastante da vida para sentir-se receoso como estava naquele momento; mas estava decidido a ajudar aquela menina de todo jeito.

O caminhão chegou a Recife perto da primeira hora da tarde. O tempo estava nublado e quente. Alice perscrutava todo seu entorno com olhos curiosos e ansiosos. Percebendo que a menina pegava sua pequena mochila e se preparava para descer do caminhão, antes mesmo que ela abrisse a boca para lhe agradecer pela viagem, Severino se antecipou e a convidou para um lanche. Faminta como estava, ela não tardou em aceitar o convite.

Caminharam até uma pequena barraca onde serviam refeições simples para o pessoal que trabalhava na CEASA, e para aqueles que ali se encontravam para negociar, como era o caso de Severino. Durante a refeição, aquele homem se animava a conversar com Alice. Ele, àquelas alturas, já

havia matutado uma ideia para ajudá-la nesse seu início de vida nesta nova cidade. Após a refeição, Severino a levou até o comerciante que havia feito o pedido da carga. Chegando ao galpão de farinha, ele procurou o responsável, passando em seguida a adentrar o galpão em busca de Bila, um negro alto, sujeito bonachão, de sorriso largo e bastante simpático. Alice, ao lado de Severino, perguntava-se porque ainda estava ali, afinal de contas, as horas estavam a passar, e ela nem sequer imaginava onde passaria aquela noite. Foi quando Bila a percebeu e, de forma bastante amável, aproximou-se daquela mulher, olhando-a de cima a baixo. Seus olhos brilharam tanto ao fitar Alice que ela se sentiu constrangida. Nesse mesmo instante, aproximou-se deles Arthur José, o filho mais velho de Bila, que assim como ele, também observou a presença daquela moça, e tal qual seu pai, sentiu-se muito atraído pela beleza daquela estranha que ali chegava pelas mãos do velho Severino.

O velho caminhoneiro não tardou em explicar o verdadeiro motivo de estar a procurar Bila. Sabia ele que este poderia vir a ajudar Alice. Pensava que Bila tinha todas as chances para encontrar uma casa onde ela pudesse trabalhar como empregada doméstica e, assim, ter onde morar e também a oportunidade de ter vida digna, quem sabe até podendo vir a estudar.

Depois de explicar toda a situação de Alice para Bila, ele prontificou-se de imediato a colaborar. Pediu algumas horas para vir com uma solução. Severino confiava naquele negro. Alice, por sua vez, começava a vislumbrar uma luz no fim do túnel, e tudo o que tinha a fazer, naquele momento, era rezar e esperar. Bila pediu ao seu patrão para dar uma saída, prometendo não se demorar e então se dirigiu para a casa do prefeito de Olinda. Chegando lá, pediu para

falar com a dona da casa que o conhecia e por quem tinha grande consideração. Ao pedir o emprego para Alice, Bila o fez explicando àquela mulher, que ela não estaria empregando qualquer uma, mas aquela que seria sua esposa, pois estava convicto de que iria casar com Alice. Enquanto isso, Alice estava quieta num canto, pensativa, imaginando que a qualquer momento Bila chegaria. Então, ela imaginava e se perguntava: chegaria aquele homem sério e ao mesmo tempo amável, com alguma boa notícia para ela? No momento em que passava por sua mente reflexões como esta, foi interpelada por Arthur José, filho de Bila, que com um sorriso no rosto, tentava se aproximar mais uma vez dela, querendo quebrar um gelo que até ali existia apenas pela apreensão de Alice quanto ao seu futuro.

Apesar de sua pouca idade, aquela menina pôde perceber o interesse daqueles dois homens por ela. Mesmo não estando concentrada em assuntos desse tipo naquele momento, pensava estar sendo alvo do interesse masculino, por dois homens que eram pai e filho, era uma situação que poderia causar no futuro algum conflito, e para ela, que estava tentando começar uma nova vida numa cidade grande e estranha, não era exatamente disso que estava precisando. No entanto, Alice sentiu seu coração acelerar ao encontrar os olhos de Arthur José. Percebendo aquela situação, Severino diz a Alice que é melhor eles esperarem Bila voltar ao local onde estava estacionado o caminhão.

Alice aguardava ansiosa ao lado de Severino. Já começava a escurecer quando Bila retornou e os procurou com a boa nova. Havia conseguido um trabalho para Alice na casa do prefeito de Olinda. Trabalharia como ajudante da empregada doméstica de lá. A menina pôde sentir um compromisso atrelado aquele trabalho, e estava certa. Apesar

de muito agradecida, sentiu-se um pouco desconfortável naquela situação. Sabia que o coração não pensa, apenas sente, e, naquele momento, sentia seu coração bater por Arthur, mas percebia que o coração de Bila era por ela que batia. Alice temia ter que se comprometer por gratidão.

Naquele momento, estava selado o destino de Alice. E longe de ser um final feliz de contos de fadas, o que a esperava era uma vida de sacrifícios enquanto trabalhou na casa do prefeito. Depois que saiu de lá, não foi menos difícil, viveu a lavar roupa para fora, fazer faxinas, acompanhando idosos doentes e abandonados por seus parentes; vendeu balas e até houve momentos em que precisou mendigar pelas ruas daquela cidade em que um dia sonhou ter uma vida melhor.

O negro Bila, longe de ser um príncipe encantado, amou Alice como pôde. Era um homem vinte anos mais velho que ela, e já com alguns vícios como o da bebida. Não conseguiu de Alice o amor que tanto desejou. Ela o amou mais como se ama a um protetor, e escondeu dele, por toda sua vida, o que sentia por Arthur José. E este vendo que a tinha perdido para o seu próprio pai, seguiu sua vida como caminhar, sem pouso certo. Teve vários amores, mas nenhum como o que sentiu por Alice, o único amor que fazia seu coração palpitar mais forte e ver a vida com um colorido todo especial.

Do seu relacionamento com Bila, Alice engravidou de uma menina e depois de um menino, morrendo a menina ainda bebê, de uma queda dada pelo pai quando chegou em casa bêbado.

Hoje, Alice aos oitenta e sete anos, continua analfabeta, é viúva e mora na companhia de seu filho José Pretinho, que a trata com carinho, respeito e o cuidado que ela tanto

merece. Alice, apesar da vida dura que teve, e de hoje não ser menos pobre do que foi, cumpriu sua promessa a si mesma, não tendo nunca se prostituído e nem roubado. Com a idade avançada que tem, e sofrido como sofreu, é um milagre não ter se tornado amarga, pelo contrário, é de um bom humor contagiante. Quem a conhece não a esquece jamais, devido a alegria que carrega dentro de si, mesmo tendo levado uma vida tão limitada. Ela é um exemplo de vida para qualquer pessoa.

Esta narrativa foi escrita por Wanusa Xavier Pinto a pedido da própria personagem.

Obrigada, Minha irmã.

# MELHOR IDADE. SERÁ?

Falta pouco tempo para que eu complete meus sessenta anos. Grande parte das mulheres que conheço amigas ou não sempre se recusam terminantemente a divulgar sua própria idade. Nunca tive esse problema. Sempre assumi meus anos de vida com muita tranquilidade. Não quero com isso dizer que adoro “envelhecer”, claro que não. É impossível acordar todas as manhãs, olhar-se no espelho e não perceber a passagem do tempo, mas confesso que o aparecimento das indesejadas ruguinhas e a falta de colágenos que provoca a tão temida flacidez que nos faz amolecer como uma fruta madura não me tiram do sério, nem a vontade e alegria de viver, pois as encaro como provas de que ainda estou viva. E é por isso que, há alguns meses, com muito tempo sobrando por causa da aposentadoria, senti necessidade de voltar à academia de ginástica, não só para “ter o que fazer” como também para sair um pouco do sedentarismo, fazer novas amizades e me sentir mais viva ainda.

Nada como uma boa academia para a gente se redescobrir.

Praticando exercícios, em meio àquela animação na companhia de mulheres jovens e também senhoras de meia idade como eu, percebo e sinto no corpo e na mente como vale a pena viver. Afinal, como diz a expressão latina “mens sana in corpore sano”. E é isto que estou tentando fazer.

Ao ver aquelas jovens de corpos bem feitos, confesso que me bate uma saudade imensa do meu corpo de mocinha e digo com sinceridade que dá uma vontade danada de voltar a ter aquela cinturinha de pilão que nunca tive. Então, de repente, a ideia de me submeter a uma nova cirurgia plástica se instala na minha cabeça e quando uma ideia entra na minha cabeça é difícil de sair. E, assim, os dias vão passando e a ideia fixa persiste. Converso com umas amigas, converso com outras, ouço a opinião de umas, pondero, ouço a opinião de outras, mas a ideia continua lá, martelando em minha cabeça. Como eu gostaria de ter a minha cintura de volta. Ficava sonhando.

É verdade que não sou mais tão jovem fisicamente como gostaria. Estou em vias de completar sessenta anos, mas meu espírito parece que parou no tempo, sinto-me com trinta ou quarenta anos. O meu humor, a alegria de viver, o sorriso fácil, a vontade de dançar e de me divertir não acabaram com a passagem dos anos.

Mas, por incrível que possa parecer, um simples texto de Lya Luft, escritora pela qual tenho a maior admiração e que me influenciou muito na escrita de meus próprios textos, fez-me tomar a decisão que eu tanto adiava. O título do texto era “Mudança” e, nele, a autora nos mostrava que *“a fonte da juventude eterna” não está necessariamente nas inúmeras cirurgias estéticas que fazamos, mas, nas mudanças que nos propomos para melhorar nosso estilo de vida.* Como ela mesma dizia no texto – e que eu estou

pronta a concordar – *as cirurgias estéticas não dão conta de tudo. Não basta você se repuxar toda se não mudar sua cabeça, seu comportamento diante da vida e da passagem do tempo.*

Bingo. Era isso que eu precisava ouvir.

Após ler esse texto de Lya, cheguei à conclusão de que deixar minha cintura mais marcada, a essa altura do campeonato, de maneira nenhuma iria fazer com que eu me sentisse mais jovem do que me sinto. Abri bem os olhos e a mente e vi que a minha juventude não estava nas transformações que eu possivelmente viesse a fazer no meu corpo ou no meu rosto, mas nas mudanças que eu pudesse fazer na minha cabeça. Percebi que a minha felicidade futura e o meu bem-estar não vão de modo algum estar nas curvas do meu corpo de jovem senhora entrando na “melhor idade”, mas nos projetos de vida que eu deverei traçar a partir deste momento para atingir as metas a que me propuser para continuar vivendo da melhor maneira possível os anos de vida que ainda me restem.

E sendo assim, espero entrar na fase das idosas com a alegria que é parte intrínseca do meu ser, tentar ser feliz e procurar fazer também felizes as pessoas que fazem parte de minha vida e todas as outras que estão ao meu redor.



# O ASSASSINATO DA “ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO”<sup>3</sup>

**A**dorei o texto de Daniele Vilela Leite publicado no Jornal da Paraíba dias atrás. Sabem por quê? Porque assim como ela, me preocupo com a morte lenta de nossa Língua Portuguesa tão cantada e decantada por Camões e por muitos outros poetas e escritores portugueses e brasileiros. Camões, inclusive, deve estar se virando no túmulo, pois parece que nossa língua materna vai se tornar realmente a “última flor do Lácio” – como já dizia Olavo Bilac – da maneira como está sendo tratada a “tão inculta e bela”.

Na missão que me cabe – como Professora de Língua Portuguesa – fico deveras preocupada quando escuto pessoas com um nível intelectual até mais elevado pronunciarem frases que não estão nem um pouco adequadas aos padrões mínimos da norma culta vigente na nossa língua.

---

<sup>3</sup> Verso do poema “Língua Portuguesa” do poeta parnasiano Olavo Bilac. Do livro *Poesias* – 1964, p.136. Rio de Janeiro: Livraria Francisco de Assis Alves.

Tempos atrás, tivemos o modismo do “gerúndio” imperando nos diálogos, nas notícias, nas conversas pessoais. Sinceramente, fico com pena da nossa Língua Portuguesa tão massacrada, tão desvalorizada. Com a chegada da *internet* nas redes sociais, onde o uso da linguagem é mais democrático, mais liberal, talvez se tolere; tudo bem; mas, na oralidade, nos meios midiáticos, torna-se de muito mau tom se fazer uso de frases tão inadequadas à norma culta e que chegam, sem sombra de dúvida, a doer em ouvidos mais atentos para o bom uso da língua.

Faço aqui um apelo às pessoas e, principalmente, às que fazem uso dos meios de comunicação para tomarem mais cuidado na prática do uso da língua uma vez que elas são formadoras de opinião.

Como disse Daniele Vilela, vamos tentar resgatar e valorizar mais nossa língua materna tão bonita quando bem pronunciada e tão “inculta e bela” como já dizia nosso poeta maior, Olavo Bilac.

## QUE TRISTEZA!!!

**A**pós ler o texto de Gonzaga Rodrigues do dia 19 de fevereiro de 2013, no Jornal da Paraíba, intitulado “Um bom começo”, não pude deixar de concordar plenamente com ele quando disse que “*A Educação de qualidade tem sido o chavão mais banalizado do nosso discurso político*”. Esta é realmente uma grande verdade, sim senhor. De 2007 a 2012, publiquei dois livros, onde escrevi textos falando desse descaso com a educação que sabemos muito bem não ser de hoje. Volto a este assunto, motivada pelo texto do jornalista Gonzaga Rodrigues e sinto muito, meu possível leitor ou leitora, mas vou repetir sempre e sempre e sempre que me senti indignada como estou agora.

Começaram as aulas no nosso Estado. E eu, professora de ensino médio, não posso deixar de sentir uma tristeza danada quando ao voltar me deparo com uma escola sem nenhum atrativo para nós professores e, principalmente, para nossos alunos. Encontrei-os voltando para casa por que não existiam carteiras nas salas de aula. É admissível uma coisa desta? Não é. Vocês têm de concordar comigo de que não é mesmo.

À noite, demos aulas na semiescuridão por falta de luz elétrica. Então me faço a mesma pergunta de Gonzaga Rodrigues. O que vem a ser afinal, educação de qualidade? Onde se enquadra aí a falada “Pátria Educadora” tão alardeada pelo Governo, de hora em hora, nas propagandas enganosas que tomam conta dos espaços na televisão?

Desse jeito? Não Presidente, não adianta “decorar o bolo” enchendo as escolas de computadores e tabletes que muitos dos professores não sabem nem manusear e que só servem para atrair os assaltantes para as escolas, onde não se tem nem um mero vigilante “desarmado”.

Não deixa de ser verdade que as escolas precisam desse material, precisam se modernizar e acompanhar as novas tecnologias. Mas antes disso, muita coisa deve ser feita. Antes disso, e antes de qualquer coisa, precisamos do básico para qualquer escola funcionar a contento e atingir os objetivos propostos pelo projeto pedagógico de cada escola. As escolas precisam de segurança, de merenda boa; quando digo boa, quero dizer de qualidade, não a que é, muitas vezes, servida aos alunos. Precisamos de carteiras, de iluminação adequada, de professores preparados, de funcionários capacitados para a sua função e não mandados para escola porque votaram em fulano ou sicrano. A escola precisa de bons salários para que o professor se sinta motivado e com vontade de trabalhar. Mas sabem quando é que alguma coisa vai mudar na educação? Jamais.

Pode parecer pessimismo da minha parte. Mas é assim que me sinto neste começo de mais um ano letivo diante de tanta propaganda enganosa sobre as melhoras na educação em nosso país.

Infelizmente esta é a nossa realidade, pouca coisa muda no âmbito educacional desde sempre.

O que continuamos a ver ano após ano são escolas sucateadas. Escolas sem alunos. Turnos noturnos fechando pela falta deles em seus corredores. Faculdades e Universidades em greve por meses e meses e o professor que deveria ser a peça-chave, a peça fundamental na engrenagem que é o processo ensino-aprendizagem é o que mais sofre devido à falta de políticas públicas que o valorizem como ele merece. Consequentemente, a aprendizagem fica a desejar.

Numa época em que se fala tanto nas melhorias para a educação na “Pátria Educadora”, nos programas mirabolantes propostos pelo Governo para que a educação atinja um nível elevado de qualidade, o que vemos é a continuação do descaso e o caos.

O que nos resta é esperar e esperar e esperar. Afinal, a ESPERANÇA continua a ser a última que morre. Não é assim que se diz?



# ENFIM O POVO ACORDOU

**A**s vezes, eu gostaria de ficar calada. É isso, ficar calada, quietinha no meu canto, não falar, não pensar até para não me repetir. Mas é im-pos-sí-vel. Quando vejo e escuto certas coisas não consigo, de maneira alguma, segurar o pensamento e aí as palavras quase saltam aos borbotões para o papel. Fica difícil de segurar a indignação, a revolta e a enorme impotência que acredito, também toma conta de todos nós cidadãos deste país sem memória.

Como é que podemos ficar calados quando vemos pela televisão e pelos jornais locais toda a corrupção que toma conta de Brasília?

Como é que podemos ficar calados diante de todos os impostos abusivos que temos que pagar? Como podemos continuar passivos diante de tanta violência contra a mulher, as crianças, os idosos, os comerciantes? Como podemos ficar calados vendo escolas sendo fechadas, completamente destruídas, vendo professores e alunos sendo mortos em sala de aula? É isso, gente, estão matando,

assassinando, assaltando em plena sala de aula; estamos sofrendo violência moral e física no exercício de nossa profissão. Como não reagir quando vemos pacientes desprezados em corredores de hospitais por falta de camas, de remédios, de médicos?

Mas tudo isso é culpa nossa. Do povo, de nós todos que, até dias atrás, não tínhamos coragem de ir à “luta”, porque nós brasileiros, infelizmente, “somos antes de tudo uns fracos”. Nós é que somos os culpados de termos toda essa corja de ladrões fazendo o que querem no nosso país, pois fomos nós que os colocamos lá, e eles de lá só sairão quando nós aprendermos a votar, a lutar, a “transgredir”, a ir às ruas “gritar” pelo que é nosso. Enfim, a morrer se for preciso pela “nossa” causa. Mas será que teremos coragem, com essa fama que temos de povo pacífico? Acho que não.

Até que o povo tentou. Parece que finalmente o povo acordou. Através das redes sociais, combinamos de ir às ruas e fizemos umas manifestaçõezinhas e protestos que tomaram conta do país numa tentativa de chamar atenção; de dizer que não estávamos satisfeito com a situação em que nos encontrávamos. Ficamos esperançosos, talvez pudéssemos, enfim, vislumbrar dias melhores sem ficarmos a vida inteira à mercê desses políticos cretinos que só pensam neles próprios. Não podíamos ficar eternamente assistindo, calados, a essa morte do nosso país carcomido por este “câncer” que se chama política.

Mas, ao que tudo indica, não passou de uma zoadá, um barulho que não levou a nada, que não mereceu a atenção nem atingiu o Palácio. É uma pena que ainda vamos continuar escravos desse maldito poder que parece que jamais cairá. Quem sabe um dia esses ratos sejam pegos e esse “Palácio” finalmente chegue a ruir.

# O CIRCO COMEÇOU

**É** assim que me sinto. Num grande circo. Num grande circo armado, onde não sei quem são os palhaços, se nós – os eleitores, ou eles – os pretensos candidatos que infelizmente, queiramos ou não, teremos que ver por um bom tempo e a toda hora nos perseguindo nas ruas, nas nossas calçadas e muros, na televisão e nas rádios prometendo mundos e fundos quando sabemos que tudo não passa de balela, conversa fiada e promessas vãs para enganar o povo mais uma vez e mais uma vez e sempre.

Fico indignada sim. E acho que uma grande maioria do povo brasileiro também fica quando vemos num ano eleitoral as barbaridades que estamos vendo em Brasília sobre a CPI sem fim do mensalão. Indignação, raiva, tristeza, vergonha e impotência sim, assim como outros sentimentos dessa natureza, tenho certeza de que todos já estamos cansados e fartos de sentir, nas incontáveis vezes, que atitudes vergonhosas como essas nos são jogadas na cara. O mais duro é pensar que essas atitudes são praticadas por ministros, senadores, deputados banqueiros; pessoas que deveriam dar os melhores exemplos para a nossa juventude já tão desajustada, e, no entanto, eles estão aí usando do

poder que lhes é dado pelo povo para praticarem estas barbaridades, na certeza, claro, de que jamais serão punidos já que, no nosso Brasil, o bonito e certo é ser desonesto, mentiroso, cínico e o pior, surruprador da coisa pública.

É triste, mas acho, acho não, tenho certeza de que nós estamos longe de ver, no nosso país, uma política decente. Acho que nunca vamos ver isto. Não por enquanto. Não enquanto esta corja não for dizimada por completo. Não enquanto não aprendermos a votar. Mas será que nós temos em quem votar? Será que temos alguma opção? Sei não. Isto é muito difícil de saber. E é assunto para outra crônica.

É horrível vermos mais uma vez o dinheiro público sendo “embolsado” e os corruptos e ladrões rirem de nós em plena televisão e sabermos que tudo pode ficar como está. Esperemos que não. Esperemos que dessa vez a justiça dos homens se faça.

Que país é esse?! Até quando vamos aguentar isso?

Que país é esse que não se importa com a educação, com as universidades que estão aí paradas, com a saúde de seus idosos e de suas crianças? Claro, não é que não se importe, o problema é que não sobra dinheiro, pois este vil metal continua sendo desviado para outros bolsos, para outras cuecas, para outras meias. Que vergonha de ser brasileira nesse momento! Neste momento eleitoral, onde todos os fichas-sujas continuam pleiteando mais uma vaga para surrupriarem mais e mais e mais.

Pena que a nossa Constituição não seja igual a dos EUA e outros países onde não existe o foro privilegiado para parlamentares, pois assim teríamos a certeza de que alguns desses ladrões da coisa pública sofreriam de alguma maneira uma punição, diferentemente do nosso país onde

a única certeza que temos é de que tudo vai terminar como sempre, numa bela pizza e o eleitor mais uma vez fica a ver navios.



# A ESPERANÇA QUE NASCE COM O PAPA

**A**dorei a crônica de Marcos Tavares que li no Jornal da Paraíba do dia 27 de julho intitulada “Francisco despiu as roupas”. Tenho acompanhado a Jornada Mundial da Juventude “religiosamente” e digo sinceramente que adorei também a humildade do Papa Francisco. Adorei as manifestações de carinho que ele demonstrou para com as crianças lembrando de que Jesus já dizia: “Vinde a mim as criancinhas”, como adorei também o carinho que ele teve com os idosos e o amor e a esperança que deposita nos jovens do mundo inteiro.

Mas, como dizia Marcos Tavares, o Papa Francisco precisa muito mais do que simplesmente ser humilde. Em minha visita a Roma recentemente, ficamos todos nós, companheiros de viagem, encantados e impressionados com a riqueza do Vaticano em ouro, obras de arte e monumentos. Alguns até afirmaram que diante da tamanha riqueza comparada à fome que assola o mundo fez com que a sua fé diminuísse um pouco. É verdade que somos leigos para falar sobre determinados assuntos, mas ficamos nos

perguntando: como é possível que a Santa Madre Igreja possa ficar alheia a tanta miséria, tanta fome, em países como a África, a Ásia e também as Américas, sendo detentora de uma riqueza tão imensa? De acordo com o que dizia a nossa guia em nosso passeio pelo Vaticano, o Papa Francisco está fazendo uma verdadeira “revolução” no que diz respeito aos escândalos de corrupção, aos casos de pedofilia envolvendo religiosos e às dificuldades da igreja em lidar com as questões do aborto, do homossexualismo, do divórcio e das conquistas do feminismo.

Mas será que vão deixar o Papa fazer o que se espera dele? Afinal foi ele mesmo, o Santo Padre que disse: *“Neste mundo que oferece tantas riquezas, tantos recursos, suficientes para alimentar toda a gente, não se compreende que ainda haja tantas crianças esfomeadas, sem educação, tantos pobres”*. Então, só nos resta esperar. Esperar não só pelas suas rezas, pela sua humildade, pela sua bondade, mas esperar, principalmente, que ele possa tomar efetivamente medidas duras para realizar a tão temida faxina moral dentro do Vaticano como também fora dele.

Como seria bom se, como diz Marcos Tavares, a *Igreja se preocupasse mais com a ação do que com a oração e abraçasse uma campanha contra a miséria e a fome revertendo parte de seus imensos bens em benefício dos pobres e miseráveis do mundo inteiro*. Afinal, como dizia São Francisco de Assis: *“Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível”*.

É o que espero do senhor querido Papa Francisco. Que Deus o ilumine e o ajude a ter forças para minimizar o sofrimento de tantas pessoas, e que possa, enfim, transformar para melhor a vida de todas elas.

# ESTAR GRÁVIDA VERSUS SER MÃE

**A**nos atrás escrevi um texto falando sobre “o ser mãe” devido ao momento que vivia, acompanhando uma filha nos seus momentos mais “felizes” que é o de se tornar mãe pela primeira vez. Escrevi aquele texto mostrando o outro lado do “ser mãe” sem muita pieguice e idealismo, mas de uma maneira muito realista – “pé no chão mesmo”.

Hoje fui convidada a escrever outro texto pela minha segunda filha que se encontra na mesma situação, isto é, encontra-se grávida de três meses. Ela me manda um e-mail que diz exatamente assim: *Noooooossa... ninguém merece mamy!!*

*O povo só se lembra de falar as coisas boas da gravidez neh.... ninguém fala dos perrengues!!! Do sono profundo, dos enjoos, da azia, da dor gigante nos peitos, das tonturas, das mudanças de humor, do cansaço e falta de disposição... afffff... prefiro o peso do barrigão do que esse comecinho viu... Rsrrsrsrs...*

*O que tira gosto de azedo da garganta e boca???? Água,*

*água de coco e picolé de limão não estão resolvendo...*

*Já troquei de pasta de dente também...*

*Faz uma semana que tudo que como me deixa com gosto de azedo na boca (como se tivesse vomitado)...*

O que eu poderia responder para ela? Somente o que respondi. É assim mesmo Juli, aguenta firme. Ninguém diz nada para não “assustar” a futura mamãe. Pois é. Foi assim que comecei esse segundo texto que é a pedido dela.

Existe uma máxima que todo mundo conhece, muito antiga mesmo, que diz: “Ser mãe é padecer no paraíso”, no que concordo em parte com ela, pois acho que ser mãe é sim padecer, porém não só no paraíso, mas na sua casa e em todos os seus momentos de vida a partir do momento em que o filho começa a ser gerado em seu ventre tão lisinho até a apoteose desse grande momento, o momento em que finalmente ela “descansa” e coloca o “rebento” em seus braços.

Ser mãe é morrer de alegria antes mesmo de ser. É não caber em si de felicidade ao abrir o envelope onde está escrito “positivo”. É sentir vontade de sair contando para todos os amigos e familiares a grande novidade. Mas, antes de ser, é penar com os enjoos, as náuseas, o sono intenso, as mudanças de humor, a insegurança em ver seu corpo se remodelando, sua barriguinha tão lisinha se transformando e crescendo e crescendo, para dar espaço para o seu tão esperado e já tão trabalhoso filho ou filha, ou seja, tudo que minha filha está sentindo nesse momento de sua vida. E não é só isso.

Ser mãe é parir seu filho em meio a muitas dores – na maioria dos casos – e, logo após, fazê-lo sugar em seu seio que ainda nem tem leite e passar horas tentando alimentar uma criança faminta que até aquele momento nem sabia o

que era um peito que dirá “sugar”.

Ser mãe é chegar em casa toda dolorida e ainda bastante inchada e, no outro dia, tentar entrar numa “cinta” que a primeira vista é impossível caber nela, para tentar voltar a ter uma silhueta parecida com a que se tinha antes.

É nunca mais dormir uma noite inteira. É levantar, várias vezes, à noite, para amamentar, caindo de sono, quando os filhos são bebês e mesmo quando já são crescidos – jovens e adolescentes – só dormir quando voltam para casa sãos e salvos.

Ser mãe é tirar o alimento de sua própria boca para alimentar seu filho. Ser mãe é chorar copiosamente ao deixá-lo pela primeira vez na escola e, muitas vezes, continuar chorando quando eles precisam deixar seu próprio lar para estudarem fora de casa. É abarcar muitas profissões ao mesmo tempo. É ser psicóloga, médica, enfermeira, professora, muitas vezes, advogada e juíza quando precisa sair na defesa de seus filhos. Sentir-se preterida e em segundo plano quando o filho ou filha arranja sua primeira namorada ou primeiro namorado.

Ser mãe é sofrer na alma e morrer um pouco quando seu filho se desvia do bom caminho porque não seguiu seus conselhos. Ser mãe é ser paradoxal, quando tem o poder de chorar e sorrir; permitir e negar; bater e alisar tudo ao mesmo tempo. É esperar por um carinho e uma ternura que, muitas vezes, não vêm. É ter o maior dos sentimentos que é perdoar tudo que possa vir a sofrer de um filho. É defendê-los com unhas e dentes mesmo que, muitas vezes, não estejam certos.

Ser mãe é ter o dom de amar incondicionalmente e acima de qualquer coisa, pois amor de mãe é gratuito: não cobra, não espera gratidão.

Enfim, termino o texto com uma frase que já foi dita por Vinícius de Moraes em um de seus belos poemas: *“Filhos, melhor não tê-los, mas se não os temos, como sabê-lo?”*

É isso Juli, espero que tenha gostado da crônica que me pediu para fazer sobre gravidez e ser mãe. E saiba que tudo o que você está passando é completamente natural, vai passar e quando você menos esperar, assim que estiver com sua filha nos braços, nem lembrará o que passou.

Beijão de sua mãe que mesmo distante, nunca, em nenhum momento, a esquece.

# A QUE PONTO CHEGAMOS?

A cabei de ler no face que, quando começa a anoitecer, o Aeroporto Internacional de G'Bessi na África fica repleto de estudantes em busca do melhor lugar para estudar, pois é lá o único local com luz artificial e somente 5% da população de Guiné-Conacri conta com eletricidade.

Li que os estudantes começam a chegar ao final da tarde e passam uma grande parte do tempo tentando conseguir os melhores lugares que ficam diretamente abaixo dos 12 postes de iluminação.

A reportagem é grande, mas o que mais me impressionou foi a fala de uma menina de dez anos que diz: *“Os meus pais não se preocupam comigo porque sabem que estou aqui à procura de meu futuro”*.

E aí fico me perguntando o que fazer para que a maioria de nossos alunos de escola pública pense assim. Penso nas minhas salas de aula tão iluminadas com luzes fluorescentes e nos meus alunos tão desinteressados. Por mais que tentemos melhorar nossa didática, nossa prática de sala de aula, por mais que façamos não conseguimos atingi-los,

motivá-los e interessá-los.

Posso falar com um pouco de tristeza que cansei. Cansei de tentar. Podem dizer que estou entregando os pontos, que é por que estou cansada dos meus mais de vinte cinco anos de luta por uma educação decente e de qualidade, mas eu respondo que não é só isso.

Estou desencantada com a educação, não só com o que diz respeito ao sistema educacional que diz que faz, mas não faz. Estou desencantada porque não vislumbro mais nenhuma esperança em meus alunos nem na minha escola.

Tudo já foi feito e dito e nada melhora. A cada dia que passa, estamos mais sozinhos – professores e alunos, desvalorizados, desprestigiados. É o salve-se quem puder. Recentemente, fomos pegos de surpresa por um arrastão de assaltantes encapuzados e armados tentando entrar na nossa escola causando pânico e desespero generalizados. Os poucos alunos que querem aprender desistem de continuar estudando em virtude da violência que assola a periferia escolar. Muitos professores ficam com medo de dar aulas uma vez que estão sendo ameaçados de morte pelos próprios alunos. Eu, particularmente, depois de tão grande susto entrei de licença e mesmo sentindo que ainda tenho muitos conhecimentos para passar para os meus alunos não tenho mais coragem de continuar e penso em me aposentar, urgentemente.

A que ponto chegamos? Até quando vamos ficar, assim, estáticos, nas mãos de bandidos, à mercê da violência e do descaso dos que podiam fazer uma educação melhor? O pior é que tem gente achando que isto tudo é normal. Quando é que nossos alunos vão dar valor ao que já têm: às luzes nas salas, à merenda, aos livros, aos tabletes, aos computadores – é verdade que os computadores já se encontram

nas escolas – mesmo que muitos professores ainda não estejam habilitados para usá-los. O que eles querem mais, o que mais lhes falta?

Não sei.

Mas, espero veementemente, que chegue o dia em que eles caiam em si. Pensem em seu futuro e vejam tudo que estão perdendo. E, quem sabe, um dia, lembrem os conselhos que nós professores sempre lhes demos.



# UM CÍRCULO QUE SE FECHA

**E**nfim chegou minha carta de alforria. É isso mesmo, minha tão sonhada aposentadoria. São quase 27 anos dedicados a essa escola. 27 anos não são 27 dias nem 27 meses. 27 anos significam uma grande parte de minha vida. Muita coisa vi, ouvi e senti ao caminhar por aqueles corredores e salas de aula. Fiz muitos amigos e amigas entre os colegas nesta longa trajetória. Transmiti ensinamentos a gerações. Por minhas mãos passaram muitos alunos e alunas que me fizeram felizes, muitas vezes me deixaram triste também, mas que guardo na lembrança como momentos bons que passamos juntos e que nos fizeram crescer como pessoas.

Neste momento, fecha-se mais um círculo na minha vida. Passei dias e até meses pensando e repensando se deixaria para sempre a minha profissão. Ouvi muitos conselhos, tanto de colegas que estão ainda em plena atividade como de outros que já estão aposentados. Confesso que fiquei em dúvida se era isso mesmo que eu queria para mim. Mas, enfim, decidi-me por ela sim, pela aposentadoria. Pesei, ponderei, pensei e cheguei à conclusão de que o melhor para mim, naquele momento de minha vida, seria fechar a

minha velha pasta, guardar meus livros, separar meus tão preciosos textos, doar para as bibliotecas de escolas mais carentes da cidade meus inúmeros livros didáticos e paradidáticos que juntei durante todos esses anos e, finalmente, partir para a vida.

Viver. Viver da melhor maneira possível os anos que me restam de vida e esperar em Deus que ainda sejam muitos, enquanto ainda estou em plena saúde e pronta para aproveitar o que a vida possa me oferecer de melhor.

Todos sabem que ser professor não é brincadeira. Todos sabem que é uma das profissões mais desvalorizadas, quando deveria ser o contrário, uma vez que todas as profissões lhe são subordinadas. Ninguém será engenheiro, médico, advogado se não passar primeiro por nós. Mas, os poderes públicos não têm interesse em melhorar a nossa vida, pois sabem que o valor de nossa missão é ensinar, o que significa fazer o aluno pensar e se tornar um cidadão crítico, e isso, decididamente, não interessa aos que têm o poder nas mãos.

Dizem que ser médico e professor é sacerdócio, talvez seja. Mas é também escolha. Às vezes você é professor porque escolheu ser professor, tem vocação para a coisa, vamos dizer que gosta de “sofrer”, por isso que, muitas vezes, nós mesmos nos denominamos “sofressores”. Quem sabe, para essas pessoas, a profissão talvez seja um sacerdócio mesmo. No entanto, muitas vezes, se é professor não por escolha, mas por necessidade. Muitos não têm condições financeiras de fazer outros cursos considerados caros e aí optam pelo magistério devido à “facilidade” de conseguir um emprego, mesmo sabendo que não vão ganhar um salário digno e compatível com a sua formação.

Professor e médico são profissões tão distintas em suas características, tão contrárias em seus vencimentos, mas

tão parecidas, uma vez que, para ambas, não falta emprego; até em casa você pode ensinar, até debaixo de uma árvore você pode ensinar aos seus alunos e com isso ganhar o seu sustento, enfim, assim como o médico que, onde chegar com sua maletinha na mão, não lhe faltará emprego, para o professor também sempre existirá uma árvore frondosa ou uma escolinha que vai lhe dar condições de sobreviver.

Mas, ser professor também tem seu lado bom, que é saber que está formando pessoas para a vida. Nada é mais gratificante para o professor do que ver e sentir que fez a diferença para aquele aluno que passou no vestibular ou que conseguiu entrar no mercado de trabalho.

*“Feliz daquele que aprende, pois só a educação tem o poder de libertar”.* Já dizia Paulo freire.

Claro que vou sentir saudades. Saudades dos alunos é verdade, pode até parecer mentira, mais não é. Vou sentir saudades deles também. Saudades de minhas salas de aula mesmo sem janelas, com as portas sem fechadura, com os quadros rachados. Saudades de nossos seminários, nossos debates. Saudades de nossas reuniões, de nossos lanches, de nossas festinhas e reposições de aulas; de nossas reuniões para fiscalizar vestibulares e concursos; de nossas briguinhas e fofocas que rolam em todas as escolas, não só na nossa, não é mesmo? Assim como vou sentir saudades e muita falta das conversas e risadas com minha grande amiga Marta. De nossas trocas de filmes, livros e ideias. Com certeza, sentirei muita falta do meu colega e muito querido amigo Manassés que fazia um horário tão bonzinho para mim. Das conversas íntimas com minha amiga Judite; das receitas de saúde de Creuza, das piadas engraçadas de Marlene e Ana Policarpo, da serenidade de Josefa, Solange, Goretí, Luzia, Ana Cristina; dos caderninhos da Natura de Elza Franco, da letra bonita de Maria Mendes no espaço de minhas faltas, dos

conselhos de Fátima Ferreira e de Ivanalda; das arengas de Neuzinha, das caronas que dava a Terezinha, das “tiradas” de Graça Brasileiro – igual a ela não existe; da meiguice de Girlane e Pollyana, das miniaulas de corte e costura que Iolanda me dava, da disponibilidade das meninas da secretaria Gizeuda, Sônia, Solange, Ritinha e dos novatos Diego e Danilo que sempre me ajudavam quando eu chegava vexada na secretaria em busca de algo.

Vou sentir falta da simpatia de Thalya, da alegria de Janeide, das dinâmicas de Adeildo, e das piadas diárias de meu querido colega Boi. Das notícias sempre boas que Washington nos trazia principalmente quando era notícia de greve, e eu adorava uma grevezinha básica; dos papos sobre filhos distantes com minha amiga Izete, da calma de Madalena Tereza, Telma, Eryclênio e Júnior Diniz. E podem acreditar vou sentir falta até das exigências de nosso chefe maior, Ivis.

Enfim, meu projeto de vida de hoje em diante será me dedicar a mim mesma, à minha família e a este meu terceiro livro se Deus me permitir. Mas acreditem, também vou aparecer na escola de vez em quando para tomar um cafezinho com nossas bolachinhas pedagógicas às 9:15 ou 15:15 quando a saudade apertar.

Desejo a vocês toda a paz do mundo, muita saúde, alunos interessadíssimos e que vocês consigam, num futuro bem próximo, um salário magistral. Que é o sonho de todos nós professores.

Dedico esta crônica a todos que fazem e que fizeram a Escola Anésio Leão e que vão estar sempre nas minhas lembranças e no meu coração.

Um abraço da colega de vocês Valéria Vanda Xavier Nunes.

# OS PRIMEIROS DIAS DE HELOÍSA

**F**oram dias de inquietação e espera. Passagens a comprar. Malas por fazer. Contas a serem pagas. Negócios a resolver. Heloísa estava chegando e era preciso correr contra o tempo para estar lá antes de ela nascer. Aposentadoria publicada no Diário Oficial. Enfim, livre para viajar sem preocupações profissionais. Tudo resolvido.

Partimos rumo a Mogi Guaçu/SP, onde a futura mamãe nos esperava mais ansiosa que nós. Chegamos com alguns dias de antecedência do dia do parto, como manda a cartilha médica.

Helô chegou.

Uma cesariana tranquila a trouxe para nós e com ela muita alegria para toda a família do papai e da mamãe. Foram dois dias na maternidade até o momento de Heloísa conhecer finalmente a sua casa e o seu quartinho tão carinhosamente preparado por seus pais.

Agora sim. Era chegada a hora em que tudo começaria para o jovem casal.

Finalmente, eles iriam saber o que significava a palavra

casamento. Até agora a vida era uma eterna lua de mel. Não comiam em casa, mas no trabalho, ou almoçavam e jantavam fora. As despesas de casa eram mínimas; a vida se resumia a trabalho, passeios, jantares, mas agora, como diz o dito popular, iriam ver “o que era bom pra tosse. *Onde o sapato apertava*” É verdade que muita coisa já começava a mudar na vida dos dois: o trabalho dobrado, as muitas preocupações com a saúde e as vacinas do bebê querido e as despesas que a partir daí seriam duplicadas. A casa já não estava tão arrumadinha e “limpinha” como a mamãe adorava. A casa já cheirava a perfuminho de bebê é verdade, mas também para horror da mamãe, cheirava também à carne assando, a arroz de alho, a detergente. A sala viveria daí por diante cheia de carrinhos, cadeirinhas, e mantinhas espalhando-se em cada canto da casa para dar conforto à nova personagem daquela bela história de amor. O dia teria que ter muito mais de 24 horas para dar conta de todos os afazeres que aquela nova pessoa exigia. Noites insones e mamadas uma atrás da outra faziam com que o casal apresentasse sempre uma cara de sono eterno, mas o amor incondicional dos pais pelos filhos tornava essas coisas irrelevantes. Nada tirava a alegria de saber que sua filha chegara cheia de saúde e que lhes daria muitas alegrias pelo resto dos dias de suas vidas.

Nos primeiros dias, a jovem mãe achava mais cômodo amamentar a sua filha no sofá da sala devido aos incômodos causados pelo parto cesariano. O sofá, então, tornou-se sua cama por muitas noites. A coitada da televisão ficava ligada dia e noite. Eu, como avó-babá, assistia a toda programação da rede Globo nos intervalos das mamadas. Vi uma infinidade de filmes, de luta de boxe, de jogos de futebol. Não ia dormir sem “O JÔ”, algo que eu não fazia há anos.

Nossas caras sempre se apresentavam sonadas. Mas, ao amanhecer, que por lá ainda é quase noite, mais ou menos lá para as cinco e meia ou seis da manhã, Heloísa já estava “de pé” com aquele sorrisinho enviesado que nos desarmava completamente como se tivéssemos dormido a noite inteirinha.

Cinco dias depois, lá fomos nós: a avó e os pais de primeira viagem – bastante apreensivos – levando Helô para o teste do pezinho. Eram sete e meia de uma manhã gelada em que a pequena Helô toda enroladinha em suas mantas iria levar a primeira furadinha de sua vida. Lá, já se encontravam outros pais com seus bebês da mesma idade da deles, prontos também para ouvirem aquele grito hilário que se escuta quando aqueles pezinhos tão pequenininhos são furados uma porção de vezes até que seja retirado todo o sangue necessário para que o exame detecte os possíveis tipos das prováveis doenças que o bebê possa vir a ter. Helô que não fugiu à regra, como esperávamos, assim como todos os outros bebês, no momento em que sentiu aquela terrível agulhinha que se infiltrava no seu tão lindo e querido pezinho, soltou um grito agudo e abriu um berreiro que não tinha mais tamanho, para a nossa infelicidade. Saímos do hospital ouvindo ainda os seus solucinhos e morrendo de pena de nosso bebê. Novamente em casa, ela, graças a Deus, dormiu a manhã quase inteirinha. O que foi uma bênção.

A rotina diária continuava. Helô trocava a noite pelo dia como grande maioria de bebês. Dormia horas inteiras de manhã e, à tarde, sempre acordando quando os pais faziam suas refeições o que é de praxe como todos os pais sabem bem, e, à noite, fazia aquele belo serão, mamando de hora em hora, deixando os pais e avós cambaleando por dentro

de casa e batendo um no outro como zumbis. O avô que estava a dormir, muitas vezes, aparecia na horinha em que a menina dormia, arrastando um chinelão barulhento e eu de longe acenando e implorando silêncio e mandando que voltasse imediatamente para a cama.

Os dias passavam e começavam a aparecer as visitinhas.

Os avós paternos, tios, tias e priminho do Sudeste não se cansavam de demonstrar todo o seu “amor-real” trazendo-lhe sempre brinquedinhos, cadeirinha, roupinhas, mantinhas e edredons que a tornassem mais confortável e quentinha para poder enfrentar os dias de frio intenso daquela sua cidade tão fria e que a deixavam, talvez, tão desperta durante a noite.

Em contrapartida, o “amor-virtual” dedicado a ela por seus tios, tias, priminhos e amigos do Nordeste não deixava a desejar, pois os celulares viviam em eterna ebulição na troca, via internet, de mensagens, e *whatsApps* sempre com fotos que mostravam para eles toda a sua evolução desde a hora do parto, a saída da sala nos braços do emocionado pai, seu primeiro banho ainda na maternidade. A cada dia, seu crescimento era mostrado pelas fotos. Suas birras, suas caretinhas, seu belo risinho no sono, nuazinha mostrando suas coxas já tão grossinha, em cada troca de suas lindas roupinhas, presentes das tias, vós e amigos, em seu primeiro passeio, enfim, era um troca... troca de mensagens sem fim e continua sendo até os dias de hoje e para sempre. Ela não era menos amada mesmo àquela grande distância. Mas o desejo de seu povo nordestino, certamente, era poder estar lá também para poder enchê-la de beijinhos e abraços.

Helô já está com mais de um mês. Crescendo em graça e esperteza. A sua mãe decidiu que já era hora de passar a

dormir em sua grande cama junto ao seu marido, no que eu concordei prontamente. Era hora de eles somarem suas carências mútuas em virtude da chegada de sua filha que requeria atenção e dedicação exclusivas. Era chegado o momento de eles se unirem mais e mais no amor conjugal, no carinho, no afeto para poderem unir forças e coragem para criarem e educarem sua filha nos princípios e valores do amor, do respeito, da dedicação, da humildade a fim de serem referências e espelhos de vida que Heloísa deveria seguir daí para frente em todos os momentos de sua vida.

Tentei, durante o tempo que passamos juntas, ensinar a Juli algumas dicas de como criar sua filha. “Dicas” que sabia, jamais seriam aceitas por seus professores do curso para pais e mães de primeira viagem e muito menos pelos pediatras de plantão, mas, diga-se de passagem, são dicas provadas e aprovadas por aqueles pais que tiveram o aprendizado “empírico”, aquele em que se aprende algo pela própria experiência de vida e acredito ser “catedrática” no assunto. Sabemos que não se aprende a criar filhos em escolas; a vida é que nos ensina. Espero que meus “ensinamentos” tenham servido e que Juliana tenha o discernimento de escolher o que seja melhor para sua filha. Só se aprende a cuidar de filhos vivendo e aprendendo com eles no cotidiano.

Os dias passaram rápido demais.

“Ai... ai... ai..., está chegando a hora...”

É isso aí Helosinha, como essa música diz, vovô e vovó terão mesmo que partir. A vida continua e, inevitavelmente, teremos que retomar a nossa também. No entanto, já uma sombra de tristeza toma conta de nosso semblante e, em meio a tanta alegria e felicidade, a danada da saudade – palavrinha cruel – aponta suas garras em direção ao nosso

coração deixando o nosso peito apertado, pois sabemos muito bem o quanto vai ser difícil para nós nos separarmos. Vovó, principalmente, nunca mais será a mesma pessoa. Seus dias de alegria jamaaaaais serão completos. A partir de agora serei uma pessoa totalmente incompleta e dividida. Quando estiver com Clarinha e Arthur sentirei saudades de Helô. Quando estiver com Helô, sentirei a maior falta dos dois queridos da vó. No entanto, Heloísa, sei que seus pais darão direitinho conta do recado, graças aos cuidados e amor que percebi no olhar carinhoso deles. Também sei, muito bem, que sua mãe sempre foi uma guerreira, uma menina-mãe-mulher de fé, de força e de vontade própria e que assim como eu que eduquei e criei minhas três filhas longe dos meus familiares, longe de minha mãe e do meu pai para me aconselharem nos momentos difíceis, sua mãe também vai conseguir. Com a intuição materna, intrínseca a toda mãe, ela vai educar e criar você da melhor maneira possível, porque Juli sempre se saiu muito bem em tudo que fez, sonhou e conquistou ao longo de sua vida. Não será com você, Helô, que ela vai errar. Certamente que não. E é isso que me dá a certeza de que tudo ficará bem, pois ela deve ter aprendido algo do que lhe “ensinei” sobre como criar filhos e ser feliz.

É certo Helosinha, que eu e seu avô não vamos estar aqui sempre presentes na sua vida, no entanto pode ter certeza de que o meu pensamento vai estar com você do nascer ao pôr do sol e somente descansarei meu pensamento quando finalmente o sono tomar conta do meu corpo e mente, e que meu amor por você, assim como meu amor por Clarinha e Arthurzinho, durará por toda a eternidade. Assim como durará para sempre o amor que sinto pela sua mãe Juli e suas tias Luciana e Pollyanna.

Espero que um dia você possa ler essa crônica dedicada a você pela sua vovó Valéria que nunca mais vai esquecer o seu sorrisinho enviesado, o som de seu chorinho e as voltas rotativas na cintura que dei com você em meus braços na tentativa vã de fazê-la dormir um soninho maravilhoso por toda a noite.

Um beijinho de sua vovó Valéria, querida netinha Heloísa Xavier Suzigan Silva.



# CAMPINA – MINHA CIDADE

**N**ão sou filha de Campina Grande. Mas diante das inúmeras declarações de amor a que assisti pela TV através de lindos vídeos e das crônicas e artigos que li nos jornais enaltecendo-a pelos seus 151 anos de emancipação política, confesso que também me senti na obrigação de declarar meu amor e gratidão por esta cidade que me acolheu em seus braços. Como disse no início desse texto, não sou filha de Campina Grande, mas, como estou aqui há 37 anos, sinto-me sim sua filha adotiva. Sou Pernambucana/Bezerrense por nascimento, porém Paraibana/Campinense de coração.

Lembro como se fosse hoje o dia em que chegamos aqui para fixarmos residência eu, meu marido e minha filha mais velha Pollyanna, com apenas com 2 aninhos de vida. O ano era 1977. O mês era junho. O mês mais frio do ano em Campina. O frio era tão intenso que penetrava na pele como uma lâmina afiada, e o pior era que sabíamos que ainda duraria até fins de agosto. Ao entrarmos na cidade, o que nossos olhos avistavam era uma cerração imensa cobrindo

os poucos prédios que rodeavam o grande Açude Velho. A cerração e a chuva fininha que não paravam, continuariam ainda por muito tempo como pudemos perceber. O frio era uma constante nesse período, e era nessa cidade “fria” que a partir daquele dia fixaríamos residência.

Alto Branco seria o nosso bairro por um bom tempo. Este nome não lhe fora dado à toa. Nesta época do ano, as casas e prédios deste bairro realmente ficavam cobertos por uma cerração que o deixava totalmente branco. E é neste bairro que estamos até hoje. Foi esta cidade que nos recebeu de braços abertos e que se mostrou tão “quente” para nós em termos de afeto e de calor humano que terminei minha faculdade de Letras e consegui meu emprego de professora do qual hoje sou aposentada. Foi nesta cidade acolhedora que fiz meus inúmeros amigos, dei à luz e criei minhas três filhas graças às boas escolas e faculdades que existem em Campina Grande. Participei da vida social da cidade frequentando as festas maravilhosas que Campina sempre proporcionou como o Maior São João do Mundo, as saudosas Micarandes, os eventos inesquecíveis do Clube Campestre e a vida noturna em geral com seus inúmeros bares e restaurantes.

É verdade que Campina mudou muito de 37 anos para cá. Mas, o importante é que ela mudou para melhor. Cresceu, evoluiu, modernizou-se como é natural, e, conseqüentemente, transformou-se. Tornou-se uma cidade “grande”, nos moldes das grandes capitais com seus imensos e inúmeros prédios, viadutos, teatros, universidades, shoppings, museus e, porque não dizer; seus imensos problemas também.

Enfim, Campina Grande foi e sempre será uma cidade que oferece o que existe de melhor no que diz respeito

à educação, ao trabalho e ao lazer para aqueles que pretendem fazer dela a “sua cidade”, mesmo que não tenham necessariamente nela nascido.

Por isso, desejo do fundo do coração continuar uma participante ativa de sua longa história e que ela continue se desenvolvendo e nos encantando a cada dia.

Parabéns Campina Grande – Minha cidade.

*20/10/2014.*



# MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA APOSENTADA

**E**ram mais ou menos umas quatro horas da tarde, quando o telefone tocou naquela tarde preguiçosa. Era Orcélia. Uma amiga e ex-vizinha que me ligava perguntando se eu aceitava fazer parte da equipe de professores de uma escola estadual. Como sempre, eu estava em casa lendo um livro que era a melhor maneira que encontrava para passar as longas tardes quando ainda não trabalhava. Já fazia algum tempo que havia me formado em Letras, feito concurso, mas, em virtude da politicagem que reinava, naquela época, assim como ainda hoje reina em Campina Grande, os concursados aprovados, em cuja categoria eu me incluía, não chegavam a ser convocados a tomar posse, pois as vagas existentes eram dadas aos “afilhados dos políticos”, e, sendo assim, eu continuava sem exercer a profissão para a qual havia me formado.

Isto me leva a lembrar de como saímos de Bezerros, minha cidade natal, e viemos para Campina Grande. Os

sonhos, as esperanças e expectativas que acalentávamos para termos uma vida melhor pareciam que se concretizariam nessa cidade que se dizia “a cidade do trabalho”. Não que vivêssemos desempregados. Meu marido era bancário. Trabalhava no Banco do Nordeste do Brasil, no entanto, para ficar mais próximo de sua família resolvemos nos mudar.

E, assim sendo, viemos parar aqui.

Entramos em Campina Grande numa tarde fria de um inverno tenebroso exatamente no mês de junho. O frio e a chuva caíam intermitentemente dia após dia. A garoa e a neblina não davam trégua. Parecia que havia nos mudado para São Paulo. Não é à toa que o bairro em que moramos se chama Alto Branco. Até os dias de hoje, nos nesses de inverno, o bairro inteiro fica coberto por uma cerração tão branca que faz com que não enxerguemos as casas vizinhas devido à névoa que se forma. É uma coisa bonita de se ver, não restam dúvidas, mas difícil de se acostumar quando se chega de um lugar muito mais quente.

Os primeiros dias nessa nova cidade foram de muita expectativa, afinal, era uma vida nova e muitas coisas para acertar como: empregada, babá, matrícula de faculdade para fazer – eu fazia faculdade de Letras em Caruaru e tive que transferir toda a papelada para cá. Enfim, estabilizamos e começamos uma vida nova em Campina Grande. Era o ano era de 1977. Nós já tínhamos nossa primeira filha Pollyanna com pouco mais de um ano de vida.

Aceitei a oferta de minha amiga inspetora da 3ª Região de Ensino, Orcélia, e comecei a ensinar no Colégio Anésio Leão, onde passei todos os meus anos de professora. No início não como professora efetiva, mas como *pro tempore*, como se nomeavam na época os prestadores de serviço de

hoje. Permaneci durante sete anos nesse *status* de prestadora de serviço com todas as “desvantagens” possíveis até ser considerada efetiva com todas as “vantagens” que cabem por direito a uma professora concursada, as quais não são lá essas coisas, como sabemos. E, assim, começou minha “saga” como professora da rede estadual de ensino no estado da Paraíba. Chamo de “saga” porque não deixa de ser uma aventura lecionar numa escola Municipal ou Estadual de ensino devido a todos os tipos de adversidades, de discriminação, de lutas, de greves por melhores salários, de acontecimentos tristes e, às vezes, engraçados que acontecem no cotidiano de qualquer professor.

Fui nomeada como professora do ensino médio para ensinar no turno noturno. Como minhas filhas ainda eram pequenas, achei melhor esse horário, pois durante o dia eu lhes dava assistência, carinho e muito amor. Com a vantagem também que o turno noturno é bem menor do que o diurno que começa às sete da manhã até às onze e meia, e de uma hora às cinco e meia. Enquanto o turno da noite começava às sete horas e ia no máximo, estourando mesmo, às nove e quarenta da noite, ou seja, quase a metade dos outros turnos. Adorava esse horário, pois tinha o dia inteiro para resolver todos os outros afazeres. Não que não quisesse trabalhar, o caso é que os alunos da noite, geralmente chegavam à escola, muito cansados, pelo trabalho desgastante onde atuavam e não se aguentavam em pé nem sentados, pois o cansaço – após algumas horas de estudo – tomava conta de seus corpos e mentes e eles quase dormiam nas carteiras. Por isso, o horário noturno tem o tempo de aula diferenciado dos demais.

Então, continuei nesse turno por muitos e muitos anos. Durante esse tempo, confesso, sempre esperei que nossa

classe fosse mais valorizada, que nossos salários fossem mais condizentes com a nossa responsabilidade, afinal nós, professores, somos responsáveis por muitas crianças e jovens que serão o futuro do nosso país. Sei que é um clichê o que estou dizendo, mas, infelizmente, essa é uma verdade impossível de ser contestada. Somos formadores de opinião, tentamos todos os dias formar cidadãos críticos, pensantes, mas parece que estamos enxugando gelo, pois os anos vão passando e os poderes públicos continuam nem aí para essa classe tão sacrificada e, muito menos, para com a aprendizagem desses alunos. Afinal de contas, para eles é muito mais cômodo que o povo não saiba de nada mesmo, não saiba pensar nem criticar e muito menos reivindicar direitos. Os anos passam e passam e passam e nós vamos cansando, ficando desmotivados, perdendo o brilho no olhar de quando começamos nossa carreira, e isso é muito ruim. Quando um professor perde o brilho do olhar, seus sonhos e ideais começam também a desvanecer, a reduzir-se a nada. E aí, é o fim. Mas assim mesmo, nunca desisti de minha profissão, sempre com uma esperança vã de que as coisas um dia chegassem a mudar. Esperando inutilmente, vejo hoje, já aposentada, cansada de esperar que algo mude; de esperar que o Brasil se torne mais justo, que propicie uma educação de qualidade e que tenha maior respeito para com o professor e o aluno.

Infelizmente, percebia, dia após dia e ano após ano, que isso nunca iria acontecer. Cada dia mais ia desanimando e, por isso, confesso mais uma vez que contava os dias que faltavam para enfim me aposentar e me sentir livre já que me sentia aprisionada como um belo passarinho numa gaiola, acorrentada a uma profissão da qual começava a não mais me orgulhar. Digo, com toda sinceridade, que

muitas vezes me senti constrangida quando precisei falar o nome de minha profissão.

Costumava dizer que os dias de minha “pena” estavam chegando ao fim, o que fazia minhas colegas rirem muito, pois, todos os dias que eu chegava para dar aulas dizia: *faltam apenas tantos dias para me aposentar*. Falando assim, meu querido leitor pode pensar até que eu não gostava do que fazia. Mas não é verdade. Na medida do possível e dos recursos que nossa escola oferecia, até que, modéstia à parte, sempre me considerei uma professora dedicada a meus alunos. Quantas vezes não “roubei” folhas de revistas *Veja* em salas de espera de médicos quando encontrava algum texto interessante que tratava de política, ou um conto, ou um belo poema, ou mesmo qualquer assunto polêmico que pudesse levar para a sala de aula e debater com eles. Quantas vezes, viajando, dirigindo e ouvindo música, de repente, achava que aquela letra daria um bom mote para começar uma aula, então, acelerava mais para chegar logo em casa, procurar a letra no computador, xerocar para 40 ou 50 alunos – com o meu próprio dinheiro – diga-se de passagem, para ter o prazer de ver meus alunos debaterem ou mesmo encenarem aquela música, ou aquele conto.

Quantos “Saraus Poéticos” não “patrocinei”, quando a escola não podia ajudar financeiramente, para que meus alunos pudessem apreciar momentos diferentes de aprendizagem fora da sala de aula. Que saudade de nossos “Chocolates com Poesia!” Acho que fiz muito por eles nos anos que passei como professora. Confesso que era “um pouco rígida”. Nunca fui muito “amiguinha”. No entanto, tenho certeza de que tudo que fiz de bom ou de ruim, se fui brava muitas vezes, se não fui a professora exemplar que talvez

pudesse ter sido, só foi para o bem deles.

Hoje, o maior prazer que sinto é encontrar meus alunos e alunas em diversos setores do comércio e da indústria. É saber que muitos estão na universidade e que tenho uma parcela de “culpa” no sucesso de cada um. Invade o meu coração um sentimento de dever cumprido e a certeza de que nem tudo foi em vão.

O que me levou a pedir aposentadoria ao completar meu tempo de serviço, 25 anos de sala de aula, foi o fato de que a lei do tráfico no entorno da escola se consolidou de uma maneira tal, que ficava quase impossível sair da tranquilidade do meu lar para ir à escola sem sentir um medo terrível. A violência estava por toda a parte. Todos: professores, alunos e funcionários já não tinham a quem recorrer, uma vez que a polícia não se mostrava competente para resolver os problemas que se nos apresentavam todos os dias e todas as noites. Quantas e quantas vezes fomos “obrigados” a atender um “pedido” dos traficantes para que fechássemos a escola mais cedo, pois haveria nas imediações da escola tiroteios naquela noite.

Parece mentira não é?

Mas não é não gente, isso acontece mesmo, e não foi só uma ou duas vezes, eram eventos recorrentes em nossa escola. Alunos, professores, funcionários, todos eram assaltados na porta da escola quase que diariamente. Os bandidos ficavam na quadra de esporte aliciando os menores e não tinha professor ou professora que quisesse enfrentá-los. Claro e com razão. Esse papel não era nosso. Esse papel caberia à polícia. Polícia que nas inúmeras vezes que chegava à escola para resolver o problema quase nada podia fazer devido à lei que protege os “menores”. “Os pobrezinhos”. E aí ficávamos nós à mercê da bandidagem,

rezando para que nada nos acontecesse no período em que exercíamos nossa função de educadores.

Isso me leva a lembrar de inúmeros acontecimentos pelos quais passamos durante todos esses anos. É verdade que no começo de minha carreira nos idos de 1987 não havia tanta violência, tanta droga, tanta indisciplina. Não existia tanta tecnologia, inclusive, nem sonhávamos com a existência do celular que sem sombra de dúvida é o culpado de grande parte dos males que tomam conta não só dos corredores como da própria sala de aula, fazendo com que os alunos se desinteressem de uma maneira tal pelas nossas aulas tão sem tecnologia, que ficava quase impossível a aprendizagem. A violência contra professores e o *bullying* contra os alunos foram quase inexistentes durante muitos anos. Só para situá-los na realidade do entorno, onde nossa escola se localizava, vou tentar descrever alguns “eventos dramáticos” que nos pegavam de surpresa.

Houve uma noite em que levaram nosso diretor na mala de seu próprio carro, enquanto outros roubavam computadores, televisores, e tudo o que pudessem levar da escola. Outra noite, estávamos próximos do término de nossas aulas quando ouvimos um barulho infernal de gente correndo pelos corredores da escola gritando que era um arrastão. Saímos das salas em desespero procurando onde nos escondermos sem termos noção do que realmente estava acontecendo. Escondemo-nos na sala dos professores eu e minhas alunas. Todas gritando desesperadas e escoradas na porta que não tinha trinco nem chave, esperávamos pelo pior. Após alguns instantes, o barulho se tornou menor e o silêncio nos corredores nos levou a entreabrir um pouco a porta. Ao percebemos que tudo estava mais calmo, saímos de mansinho da sala. Foi um verdadeiro horror. Muitas

alunas, mães de família, ficaram tão aterrorizadas que se recusaram a continuar os estudos e deixaram a escola. Eu nunca tinha passado por momentos tão aflitivos.

Depois desse dia, ou melhor, dessa noite traumática, não tive mais dúvidas quanto à ideia de me aposentar o quanto antes, enquanto ainda estava viva, pois fiquei morta de medo de voltar a dar aulas. Mas, infelizmente, ainda faltavam dois anos. Minhas filhas pediam todos os dias para que eu deixasse aquela escola. Infelizmente, esta situação de violência acontece na maioria das escolas em setores de risco.

Depois desse ocorrido, resolvi deixar de ensinar no turno noturno e saí à procura de uma escola que tivesse uma vaga no período da manhã. Consegui uma vaga no PREMEM, uma escola padrão, situada numa área da cidade que não oferecia tantos riscos como na minha escola de origem. Adorava a escola. Nunca havia ensinado durante o dia. Ensinar durante o dia era completamente diferente de ensinar à noite. Percebi que o interesse dos alunos e a aprendizagem eram muito mais efetivos. Claro, os alunos da noite não têm o tempo que os da manhã têm para se dedicar aos estudos.

Após um ano, houve uma reforma no Projeto Político da escola e infelizmente o número de professores teria que diminuir e, claro, os primeiros a se desligarem seríamos os novatos, e, como eu estava nessa lista não tive opção, tive que voltar para minha escola de origem. Felizmente, faltava pouco para completar meu tempo de serviço. Se tivesse ficado no PREMEM talvez não tivesse me aposentado. Claro que também esta escola não era nenhum céu na terra. Aluno é igual em todo lugar, e, em todas as escolas, existem os mais interessados como também aqueles que só

querem bagunçar, mas nada que não se contornasse; pelo menos não havia aquele medo descomunal da violência já que a escola não ficava num bairro de risco.

O tempo passou e chegou a hora de dar entrada em minha tão desejada aposentadoria. Queria unir o útil ao agradável. Explico: minha segunda filha, Juliana, estava grávida e eu prometia que ficaria com ela assim que descansasse. Então, consegui que minha aposentadoria saísse no Diário Oficial justamente dias antes de ela dar a luz a minha linda netinha Heloísa.

Tenho que reconhecer que os anos na escola Anésio Leão não foram assim o tempo inteiro. No começo, entre 1987 até 2010 por aí, não existia tanta violência mesmo o bairro sendo de periferia. Existiam professores preocupados com a aprendizagem e os alunos também eram mais interessados do que os de hoje. Talvez por que não existiam ainda essas novas tecnologias que, às vezes, só atrapalham o estudo.

Tivemos nossos momentos felizes também, com nossas reuniões festivas, comemorações de aniversários, confraternizações de natal, formaturas dos alunos, coisas que faziam com que voltássemos com a alma renovada para continuar com a nossa luta diária em fazer que os alunos aprendessem. Nunca vou esquecer meus colegas do turno noturno desses primeiros tempos e de muitos que já não se encontram entre nós como Marcos Aurélio e nossa querida Darly. Sempre me lembrarei de Socorro Queirós com aquela calma toda; Washington sempre trazendo notícias “boas” para gente; Wamberto, Maria Mendes, Adeildo, Dora, Fafá, Manassés com seus planejamentos tão organizados e arrumadinhos que faziam inveja a qualquer professor, principalmente a mim, que não sou nada organizada

nesse setor.

Nunca vou esquecer as conversas diárias com meus colegas professores em nossa sala dos professores. Os nossos lanches diários, com “biscoitos pedagógicos” – regados a muitas conversa e piadas engraçadas, a velha bolacha maisena – o rubacão, a sopinha de frango com arroz bem ligadinho, os sucos de umbu, os iogurtes e a tapiquinha. São momentos como esses que mesmo agora, estando aposentada, confesso que sinto muitas saudades.

Vou sentir enormes saudades, sempre, das risadas de Marta quando Boi chegava com aquele papelzinho onde sempre tinha uma piada bem engraçada e safada, diga-se de passagem. Sentirei muita falta da nossa troca de livros e filmes, dos nossos papos, de nossas idas à UFCG quando fazíamos um curso como alunas especiais de mestrado. Adoro essa amiga. Martha sempre foi e sempre será para mim um exemplo de mulher guerreira, disciplinada, inteligente, esforçada, boa mãe, boa esposa, boa colega, éeética até não poder mais. Um exemplo de professora.

Lembrarei sempre do “mau-humor” eterno de Neuzinha, colega pela qual eu tenho uma dívida de gratidão muito grande, pois foi ela quem conseguiu em João Pessoa a incorporação de meus sete anos – como *pro tempore* – em tempo de serviço – contados para a aposentadoria. Obrigada Neuzinha.

Jamais vou me esquecer de nossa colega Darly, professora de mão cheia, dedicada aos alunos, divertida, carinhosa, e que teve uma morte tão ingrata, sendo uma pessoa que cuidava tanto da saúde. Jamais vou esquecer os nossos encontros nos verões nas praias de João Pessoa. Nem vou esquecer também Amélia, Arilene e Zélia, diretoras maravilhosas, que sempre ocuparam esse papel com

muita sabedoria sabendo contornar os problemas com eficiência, com ética, tratando todos com muita consideração e carinho. E Aparecida. Ah! Jamais vou esquecer os anos em que Aparecida foi nossa diretora com aquele seu ar de general de exército, controlando os alunos com mão de ferro, querendo disciplina a todo o custo. E Fátima Dantas? Fátima Dantas foi e é até hoje, como uma irmã para mim. Tínhamos muito em comum. Jamais vou esquecer-la. Pena que tivemos tão pouco tempo juntas, pois ela se aposentou poucos anos antes de nos tornarmos boas amigas e mudando-se logo em seguida para João pessoa. Felizmente, graças à tecnologia, sempre estamos em contato através do celular e pelas redes sociais. Sempre nos preocupando uma com a outra.

Nunca esquecerei as coisas engraçadas que Graça Brasileiro nos contava. As piadas de Ayla e Rose, a doçura de Gírlane, a calma de Izete, os cartazes tão bem feitos de Fátima Ferreira e Ivanalda, a esperança de dias melhores de Solange, a calma de Josefa, as marcas do café deixadas na mesa dos professores por Tereza Cristina, minhas aulas de costura dadas por Iolanda e Socorro, as meninas da secretaria: Giseuda com seus bobes e sua toquinha de friso nos cabelos, que eu achava um barato; a disponibilidade de Solange, e os papos animados com Sônia sobre roupas e futilidadezinhas que toda mulher gosta. Vou sentir falta de Elza Franco sempre prestativa quando lhe pedia alguma coisa, de Janeide, da fumaça do cigarro de Marlene e das piadas safadas de Ana.

Enfim, vou sentir falta de todos os meus colegas até dos que por falha na minha memória não consigo lembrar no momento. Claro que também sentirei falta de meus alunos, principalmente daqueles que mesmo cansados do

trabalho ainda tinham forças para ir até à escola e tentarem aprender alguma coisa para melhorarem os seus currículos e, por isso, para mim eles é que eram os verdadeiros heróis desta minha saga.

***Dedico esta crônica aos meus colegas professores, alunos e funcionários da Escola Estadual Prof: Anésio Leão.***

# A TURMA

**E** stávamos voltando para casa. Para Campina Grande. Cansada confesso. Mas muito feliz. Tinha sido um dia inesquecível. Memorável mesmo. O sol ainda brilhava no céu. Um céu azul, mas com as nuvens já amareladas anunciando o pôr do sol. Dali a mais algumas horas, o crepúsculo nos acompanharia. Eu vinha na direção. Gosto de dirigir. Muitos de meus textos foram formatados em minha mente dessa maneira, quando voltava de minhas viagens. Sozinha, enquanto dirijo, minha mente começa a devanear e tudo que observei, naqueles momentos de lazer, de alegria ou de tristeza que vivi, começa a se transformar em palavras em meu pensamento. Palavras que logo que posso, materializo em textos. Esse texto que escrevo agora será uma maneira de homenagear nossa turma de 1975 do CNSD – Colégio Nossa Senhora das Dores. Bezerros - Pe.

Fazia dias que a insônia ameaçava destruir as minhas noites. Nada mais natural que a expectativa – irmã da ansiedade – também rondasse descaradamente a porta de meu quarto. Tudo isso por causa do encontro anual com nossa turma que se realizaria dali a alguns dias.

Há quarenta anos, formávamos elos de uma corrente de

jovens estudiosos e espertos que buscavam realizar sonhos e conseguir o seu lugar ao sol. Afinal, como diz o poeta: “O sol é para todos”, e cada um à sua maneira buscava o seu lugar no mundo. Nossa formatura chegou. Foi tudo muito bom. Mas, sabíamos que aquele dia marcaria a quebra dos elos daquela corrente humana. A partir daquele dia, dispersaríamos-nos. Um a um como as “Pombas” no poema de Raimundo Correia que diz:

“Vai-se a primeira pomba despertada...

Vai-se outra... e mais outra... enfim dezenas

De pombas vão-se dos pombais, apenas

Raia sanguínea e fresca a madrugada”.

E realmente foi assim. A partir daquela madrugada de festa, tomamos nosso rumo na vida. Uns abraçaram a tão desvalorizada, mas ao mesmo tempo tão nobre carreira de professor. Outros também optaram pela mais nobre – a medicina. Alguns foram mais longes para ser publicitário, granjeiro, médico veterinário, dono de restaurante. Outra preferiu a área financeira tornando-se bancária. Outra tenta a escrita e, devagarzinho, vai tentando se consolidar como tal. Enfim, todos procuraram alcançar seus objetivos e realizar o sonho da juventude.

Passaram-se os anos. Alguns permaneceram em nossa cidade natal. Outros, na busca de sua felicidade, partiram para terras mais longínquas. Muitos casaram, tiveram filhos. Outros não. Preferiram, talvez, viver a sós, consigo mesmos. Bastavam-se. Uns sofreram e tiveram suas perdas irreparáveis. Alguns nos deixaram precocemente. Mas fazer o quê? “*A vida tem dessas coisas*” como dizia meu velho pai. E ela é assim, a vida, cheia de surpresas, de adversidades, de ilusões, de desilusões, de amores, de alegrias e de tristeza. E nós temos a obrigação de vivê-la com

intensidade e sempre procurando a felicidade.

O tempo não parou.

Perdeu-se o contato com aqueles que partiram para outras paragens. Mas aí o avanço tecnológico, os celulares, *os Ipads, os Iphones, os Smartphones* e toda essa parafernália com que estamos envolvidos, levou-nos ao *facebook, ao WhatsApp, ao Twiter* e eis que de repente nos reconhecemos uns ou outro nas redes sociais. Que alegria! Será que é mesmo ela? É mesmo ele? Adicionamo-nos, e, de repente, outro e mais outro e mais outro se reconhece e se adiciona. E, assim, os elos daquela antiga corrente humana, desligados há tanto tempo, começam pouco a pouco a se entrelaçarem outra vez. Um a um, vamos retomando contatos e aí surge a ideia do grande encontro.

Ao primeiro encontro, infelizmente, não me foi dada a alegria de comparecer. Mas, prometi a mim mesma que nada me faria perder o próximo. Daí a minha ansiedade, a minha insônia, a minha expectativa em rever meus queridos colegas e lembrarmos os momentos alegres de uma das épocas mais felizes de nossas vidas. A juventude.

O dia do encontro finalmente chegava.

Sáimos de Campina Grande numa manhã de sábado de um dia de sol esplendoroso. Céu completamente azul. Sol causticante. Pela janela do carro, eu assistia à passagem de uma natureza sofrida pela seca que tanto a maltratava como maltratava a nós também. No entanto, nada tirava a alegria de um fim de semana que certamente seria maravilhoso. Passamos em Caruaru onde levamos nossa prima Socorro que passaria o fim de semana conosco em Gravatá. Foi um sábado de conversas e muitas risadas. O dia se estendeu até a uma hora da manha. Graças à alegria dessa prima, a minha ansiedade diminuiu um pouco e logo

chegou o domingo.

Enfim, o tão esperado dia chegou.

Peguei Ana, minha prima, em sua casa e rumamos para a casa de Rosário onde nos encontraríamos.

Ao transpor aquele portão, a sensação que tive foi a de estar adentrando a casa dos BBBs da rede Globo, tamanha era a expectativa diante das surpresas que aquele dia com certeza nos proporcionaria. E assim foi. Fomos recebidas pelos já ali presentes com festa, exclamações e risos. Risos, quando a primeira frase que falei para eles foi que me sentia entrando na casa dos BBBs. A risada foi geral. Parafraseando o poeta Manuel Bandeira, a visão de todos ali reunidos foi um *“alumbramento, uma epifania”* e, como me disse Carmem Lúcia pelo “zapa zap”, à noite, já em minha casa, *“parecia que o tempo tinha estacionado e a sensação era que nunca havíamos nos separado”*. Éramos aqueles jovens esperançosos, estudiosos, “espertos” e despreocupados outra vez.

Após os abraços e beijinhos de reconhecimento, sentamo-nos e começamos a conversar, a trocar ideias, receitas, conselhos. Era como se nos tivéssemos visto no dia anterior. Colocávamos nossos assuntos em dia, mostrávamos fotos de nossos filhos e netos. Relembramos os tempos bons em nossa escola, nossas brincadeiras, nossas colas nas provas, a alegria de nossos jogos e gincanas, a convivência com nossas professoras.

Sabíamos que era tão pouco o tempo que tínhamos para estarmos juntos e revivermos 40 anos de saudades que falávamos uns com os outros ao mesmo tempo numa balbúrdia, numa azáfama e alvoroço incontrolláveis. Aqui e acolá, como é natural hoje em dia, um ou outro pegava o celular e começava a se isolar. Mas nós não permitíamos.

Mas, de repente, tivemos a ideia de criarmos nosso grupo. Foi um Deus nos ajuda de troca de números de celular. Fizemos uma lista de todos os presentes e haja confusão. A risada era geral, ninguém se entendia. Foram muitas horas até que estivéssemos todos incluídos no grupo.

E haja surpresas. Descobrimos que havia um painel com fotos de nossa formatura e de alguns momentos especiais que passamos no colégio os quais, claro, serviram de cenário para inúmeras fotos. Foi um momento emocionante. Descobrimos também um lindo e saborosíssimo bolo que nos seria servido logo após nosso almoço. E haja surpresas e haja fotos nas escadarias da mansão de Rosário, ao redor do bolo, ao lado do painel de fotos, abraçados uns aos outros e todos juntos. Queríamos fotos com cada um. Tudo precisava ser registrado e postado no face posteriormente, do contrário, não teria graça nenhuma e não seríamos os “jovens” antenados que somos dos dias atuais.

Estávamos vivendo momentos maravilhosos e incríveis naquela tarde.

Eu, particularmente, jamais vou esquecer os momentos que passei ao lado de Celinha. Pessoa que descobri possuidora de um senso de humor maravilhoso e uma presença de espírito singular. A felicidade parece que brota de seus poros e sai evolando, evolando, envolvendo por completo as pessoas que estão ao seu lado. Deve ser um privilégio fazer parte de seu círculo de amizades; de conviver com ela. Ela emana alegria. Olha gente, não estou dizendo isso porque ela “comprou” meus livros não viu? É tudo verdade. É sincero. Ela me fez muito feliz naquela tarde com as suas “tiradas”.

Foi muito bom rever Lourdinha e lembrar o quanto fui parceira de suas peraltices e travessuras na escola e

perceber que ela continua uma pessoa autêntica no seu jeito irreverente de ser e que eu adoro. Conversar com Ana sobre nossos familiares e saber que ela agora é uma católica fervorosa que vai estar sempre orando e pedindo a Deus por todos nós também foi muito bom.

Sentar ao lado de Sueli, dar uma força para ela, solidarizar-me com sua dor recente, tentar levantar o seu astral também foi muito gratificante para mim.

Como foi bom sentar bem em frente a Marta – a sobrinha do padre – como a chamávamos, “A Santa Marta”, graças àquele seu semblante de 40 anos atrás. Meigo, carinhoso, doce e que descobri, naqueles breves momentos, que aquele seu jeito de ser não morreu e ela continua sendo a mesma de sempre. Deve ser uma mãe e esposa maravilhosa. Como gostaria de ser como ela, mas sempre fui agitada, danada, impulsiva. Sempre fiz parte da turma das presepeiras, das conversadeiras, das encenqueiras, não que não gostasse de estudar, isso não, também se não estudasse, papai não toleraria. O problema é que esse foi e sempre será o meu jeito de ser.

Ah! Como gostei daquele abraço apertado de Neuta. Confesso que cheguei a sentir a energia positiva que passava do corpo dela para o meu. Bom ver você Neuta, tão elegante, tão charmosa.

O nosso simples, mas significativo almoço ia ser servido para saciar a nossa fome do corpo, porque a nossa fome de calor humano, de harmonia, de alegria, de transmissão de pensamentos bons – dessa fome – nós já estávamos bastante saciados.

Como foi lindo, singelo e carinhoso o gesto de Fátima Pessoa em nos presentear com aquela linda e branquinha toalha. Confesso que vou guardá-la como uma relíquia;

como um símbolo de nossa amizade, para sempre.

Acompanhar a competência de Carmem Lúcia – nossa Nanã – no comando da festa não foi para mim nenhuma surpresa. Desde nossa juventude, ela era a mais estudiosa, a mais inteligente, a mais organizada, a mais confiável, a mais querida por todos e a que tomava todas as dores de nossa turma. A melhor turma do ano daquela escola, diga-se de passagem. Foi ou não foi? Comprovo, observando os seus passos, que os anos não a mudaram e que ela continua sendo essa pessoa ajuizada e centrada que sempre foi.

Quero parabenizar a nossa querida anfitriã Rosarinho que abriu as portas de seu lar para nos receber com tanto carinho e dedicação. Como foi bom revê-la, Rosário e Carminha. Vejo que as duas continuam com aquele ar calmo da juventude. Sempre educadas, quietas, tranquilas; tão diferentes de mim que sempre fui irrequieta, estressada, impulsiva.

E Dalvanise. Tão bom conversar com ela. Sabê-la amante dos animais. Ser capaz de tudo para que eles também tenham o amor e carinho que merecem. Se ela é assim com os animais como não será com as pessoas que convivem com ela. Só pode ser uma pessoa do bem. E eu gosto das pessoas do bem.

A chegada atrasada e intempestiva de Nalva foi uma alegria só. Como foi bom receber seu abraço, perguntar-lhe se me reconhecia e ela dizer de cara: “*Claro, tu és Valéria de Chico*”. E eu respondendo em meio às gargalhadas da turma: “*Eu mesma, há 43 anos*”. Muito bom Nalva. Adorei te ver.

Pena que não pudemos nos alegrar com a presença de George, Paulinho e Fátima Monteiro. Esperamos que no próximo ano eles possam nos dar a alegria de suas

presenças.

Após o almoço, mais surpresas na casa dos BBBs. Resolvi sortear com todos os presentes quatro exemplares de meus livros o que causou mais risadas, pois Celinha e Waldemir – que há quarenta anos ainda fazem das suas – se prontificaram a providenciar os nomes para o sorteio, mas o que eles faziam também era “passar a perna” nos colegas colocando os nomes deles várias vezes nos papeizinhos. Mas, assim mesmo, não foram sorteados. Celinha chegou à conclusão “*de que o crime não compensava*” o que causou mais uma gargalhada geral.

Rimos de doer o corpo naquela tarde memorável.

É isso aí. O tempo voou naquela tarde. E como tudo tem um fim, estava chegando a hora de nos despedirmos. Eu voltaria para Campina Grande ainda, naquela tarde, assim como outros para suas cidades. Despedimo-nos com muita alegria e emoção, mas sabendo que não mais seria preciso tantos anos para voltarmos a nos encontrar. A partir daquele momento, prometemos não mais nos perdermos de vista e procurarmos sempre estar em contato um com o outro nem que fosse pelas redes sociais. Afinal, foi para isso que criamos nosso grupo. ***O grupo da cola.*** Até ano que vem pessoal, quando espero que nos encontremos novamente cheios de juventude, alegria e muita saúde.

Dedico esta crônica aos meus colegas do CNSD turma de 1975.

*In memoriam: Desterro e Socorro Ribeiro.*

# VAI-SE A PRIMEIRA POMBA DESPERTADA<sup>4</sup>

**C**omo disse o grande poeta Raimundo Correia “Vai-se a primeira pomba despertada...” E assim ela se foi. Que seu voo seja rápido para a morada do PAI onde fará feliz mamãe e papai que devem tê-la carregado em seus braços até o infinito.

Perdemos nossa amada irmã Waltenyce, Tenice, Ite, Wal, Maninha ou Walté... como era chamada por aqueles que a amavam: amigos, irmãos, sobrinhos, tias e cunhados. Perdemos nossa irmã de uma maneira surpreendente e muito triste. Estamos mais uma vez órfãos de mãe, pois para nós era o que ela sempre fora.

Mamãe nos deu à luz, é verdade. Mas é mais do que verdade que Tenice foi quem a ajudou a nos criar. Foi ela que, independente da sua vontade, abdicou muitas vezes de seus próprios projetos de vida em favor do bem-estar de sua numerosa família. Doou-se a todos incansavelmente, e, mesmo com seu jeito peculiar de ser, jeito que todos nós

---

<sup>4</sup> Este título se refere ao verso do poema “As pombas” do poeta Raimundo Correia.

conhecemos muito bem, sabemos que ela amava cada um de nós de uma forma particular. Sempre ajudando àqueles que mais precisavam de ajuda ou a qualquer um que porventura necessitasse de seus préstimos. Nunca negou ajuda a nenhum irmão ou irmã. Era generosa. Por isso, tenho a mais absoluta certeza de que o seu lugar junto ao Pai Celestial estaria desde muito tempo reservado esperando a sua chegada.

E agora José?

Como será sem Tenice que à sua maneira era quem agregava a grande família. Sempre arranjando motivos para ter todos nós ao seu redor. Fomos os filhos que ela não teve. Pode não ter demonstrado o seu amor e carinho por nós como uma mãe biológica o faria, mas fez tudo o que estava ao seu alcance para que pudéssemos criar nossas próprias asas e encontrássemos nosso próprio caminho na vida.

Vamos sentir muito a sua falta. Vamos sentir falta e muitas saudades de suas risadas, de sua alegria de viver, de suas idiosincrasias, de sua generosidade, de sua autoridade e até mesmo da cara feia que fazia para nós quando estava de “lundum”. Mas, vamos sentir mais falta ainda das confraternizações de Natal em sua casa, da fartura de comidas e bebidas. Das grandes festas de São João e do carnaval dos Papangus de Bezerros que ela incansavelmente organizava com todo carinho na sua casa de campo em “Santa Fé” na nossa cidade natal: Bezerros, lugar para ela especial, onde fazia questão da presença de todos os familiares e amigos para celebrarmos a vida.

Aqui e agora, com meu coração partido de saudade e meus olhos rasos de lágrimas de dor, só posso dizer uma coisa, Tenice: Vai em PAZ, minha irmã querida. Você cumpriu sua missão aqui na terra com louvor.

Foi de um estoicismo singular!

Nos poucos dias em que estive entre a terra e o céu, jamais a ouvimos reclamar de seu sofrimento. Volto atrás. Reclamava sim. Ouvimos muito ela reclamar do gosto sem gosto da comida horrível de hospital que ela detestava e da quantidade de remédios que tinha que tomar – coisa que sempre odiou. Como já disse, foi de um estoicismo exemplar, pois em nenhum momento a ouvimos clamar por Jesus em seu auxílio; ao contrário, fez-se forte; mesmo nos dias e noites presa àquela cama, sufocando em sua própria respiração, não parava de se preocupar com todos os irmãos que se revezavam em seus cuidados; ao invés de darmos forças a Tenice, muitas vezes, sentíamos que com sua coragem e determinação era ela mesma quem nos passava essa força e essa coragem. Você foi uma lutadora, Tenice. Lutou com a “Indesejada das gentes” que está sempre à espreita de mais uma alma. Você foi guerreira até o último momento.

Nos seus últimos suspiros, entre uma respiração puxada e outra, encontrou uma força física impressionante e mesmo com toda a dificuldade para respirar conseguiu dizer que “devemos sempre estar preparados para a chegada daquela hora”. Se sua alma fosse embora por aqueles dias, diga-se de passagem, dias de carnaval – grande ironia do destino, pois era a sua festa preferida, mesmo assim, “ela partiria sem revolta”. Talvez em seu íntimo, já estivesse reconciliada com o PAI. Assim espero. Aceitou seu destino sem reclamar.

Estamos tristes sim, terrivelmente tristes. A saudade e a falta que Tenice nos vai fazer será demais. Mas estamos conformados e confortados por você mesma, minha irmã.. Você vai permanecer eternamente guardada em nossos corações e em nossas lembranças. Pode crer.

Vai em PAZ Tenice, Ite, Waltenyce, Maninha, Wal, Walté... como queiram chamá-la; e que o Deus vivo e misericordioso lhe abra as portas do paraíso e a receba com os braços abertos num grande abraço.

O céu está em festa com a sua presença. Adeus minha irmã. Um dia, com certeza, nos encontraremos no Reino que Jesus preparou para todos nós.

*De sua Irmã Valéria que jamais a esquecerá*

**DIÁRIO  
DE BORDO**



# UMA VIAGEM INESQUECÍVEL

Foi tudo tão de repente. Não fazia parte de meus sonhos aquela viagem. O convite feito pelas filhas foi aceito de imediato já que viajar é sempre bom, principalmente, com toda a família. Foram dias e meses de expectativa e ansiedade. Afinal íamos conhecer outro país. Outros costumes. Outra cultura. Passamos dias pesquisando na internet sobre o local, sua cultura, sua gastronomia, opções de lazer, troca de moeda, enfim, tudo para que nossos dias no Chile fossem perfeitos.

E foram.

Mesmo havendo contratemplos inesperados e informações inexatas os quais fizeram com que deixássemos de levar vestuário adequado para um clima tão frio, nada impediu que aproveitássemos ao máximo nossa viagem. Ela foi maravilhosa. Como rimos e nos divertimos com a falta de nossas botas e agasalhos que deixáramos de levar por causa das informações desconstruídas que tínhamos sobre a variação climática que ocorria no Chile! Todos diziam que em outubro já não haveria neve, que a estação

de esqui estaria fechada, que não veríamos o vale completamente nevado. Então, diante dessas informações nossa mala ficou desfalcada no quesito “agasalhos” o que nos levou a comprar coisa que tínhamos deixado em casa e que foi motivo de muitas risadas.

A chegada ao Chile foi embaixo de muita chuva, coisa que dificilmente acontece por lá como nos falou o taxista. O nosso *city tour* do sábado foi acompanhado de um frio intenso e debaixo de chuva. Relembávamos, rindo muito, nosso passeio ao Rio de Janeiro que também ocorreu em meio a uma enxurrada danada. Mas, nada tirava a alegria de estarmos em Santiago. Acompanhados pelo nosso guia Daniel, passeamos bastante, conhecemos os pontos turísticos da cidade, almoçamos no mercado central, fizemos compras nos *outlets* e retornamos ao hotel para descansar e continuar com a nossa “peregrinação” à noite, quando conheceríamos a vida noturna do lugar. Fomos ao restaurante que presenteia o turista com shows folclóricos maravilhosos, onde fomos convidadas, eu e minhas filhas, a dançarmos com os artistas locais que se apresentavam no palco o que nos rendeu, também, boas gargalhadas. Mais risadas demos no nosso passeio à Vinícola “Concha y Toro”, quando um de meus genros, André, entrou no metrô e nós não o acompanhamos. Foi muito engraçado e ao mesmo tempo preocupante, pois achávamos que ele estaria perdido, mas qual o quê? O menino é inteligente. Enquanto nos desesperávamos, na estação de metrô, tentando encontrar um meio de achá-lo, ele já se encontrava na plataforma à nossa espera quando descemos. Esta etapa do passeio foi motivo de muitos comentários, pilhérias e risadas.

Na vinícola, tivemos “aulas” sobre o cultivo dos vinhos chilenos e de como saboreá-los corretamente em vários

momentos de degustação. Conhecemos também o subsolo, onde os imensos barris de vinho ficam apurando numa temperatura de cinco graus e onde assistimos a uma peça teatral bastante interessante a portas fechadas, numa completa e assustadora escuridão e com efeitos luminosos arrepiantes. Foi tudo de bom.

A noite não poderia ser mais auspiciosa, uma vez que iríamos conhecer o restaurante giratório. Localizado em uma área nobre de Santiago no 18º andar de um belíssimo edifício. Conhecido por sua particularidade que como o próprio nome diz gira em seu próprio eixo. Durante o tempo que dura o jantar, mais ou menos por uma hora, saboreando os bons vinhos chilenos e pratos deliciosos à base de camarões andinos, temos uma visão panorâmica de toda a cidade. Se o horário escolhido for o almoço, teremos uma visão extasiante da cordilheira gelada dos Andes toda branquinha coberta de neve e gelo.

O outro dia era domingo. O nosso passeio ao Vale Nevado estava de pé, mesmo que a estação de esqui estivesse fechada, iríamos conhecer as cordilheiras dos Andes mais de perto. Para isso, era preciso alugarmos roupas apropriadas, pois lá em cima o frio é terrível e nossas roupas mesmo muito quentes não eram totalmente apropriadas. Tivemos que alugar botas, calças, casacos, luvas, uma parafernalia de coisas para que suportássemos o grande frio nas cordilheiras.

A subida ao vale foi feita em ônibus especial e não estávamos preparados para tanta emoção. Era como se estivéssemos escalando uma enorme montanha, só que em círculos. E subíamos e subíamos e subíamos. Foram mais de quarenta voltas que demos por uma estrada estreitíssima e bastante sinuosa. O ar ficando rarefeito. Nossos ouvidos

quase estourando pela pressão, no entanto, isso não era nada comparado à emoção de vermos paisagens tão deslumbrantes. Parecia um cartão postal.

Foi incrível. Quase impossível de descrever. A continuação da subida ao Vale Nevado não foi possível em virtude da variação climática, então, paramos na 1ª estação de esqui: a “Farellones” que nos deixou deslumbrados com tanta beleza. Aquelas árvores e casas lindas cobertas pela neve era uma imagem bonita de se ver e de se gravar eternamente em nossa memória. Era motivo para tirarmos muitas e muitas fotos como realmente fizemos e que certamente guardaríamos para sempre. Faltavam apenas duas voltas para chegarmos ao topo, à estação de esqui propriamente dita. Descemos do ônibus extasiados com tanta beleza.

Era tudo tão lindo. Tão branco. Tão iluminado. Uma epifania, sem sombra de dúvidas. Um alumbramento.

Montanhas de gelo se confundindo com um céu muito branco. Nossos olhos pareciam querer congelar aquelas imagens para que elas nunca mais escapassem de nossas retinas e de nossa memória. Nossas pupilas pareciam estar congeladas assim como aquelas geleiras diante de um lugar com um visual tão impressionante.

Foi quase como num sonho bom.

Não esperávamos encontrar aquela paisagem. As notícias eram de que talvez não fosse possível apreciarmos a maravilha que é ver o vale completamente nevado. No entanto, o dia anterior tinha sido de chuva. Chovera todo o dia e toda a noite. Não sabíamos que Deus talvez estivesse nos preparando aquela belíssima surpresa. Graças à chuva do dia anterior, as cordilheiras amanheceraam completamente cheias de gelo e neve e nossos olhos tiveram

o prazer e a alegria de apreciar tamanho fenômeno da natureza. Algo indescritível. Nenhuma pessoa no mundo deveria deixar de existir sem ter a oportunidade de ver o que os nossos olhos viram.

Passados os primeiros momentos de êxtase diante do que víamos, voltamos a nos comportar como crianças outra vez, e aí não poupamos ninguém com nossa alegria em sentir a neve caindo sobre nós e então brincamos a valer, jogando bolas de neve uns nos outros como crianças rebeldes e indomáveis; construimos um autêntico boneco de neve igual aos que víamos em cartões postais e o enviamos em foto para nossos filhos e netos. Aquelas fotos formariam um registro de dias de muita alegria e felicidade. A alegria foi uma companheira inseparável de todos nós naqueles belos momentos em meio a tanto frio e tanta beleza.

Porém, como é sabido, *tudo o que é bom dura pouco*, e aqueles momentos de pura felicidade estavam terminando. Era hora de voltarmos. Era hora de partirmos. Com nossos corações transbordando de alegria, fizemos o caminho de volta, descendo aquela enorme montanha em círculos tão perigosos, mas com a certeza de sermos pessoas privilegiadas por termos a oportunidade de conhecer um lugar que certamente é abençoado por Deus.

Dedico esta crônica aos meus companheiros de viagem: meu marido, minhas filhas e meus genros.

*12 de outubro de 2012.*



## ÉRAMOS 9

Os dias passavam lentos demais. Fazia meses que nos preparávamos para a grande viagem de férias. A espera era angustiante. Quanto mais os dias passavam mais distante parecia ficar a partida. Esperávamos passear bastante, sorrir, conversar, desestressar e curtir quinze dias de pura descontração.

A Europa nos aguardava. França, Alemanha, Itália. Parecia até mentira. Mas era verdade. Estava tudo pronto. Passagens, passaportes, seguro-saúde na mão, euros nas carteiras, enfim tudo sob controle como diria meu pai. O Brasil jogaria no dia de nossa partida, então combinamos de nos encontrarmos todos em Recife na casa de Tenyce onde assistiríamos ao jogo e de lá partiríamos todos juntos rumo ao aeroporto.

Nossa aventura começaria naquele momento.

Nossas malas pareciam não caber nos carros. Também, eram onze malas. Quanta bagagem meu Deus! Depois de alguns minutos, entre bota e tira e tira e bota, couberam todas na caminhonete de Raimundo. Partimos eufóricos com a vitória do Brasil e com a certeza do sucesso de nossa tão programada viagem de férias.

Chegamos ao aeroporto como o combinado pela agência de turismo, isto é, com quase três horas de antecedência, mas qual não foi nossa decepção quando soubemos que o avião atrasaria em cinco horas. Cinco horas que deveríamos esperar sentados naqueles bancos de aeroportos tão “macios e confortáveis”. Mas, a euforia e vontade de viajar eram tão grandes que tiramos de letra, e, conversa vai, conversa vem, piada vai, piada vem, o tempo passou sem que notássemos e as cinco horas chegaram rápido como uma chuva de verão. De repente, ouvimos aquela voz macia do alto-falante do aeroporto anunciar o nosso voo. Que felicidade! Até que enfim embarcaríamos rumo a Portugal, onde faríamos uma conexão e de lá – Aeroporto de Orly, primeiro destino de nossa grande viagem.

Paris nos aguardava.

Portugal. Portugal de Cabral – tão nosso conhecido. Parecia que estávamos ainda no Brasil. Brasil dos protestos, das greves. Portugal dos protestos. Pasmem! Portugal estava em greve. Seria possível? Seria. Era possível sim. “Caímos de avião” em Portugal justamente no dia da greve geral dos transportes. Caos geral no aeroporto. Nada no lugar. Ninguém para informar. Nenhum avião entrava nem saía. Pessoas andando apressadas para lá e para cá tentando encontrar solução para seus problemas e nenhuma informação concreta.

O dia passou.

A noite chegou e nada de solução.

Estávamos como que em transe sem conseguir acreditar que estávamos na Europa. Afinal, no nosso país é que as coisas não funcionavam direito. A Europa era civilizada. Estas coisas não deveriam acontecer por lá, mas, qual o quê, pelo visto iríamos dormir naquele aeroporto onde as

peças não mais se entendiam e as coisas iam de mal a pior. “De repente, não mais que de repente” (VINÍCIUS DE MORAES), Zé Neto que não parava quieto no aeroporto andando para lá e para cá atrás de notícias favoráveis, chega correndo deixando-nos, eu e Vera, mortas de aflição, sem saber o motivo de tanta pressa, com uma notícia de que a TAP (Transportes Aéreos de Portugal) estaria fornecendo ônibus e levando pessoas para dormirem em hotéis. Foi um pandemônio. Graças à esperteza dele, conseguimos driblar outros viajantes pelas escadas e corredores – como um bando de pessoas querendo se livrar de um arrastão na praia. Enfim, depois de um dia exaustivo de andanças pelo aeroporto em busca de notícias, todas desconhecidas, finalmente conseguimos entrar em um desses ônibus. Ufa!!! Quanta correria. Quanta falta de respeito! Quanto constrangimento!

Seguimos viagem neste ônibus que nem sabíamos para onde nos levava. Foram mais de duas horas de viagem numa noite fria por lugares nunca antes visitados. Fizemos um “tour forçado” por Portugal. Pena que foi à noite e não dava para apreciarmos a beleza dos lugares por onde passávamos. O motorista parecia que não sabia para onde nos levava. Dava voltas e mais voltas por ladeiras íngremes e estreitas. Sabíamos apenas que estávamos em área de praia já que os hotéis e as casas maravilhosas nos mostravam que estávamos perto do mar. Acertamos em cheio. Avistamos finalmente uma placa: SESIMBRA – pesquisei na internet e descobri isto – “Sesimbra é uma Vila portuguesa pertencente ao Distrito de Setúbal, região da Estremadura e sub-região da Península de Setúbal, com cerca de 23. 800 habitantes”.

Pois é, o ônibus nos deixou no Hotel do Mar. Ainda bem

que era um ótimo hotel. Passava das duas horas da manhã. O restaurante, claro, já estava fechado. Ainda nos serviram um sanduiche horrroso – duro e frio. Fomos para os nossos quartos. Descansamos. Acordamos. Tomamos nosso café da manhã e aguardamos o ônibus que nos levaria de volta ao aeroporto em Portugal. Esperamos, esperamos, esperamos e nada. A TAP nos “jogou” lá e nos esqueceu. Procuramos informações na recepção do hotel. Nada. Nem sinal do nosso ônibus. O jeito foi pagarmos do nosso bolso a passagem de volta ao aeroporto. Quanta desconsideração por parte da TAP. Mais uma que tivemos de aguentar.

Estávamos novamente no aeroporto. Mais decepção. O caos continuava maior que no do dia anterior. O número de passageiros aumentava a cada hora. As filas no setor de reclamação não tinham fim e ninguém sabia explicar nada até aquele momento; apenas notícias mentirosas. A manhã passou depressa e nada de avião para nos deixar em Paris, onde o pessoal da nossa excursão já deveria se encontrar. Esperávamos que pelo menos nossas malas já lá se encontrassem. As pessoas já não se entendiam. Ouviam-se gritos e discussões entre os passageiros e os poucos funcionários do aeroporto, e nós, como brasileiros bons de protestos, engrossávamos as fileiras de revoltosos e levantávamos nossos braços e nossas vozes com gritos de guerra.

Seria cômico se não fosse trágico.

A única saída foi desembolsarmos mais euros e comprarmos nossas passagens para Paris em outra agência que disponibilizava aviões. Lá se iam nossos eurozinhos tão contados. Enfim, saímos daquele inferno que foram os nossos dois dias de férias naquele maldito aeroporto português quando deveríamos estar desfrutando das belezas de Paris.

Paris. Cidade Luz. Aqui vamos nós.

Chegamos à noite em Paris. Crentes de que veríamos a *Torre Eifel* iluminada. Mas a nossa onda de má sorte estava apenas começando. Mais greve em Paris. Ai de nós! Os funcionários da torre estavam em greve e não chegamos a vê-la iluminada nem de longe. Esperávamos que pelo menos nossas malas estivessem bem arrumadinhas em nossos quartos. Mas qual não foi nossa tristeza quando o funcionário do *Hotel Mercury* nos informou que não havia chegado nenhuma de nossas onze malas. Ficamos a olhar um para o outro, pasmos, sem acreditar que aquilo poderia ser verdade. A cara de Vera era de dar dó. E os seus remédios? Como poderia passar sem eles? Talvez essa fosse a pergunta que tumultuava seu cérebro. Não havia nada a fazer naquele momento. Achávamos que logo mais elas apareceriam. Subimos todos para nossos quartos cansados e sujos depois de quase dois dias perambulando por aeroportos.

Como bem dizia *Scarlett O'hara*, “Amanhã é outro dia”.

Um dia em Paris.

Último dia em Paris. Afinal, havíamos perdido dois dias de nossas férias e justo em Paris. Conhecemos nossa guia de viagem, a “simpática e eficiente” Cândida – vulgo Cândidiase. Apelido que lhe demos por nos tratar tão “bem”. Tomamos nosso café da manhã e, como não acertamos antecipadamente nossos passeios com a “querida” guia devido aos transtornos pelos quais passamos, ela, impiedosamente, nos “soltou” na frente do “*Louvre*” se despedindo com um adeusinho e falando para nos “virarmos como pudéssemos”.

Resolvemos passear sozinhos pela fria Paris. Tínhamos a partir daquele momento nossa viajada irmã Waltenyce como cicerone. E lá fomos nós. De encontro a um frio de

lascar, sem nossas roupas adequadas, caminhado pelas ruas, praças e alamedas. Apreciando os inúmeros, lindos e acolhedores bistrôs de Paris.

Passamos em frente ao *Jardim das Tulherias* e à *Praça de La Concorde* – locais tão meus conhecidos pelas páginas da história da Revolução Francesa e de páginas e páginas de autores franceses como Honoré de Balzac, Émile Zola, Jean Paul Sartre, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Gustave Flaubert Simone de Beauvoir e tantos outros e outros que li e reli na minha vida de leitora contumaz.

Fizemos comprinhas e *sourvenirs* pelas lojinhas na *Champs Elysées*. Aproveitamos e compramos o básico de que precisaríamos até que nossas malas finalmente resolvessem aparecer. Chegamos finalmente ao *Arco do Triunfo* tão falado e retratado pelos inúmeros turistas que invadem Paris todos os dias do ano. Tiramos mil fotos de cada recanto lindo da Cidade Luz. Continuamos nosso passeio a pé por belas alamedas apreciando os belos monumentos parisienses. Passamos pelo *Bateau-mouche*, - embarcação que leva os turistas a conhecerem Paris navegando pelas águas do Rio Sena tão falado e decantado por poetas e escritores. Como invejamos as pessoas que nele navegavam, afinal tínhamos pagado e perdido mais um passeio maravilhoso em Paris. Não tínhamos mais tempo.

O cansaço queria tomar conta de nossos corpos, mas nós nos fazíamos de fortes e continuávamos com a nossa caminhada para não perdermos um só minuto de toda a beleza que Paris nos oferecia. E caminhávamos e caminhávamos e caminhávamos na intenção de chegarmos o mais perto possível de nosso objetivo que era ver de perto a *Torre Eifel* tão falada - e que Raimundo chamava de um monte de ferro velho. Estávamos já tão cansados que confesso:

começávamos a concordar seriamente com ele.

Enfim, lá estava ela em toda a sua plenitude. Claro que ficamos deslumbrados como todo turista com a magnitude de sua engenharia. Realmente é uma coisa bonita de se ver. Pena que não tínhamos mais era força. A força necessária para enfrentarmos filas quilométricas para subirmos e ver toda a beleza que dizem ser Paris vista do alto daquela torre.

Não subimos. Não aguentávamos mais.

Quem sabe não voltaríamos lá outro dia.

Voltamos ao hotel.

Calados, cansados, esperançosos.

Acreditando em que nossas malas, finalmente, teriam chegado. Muitos de nós estávamos há três dias sem malas e com a roupa do corpo desde que saíramos de Recife. Alguns levaram uma malinha com algumas peças de roupas o que os salvou por aqueles dias. Era o meu caso e o de Chico, pois uma de minhas filosofias de vida é que “uma mulher prevenida vale por duas”. Lavávamos calcinhas e cuecas no hotel e secávamos com o secador de cabelos. Zé Neto disse que uma coisa aprendera nesta viagem – que foi lavar roupas. Surpresa!!!! Duas malas esperavam seus donos no saguão do hotel. Uma preta com um monte de fitinhas coloridas que de cara percebi ser a de Chico. A outra era a de Wanusa. E as outras? Perguntamos todos, em uníssono, cheios de alegria e esperança. Mas, alegria de pobre dura pouco. Não existiam outras. Foi a resposta fria e despreocupada que ouvimos, incrédulos, do recepcionista do hotel. Ficamos mais uma vez chocados e desnorteados. O que faríamos sem nossos pertences. Sem nossas roupas, sem nossos remédios. Sem nada?

Daí a pouco, seguiríamos para a Alemanha e nossas

malas onde se encontrariam? Não iríamos mais vê-las? Era a pergunta que não queria calar. A essa altura, nossa alegria pela viagem começava a dar lugar a preocupações, afinal em nossas malas não havia apenas roupas, mas também remédios e em algumas como na de Tenyce havia até coisas de valor. No entanto, tentávamos rir de nós mesmos e levar a coisa na esportiva. Era difícil, mas tentávamos aproveitar a viagem da melhor maneira possível.

Com a chegada destas duas malas foi possível emprestar algumas peças para quem não tinha nada. Vera me pediu algumas bermudas de Chico para Geraldo já que ambos tinham quase o mesmo número. Pobre de Vera. Como ela ficou arrasada. Afinal tinha feito um verdadeiro enxoval para essa viagem, assim como todos nós, mas ela era a que mais se sentia inconformada, não aceitava jantar conosco sem ter suas roupas e suas *bijouterias* compradas para aquelas ocasiões. Por onde passava, comprava frutas e se refugiava em seu quarto e nada a fazia descer para jantar. Não adiantava insistir, Vera não descia nem a pau. Geraldo, finalmente, podia trocar sua calça de viagem por algumas bermudas e camisas emprestadas. A mala de Wanusa salvou um pouco Waneide. Embora elas tivessem um perfil corporal diferente, pelo menos blusas e acessórios, uma podia usar da outra.

Descemos para o café da manhã. Mais transtornos e adversidades nos esperavam. Nosso destino era a Alemanha com um passeio pelo Rio Reno para apreciarmos os imensos e lindos castelos medievais. Dormiríamos em Frankfurt. Mas o destino traçou outros planos para quatro dos viajantes. Foi aí que tudo começou a degradingolar. Antes de terminarmos nosso café da manhã Chico começou a passar mal. Muito mal meeeeeesmo. Se não fosse a destreza

de Zé Neto como médico, não sei o aconteceria.

Talvez o pior.

Tivemos de nos separar do resto da excursão e partimos de ambulância para um Hospital.

A excursão não podia parar.

Eu, Chico, Zé Neto e Luciana, sua mulher, ficamos em Paris. Foi aí que a coisa pegou. Os paramédicos parisienses foram muito gentis e educados e nos deixaram todos, de mala e cuia, irmos dentro da ambulância até o Hospital Foch. Lá – mediante a imensa ajuda da poliglota Luciana que quebrava todos os nossos galhos com o seu bom inglês e italiano – Chico foi salvo. Fizeram todos os exames e ele passou três horas internado tomando soro e se recuperando. Às onze horas, deram-lhe alta porque éramos turistas, se não ele teria que permanecer mais algumas horas de repouso. E lá fomos nós seguindo o roteiro que nossa “querida guia” Candidíase nos tinha fornecido para conseguirmos chegar até Frankfurt, onde encontraríamos o pessoal da excursão. O roteiro era pegarmos um táxi e irmos o mais depressa que pudéssemos tentar pegar um trem que nos levaria até Frankfurt na Alemanha. Esse trem partiria a uma hora da tarde.

Saímos do hospital com Chico – pálido, fraco e muito magro – às pressas, em busca de um táxi que nos levasse sem demora à estação de trem de Paris.

Mas, a sorte continuava a nos dar as costas.

Pegamos uma fila para comprar os bilhetes e, justamente na nossa vez, foi-nos comunicado que não havia mais passagens para o trem de uma hora da tarde. Havia apenas bilhetes de “primeira classe” com saída às cinco horas da tarde e, ainda mais, com uma conexão em Baden-Baden. Aquilo caiu em nossas cabeças como um balde

cheio de água fria, fria não, gelada. Isto queria dizer que tomaríamos dois trens. Foi mais um tapa bem forte em nossas caras cansadas. Teríamos que dispor de mais 400 euros por casal. E lá se iam, mais uma vez, nossos contados eurinhos. Mas, não havia outro jeito de encontrarmos o pessoal, era aquilo ou nunca mais nos encontraríamos.

Ficariamos para sempre em Paris.

Chico, a cada hora que passava, ficava mais magro, mais pálido e mais fraco. Luciana cansada de falar inglês e italiano, eu completamente passada de preocupação pensando no pior. Zé Neto cansado de carregar a mala pesada de Chico para cima e para baixo naquela estação de trem – antes esta mala tivesse ficado perdida com as outras. Depois de tudo passado rimos até chorar quando Zé Neto disse que seu braço de tão acostumado em carregar a mala, só queria ficar de lado e para trás, ele puxava o braço para frente, mas o braço não lhe obedecia. Pense numa cena engraçada.

A tarde se arrastava lentamente naquela estação cheia de gente entrando e saindo. Zé Neto fazendo de tudo para parecer que estava tudo bem, conversando e contando piadas, mas a preocupação se mostrava em seu semblante e para piorar, às duas da tarde, Chico ameaçou desmaiar novamente, e nós quase entramos em pânico. Felizmente foi só uma vertigem devido à falta de uma alimentação mais substancial. Logo se recuperou. Desde aquela fatídica manhã que ele se alimentava apenas do soro caseiro que eu preparara – com o açúcar e sal do hotel em que estávamos – numa garrafa de dois litros e que carregava sempre pronta. Também não tomara ainda os remédios que a doutora parisiense havia passado. Eu e Luciana caminhamos várias ruas no entorno da estação em busca de farmácia quando tivemos a triste informação de que as farmácias em

Paris permaneciam fechadas aos domingos. Achou pouco? Pois é. Sem comida adequada para um convalescente, a sua dieta teria que ser aquele pão duro que encontramos na estação e o soro caseiro. E assim ele passou toda a tarde: comendo pão duro e soro caseiro, pão duro e soro caseiro.

Perto das cinco horas, depois de muito correr naquela imensa estação por causa de informações desconstruídas, finalmente nos sentamos em nosso vagão de primeira classe. Ufa!!! Que cansada. Foram três horas e meia cruzando a Alemanha. Enquanto a excursão passeava de barco pelo Rio Reno vendo castelos, nós estávamos cruzando a Alemanha de meus livros. A Alemanha da Segunda Guerra mundial. A Alemanha dos nazistas, dos judeus. Stuttgart, Hamburg, Dusseldorf, Baden-Baden – onde permanecemos ainda por mais de uma hora e meia esperando o próximo trem. Sentada nos bancos daquela imensa estação, mil imagens povoavam minha mente. Como num filme de terror, minha mente relembrava todas as atrocidades que nos tempos de guerra milhões de judeus talvez tivessem sofrido naqueles pátios imensos onde eu me encontrava sentada agora. Naquela tarde silenciosa, era como se eu estivesse vendo-os serem empurrados como gado para dentro daqueles trens calorentos e sufocantes. Dava para ouvir o som de seus gritos de pavor por saberem que iam ao encontro da morte. Tudo isso me passou pela mente naquela estação tão comprida, tão fria, e tão deserta naquela triste tarde de domingo.

Repito: seria trágico se não fosse cômico. Ou não. Foi trágico mesmo e paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que imagens tão tristes me vinham à mente, daí a pouco, quase morremos de rir nos lembrando de momentos antes nas escadas dessa estação, quando Zé Neto colocava a mala de

Chico numa esteirinha eletrônica que acendia a luzinha verde, mas quando ele colocava a mala em cima, ela imediatamente parava de funcionar e ele teve de carregar a bendita mala subindo uma escada enorme de muitos degraus. Pense num sofrimento! Durante toda a viagem, apelidei nosso primo de “Simão Cirineu”, aquele, nosso conhecido lá da Bíblia, que ajudou Jesus a carregar a sua cruz, pois foi o que ele fez durante todo o tempo que Chico se restabelecia a pão e água.

Onze e meia da noite.

Finalmente, chegamos a Frankfurt. Encontramos todas as minhas irmãs preocupadas nos esperando em frente ao hotel.

Foi um domingo interminável.

A nossa atribulada viagem continuava. Fomos dormir, pois Rotemburgo nos esperava. A essas alturas, nossas malas estavam dadas como desaparecidas. Nossas unhas estavam todas descascadas – em petição de miséria mesmo. Tivemos que comprar mais roupas, acessórios, material de higiene e o que mais descobríamos que precisávamos. Em cada cidade aonde íamos, comprávamos mais alguma coisa. Nossa esperança era que em Roma, nosso destino final, onde passaríamos mais dias, nossas malas finalmente estariam nos nossos quartos, sorrindo para nós. E pensando assim, positivamente, lá íamos nós nos divertindo. Nossa irmã Vera continuava na mais completa desolação pelo desaparecimento das malas. Era o quarto dia de nossa viagem. Nossas conversas no ônibus, viajando para cada cidade, sempre terminavam no assunto – malas. Onde elas estariam naquele momento. As pessoas não acreditavam quando dizíamos que estávamos sem elas. Chegávamos a rir muito quando algum de nós dizia que não queria mais

saber delas. Tenice era uma das que dizia que se elas aparecessem iria passar dias sem abri-las para castigá-las. Vera dizia que, ao contrário, iria abraçá-la e beijá-la muito. Tudo isso era motivo para darmos muitas gargalhadas, e rirmos de nossa própria desgraça. Mas tem um filósofo, cujo nome não lembro agora, que dizia assim: “Feliz do homem que é capaz de rir de si mesmo”. Pois foi o que fizemos durante toda a nossa viagem. Fomos capazes de curtir e rir de nossa própria adversidade. E fomos felizes assim mesmo.

É verdade que a falta das malas começou a gerar em todos nós uma preocupação que fazia com que nossos ânimos mudassem e, muitas vezes, agíssemos com grosseria uns com os outros. Um dia, era uma que estava mais nervosa e tratava com rudeza um ou outro. Outro dia, era outra que não aceitava as brincadeiras e respondia com grosseria a outros.

E, assim, todos tiveram seus momentos de irritação. Ninguém foi melhor ou pior que o outro, mas, graças a Deus, mesmo com os nossos ânimos muitas vezes acirrados, tudo deu certo e pudemos curtir nossas férias.

A viagem continuava. Com malas ou sem elas. Percorríamos algumas cidades da Alemanha. Rotemburgo seria nosso próximo destino. Que lugar lindo. Ficamos encantados com suas muralhas, suas casinhas cheias de flores nas janelas e parapeitos, suas ruas estreitas, suas lojinhas encantadoras e igrejas lindíssimas. Terra do criador do Pinóquio. Do Gepeto.

Conhecemos também Innsbruk, outra cidade linda onde visitamos uma Igreja com afrescos em estilo rococó. Toda branca e dourada o que nos encantou enormemente. Foi lá que conhecemos a loja dos “*Cristais Swarovski*” onde presentearmos Luciana com um lindo colar em agradecimento

por tudo o que ela fez por Chico e também por fazer o papel de intérprete em toda a nossa viagem. Passamos pelo Tirol e pelos Alpes Austríacos com seus enormes pinheiros. A vegetação se destacando como uma das coisas mais lindas que as minhas retinas já gravaram. Da Alemanha, partimos para a Itália.

Verona e Veneza.

Verona – Terra de *Romeu e Julieta*. Como foi bom passarmos por aquela cidade. Tudo tão lindo. Foi lá que encontramos um loja de departamentos e aproveitamos para comprar mais roupas. Como o aniversário de Vera – nossa irmã mais inconformada pela perda das malas seria dali a alguns dias, resolvemos presenteá-la com roupas. Dali, seguimos para conhecer a sacada de Julieta onde Romeu lhe fazia juras de amor eterno. Pegamos em seu seio, pois, como reza a lenda, quem toca no seio de Julieta será mais feliz no amor. Por via das dúvidas, resolvemos arriscar.

De Verona, partimos para Veneza em um belo passeio de barco. Que coisa linda é Veneza! Não é à toa que os casais a elegeram como roteiro para lua de mel. Veneza é romântica por natureza. A *Praça de São Marcos* é de uma beleza ímpar. As pontes, os bistrôs floridos, o vaivém dos turistas, e as lojinhas a céu aberto são de encher os olhos. Visitamos também a fábrica de *Cristais de Murano* típica daquela região. Apreciamos o processo de fabricação dos mesmos e nos encantamos com a loja de cristais. O Passeio de gôndolas com o gondoleiro muito elegante nos fazendo passar por ruelas estreitíssimas, por baixo das encantadoras pontes e o encontro de todas as gôndolas foi espetacular. Aproveitamos esse passeio para comemorarmos o aniversário de Vera tomando *champanhe* e ouvindo canções napolitanas ao som de um bom acordeonista. Realmente,

Veneza foi um dos melhores momentos de nossa viagem. De Veneza, partimos pelas estradas planas da Toscana rumo a Florença.

*Florença*, capital da Toscana, é considerada patrimônio histórico-cultural da humanidade e o berço do *Renascimento*. Berço da *Renascença* e de artistas como *Dante Alighieri* e *Michelângelo*. Ficamos extasiados diante da beleza de *Duomo – Catedral de Florença* com sua magnífica cúpula e da *Basílica Di Santa Croce* – antiga Igreja *Franciscana de Santa Croce*, em estilo gótico e que é uma das mais importantes de Florença, não apenas por ser imensa, mas também por estar cheia de obras de arte, afrescos e belos vitrais.

Adoramos posar para inúmeras e maravilhosas fotos diante das belas pontes por onde correm as águas do *Rio Arno*. Em Florença, compramos mais algumas peças de roupas para compor nosso novo visual. Rimos muito quando Zé Neto disse que já estava com problemas com o novo guarda-roupa, pois já estava tão acostumado com uma só calça e uma só camisa que agora passava horas sem conseguir se decidir por qual usar já que tinha adquirido cinco novas camisas. A dúvida agora era pela cor, se a lisa ou a de listinha. As novas aquisições estavam lhe causando problemas. Ele não mais andava, desfilava.

Nosso destino dali em diante seria Pisa. Iríamos conhecer a bela torre inclinada.

Chegamos a Pisa. A essas alturas, Chico já estava bem melhor graças à gastronomia italiana com suas pastas e molhos, suas pizzas e gelatos deliciosos. Logo, as preocupações com sua saúde diminuía a cada dia. Em Pisa, fomos “atacados” pelos nossos afrodescendentes que não nos deixavam em paz. Bem que Juliana me avisou, mas eu

não pensava que fosse daquele jeito. A insistência para que comprássemos seus produtos: bolsas, relógios e toda sorte de *bugigangas* era de dar nos nervos. Chegávamos a ser grosseiros com eles, mas de nada adiantava, eles continuavam a se “encostar” em nós de uma forma irritante. No entanto, por incrível que possa parecer, um dia, confesso, tivemos saudades deles e desejávamos, ferrenhamente, encontrá-los mais uma vez. É que pensamos em trazer algumas bolsas para presentear sobrinhas. Mas já era tarde.

A Torre de Pisa é linda não resta dúvida, mas nos sentimos um pouco decepcionados. Esperávamos mais da cidade, de um modo geral, talvez. De Pisa, partimos para Nápoles cidade conhecida mundialmente pela sua história, sua música, seus encantos naturais, por ser a terra natal da pizza e também Patrimônio Mundial da UNESCO. Tem um porto importante e o principal centro industrial e comercial do sul do país. Passeamos por Nápoles com nosso guia Bruno e tivemos uma aula sobre os maiores monumentos e castelos da cidade.

De lá, partimos para Pompeia para visitarmos suas ruínas depois que foi invadida pelo vulcão Vesúvio. Passeio demorado e cansativo e debaixo de muita chuva. Quase que não aguentávamos terminar a visita. Quando deixamos as ruínas estávamos todos uns cacos, só o pito como diz nossa amiga Vitória. Wanusa, no entanto, não cansava. Ela só posava, só posava, só posava e em cada esquina, cada monumento, cada jardim, era um flash. Wanusa deve ter tirado em média umas 10 mil fotos. Acho que depois desta viagem ela vai mudar de profissão e virar manequim fotográfica. Tenice só pensava na sua valorosa mala de mão. Nossa esperança era que pelo menos ela aparecesse. E assim, com espírito esportivo, continuávamos nossa saga

pela Europa.

De Nápoles, entramos novamente em nosso ônibus que já parecia nossa casa de tanto tempo que ficávamos nele. Eram horas e horas de viagem sem fim, um desce e sobe que não acabava mais. Haja disposição e energia. Acho que esse tipo de viagem é para menores de cinquenta, e chego à conclusão de que se não fizermos logo outras é bem capaz de não termos mais coragem nem disposição, pois a maratona é grande.

Partíamos dessa vez para Roma. A *Roma dos Césares*, dos aquedutos, das ruas estreitas, dos enormes templos, basílicas e anfiteatros e dos carros parecendo uma bolinha de tão pequenininhos. A saudade de nossa terra já começava a nos atacar. Sentíamos falta de nosso café bem quente diferente do *café expresso* quase frio que tomávamos todos os dias. Saudade de nosso feijãozinho com arroz, do nosso cuscuz com ovo, de nossa macaxeira com carne de sol. No entanto, estávamos em Roma e tínhamos que continuar comendo “pasta, pizza, pasta, pizza e mais pasta”. Fazer o quê?

Ficamos encantados com Roma. Visitamos o *Vaticano*. Andamos por seus riquíssimos corredores. Visitamos a belíssima *Capela Sistina* e acompanhados de nossa guia Célia com quem tomamos um verdadeiro banho de cultura ouvindo suas explicações sobre as *Obras de Arte Renascentistas* criadas por *Michelângelo*. Chegamos a nos emocionar quase às lágrimas ouvindo suas explicações freudianas a respeito da *Pietà*. Passeamos pela *Praça de São Pedro*. Compramos lembrancinhas na “lojinha” do Vaticano. Registramos tudo em fotos e mais fotos; só faltou mesmo conversarmos um pouquinho que fosse com o Papa Francisco.

Demos uma paradinha para o almoço. Comemos mais

pasta e mais pizza, claro. Tomamos bons vinhos e saboreamos deliciosos gelatos. Iríamos, logo após, conhecer o *Coliseu*. A essa altura nossos corpos já estavam meio cansados, mas tínhamos de continuar. A demora para entrarmos no Coliseu quase nos fez desistir. O sol causticante queimava nossas cabeças. Enfim, entramos. Célia continuava falando, falando e falando e haja cultura. Nossos pés cansados... cansados... cansados. Sobe e desce dentro do Coliseu. Chegou um momento que dissemos: chega!! Não aguentamos mais. Eu, Chico, Vera, Geraldo e Waneide decidimos esperar sentados num lugar lindo, arizado e arborizado enquanto os outros continuavam atrás de Célia. De repente, um grito. Waneide estava de pernas finas para o ar e duas garotas americanas morriam de rir. Waneide havia escorregado da pedra em que estava sentada e caiu para trás levando Vera pela mão. Quase que morremos de rir. Finalmente, chegaram todos. O passeio havia terminado. Estávamos exaustos. Fomos para o hotel cansados, mas muito felizes.

O outro dia era livre.

Descobrimos que em frente ao hotel existia uma feirinha, onde aproveitamos para nos abastecer de mais algumas roupinhas e lembrancinhas. Tivemos de comprar novas malas uma vez que as nossas não davam sinal de vida. Já dez dias se passavam. Resolvemos sair e conhecer as famosas praças de Roma. Fomos à *Fontana de Treve* onde jogamos nossas moedas – como manda o figurino – e, exatamente nesta hora, as portas do céu se abriram e fomos presenteados com uma enorme enxurrada que nos molhou dos pés à cabeça o que nos fez perder outro passeio. Conhecemos a famosa Praça de Espanha e a rua onde se encontram as marcas das *grifes* mais conhecidas e mais

caras do mundo inteiro. Voltamos ao nosso hotel para descansarmos de mais um dia de correria.

A essa altura já nos sentíamos um pouco italianos, afinal, foi o único lugar onde passamos três dias seguidos. Até Geraldo já arriscava um pouco no seu vocabulário italiano. Saíram ele e Chico para jantarem. Chegamos a imaginá-los fazendo os pedidos. Eles disseram que ao chegar a comida, descobriram que era “a velha pasta” só que não à *carbonara*, mas, com ostras. Coitados.

Costa Amalfitana. Esta era a nossa próxima parada.

Eu disse que essa nossa viagem era uma grande maratona. E era mesmo.

Chegamos a Amalfi e nos deslumbramos logo de entrada. O hotel incrustado em pedras como todas as habitações do lugar eram uma coisa de louco. Ficamos inebriados com a vista. A vista do alto daquele belo hotel e até da varanda de nossos quartos era de uma beleza incomum, estonteante até. Deixou-nos boquiabertos. Indescritível é a palavra certa para definir Amalfi. Procuo e não encontro palavras para descrever tamanha beleza. Para chegarmos ao nosso quarto descíamos ladeiras ajardinadas avistando o mar quilômetros abaixo de nós. Entrávamos em elevadores que desciam e nos deixavam em um túnel por onde descíamos mais escadas em caracol até chegarmos ao destino final – nosso quarto – que dava para o Mar Mediterrâneo repleto de transatlânticos lá em baixo. Realmente, um deslumbramento. Ficamos duas noites neste maravilhoso hotel.

De lá, partimos de barco para a *Ilha de Capri*, onde passamos momentos maravilhosos desfrutando da beleza do local, de sua comida, de seus *gelatos* e de suas simpáticas lojinhas. Voltamos, à noitinha, para o hotel onde jantamos e nos preparamos para no dia seguinte voltarmos a Roma.

A nossa maratona havia terminado. Partiríamos de volta a nossas casas.

Interessante. Já não sentíamos tanta falta de nossas malas. Já havia outras para substituí-las.

Chegamos ao aeroporto de Recife às oito horas da noite e logo fomos atrás de notícias de nossas malas, mesmo sem muitas esperanças de encontrá-las novamente. Já as dávamos como perdidas. Não nos davam notícias nenhuma. Quem morava em Recife foi para suas casas e nós, que morávamos em Campina Grande, dormimos na casa de Tenice. Às três e meia de uma manhã chuvosa e fria, partimos finalmente rumo à nossa cidade e, finalmente, à nossa casa. Loucos por um banho e um descanso merecidos.

Estávamos entusiasmados com a volta para casa. Viajar é bom, não restam dúvidas, mas voltar para casa é melhor ainda.

Dois dias depois, deitada em minha rede vendo televisão, o telefone toca e um rapaz se dizendo do Rio de Janeiro dava-me notícia de três malas encontradas no aeroporto do Rio. Fiquei sem fala. Parecia mentira. Mas eram elas mesmas. Acreditem. As nossas malas perdidas tinham sido encontradas. Finalmente, o pesadelo tinha acabado. No outro dia, Waneide recebeu outro telefonema dando conta de mais seis malas restantes encontradas no aeroporto de Recife.

Dedico essa crônica aos nove turistas heróis e heroínas que passaram quinze dias sobrevivendo na Europa praticamente com a roupa do corpo.

Valéria Vanda Xavier Nunes, uma delas.

# COMO PASSAR 15 DIAS NA EUROPA SEM MALAS

**P**ode parecer brincadeira, mas não é, caros leitores. O assunto é sério e é baseado em fatos reais. Se você pretende passar alguns dias pela Europa, visitando uns três países mais ou menos, a primeira coisa que você não precisa se preocupar é com malas. Nós nos preocupamos à toa. Éramos nove pessoas e onze malas. Compramos passagens numa excursão que saía de Recife, providenciamos seguro-saúde, evidentemente e preparamos as malas – coisa totalmente dispensável – como vocês vão ver.

O segredo também é viajar pela TAP – Transportes Aéreos Portugueses – para quem não sabe, evidentemente. Outro segredo é fazer conexão em Portugal e chegar lá exatamente num dia de greve de transportes aéreos. Pronto. Não tem erro, são malas extraviadas com certeza. E você se vê de repente num país estranho sem dominar a língua falada e de mãos abanando e tendo de passar quase dois dias neste aeroporto que estará um verdadeiro caos sem ninguém para lhe informar nada e tendo que comprar novas passagens para chegar ao seu destino.

Até aí é moleza.

Bom é você chegar ao primeiro país de sua viagem e descobrir que suas malas que já deveriam estar lhe esperando no seu quarto, não estão lá. Aí você leva na esportiva, claro, e junto com seus parceiros de viagem vão se divertir nesse país como se programaram por dias e dias, certos de que as malas logo estarão lá. Os dias vão passando e você lavando calcinhas e sutiãs, os homens lavando suas cuecas no quarto do hotel, claro, enxugando com uma toalha e secando com o secador, mas com a convicção de que é só uma questão de tempo para que suas malas deem o ar de sua graça. Aí você espera, espera, espera, e nada. Então chega um momento em que não dá mais para usar uma roupa só e você começa a comprar umas roupinhas ali, outras coisinhas acolá e a viagem continua. Com mais alguns dias você se cansa de perguntar nas recepções dos hotéis se as malas chegaram e a resposta ser sempre um balançar de cabeças. Então você percebe, você sente mesmo, na própria pele, ressecada pela falta de seus cremes, de seus produtos de higiene pessoal, que, definitivamente, suas malas não mais chegarão.

Mas você descobre, entre outras coisas, que para viajar para outros países não precisa de tanta mala. Você descobre, de repente, que até já estava se sentindo muito bem sem elas, que talvez elas só fizessem atrapalhar sua viagem com aquele sobe e desce de ônibus de cidade em cidade e de país em país que você visitava. Quinze dias passam rápido. Você se diverte bastante com seus parceiros, riem de si próprios, compram novas malas e, enfim, logo chegam ao seu país natal. Que bom! Que cansaço! Que felicidade!

Dois dias depois, você recebe um telefonema dizendo que as malas finalmente apareceram e que em mais alguns dias chegarão à sua casa.

Que bom! Viva! Até que enfim! Sejam bem-vindas!

# MAR À VISTA

**A**doro viajar. De uns anos para cá venho relatando cada viagem que faço. Quero deixar registradas as impressões e reflexões que cada país ou cidade deixa em mim. Quero registrar os momentos felizes como também as dificuldades pelas quais passamos, companheiros de viagens, familiares e amigos. Pois, quem pensa que viajar é só alegria está muito enganado. Muitas preocupações e situações inusitadas podem ocorrer durante um passeio e, por mais programado que ele seja, nunca estamos preparados para as adversidades. Preparamo-nos para os momentos felizes, no entanto, os eventos inesperados de cada viagem tornam-se experiências para as próximas e, assim, vamos aprendendo a lidar com as situações adversas.

No dia 09 de dezembro de 2013, estávamos ultimando nossos preparativos para mais uns dias de turismo. Fazia seis meses que havíamos retornado de uma viagem internacional cheia de percalços, de situações atípicas já citadas por mim em textos anteriores e, por isso, esperávamos que essa nova aventura fosse menos traumática. Desta vez éramos três casais entre familiares e amigos. Eu e Chico, Zé

Neto e Luciana sairíamos de Campina Grande e nos encontraríamos no porto de Recife com Raimundo e Waneide, Telles e Ismênia, Raul, Elaine e Beta. Chegamos ao porto exatamente às quatro da tarde como nos foi informado. Era impressionante a quantidade de pessoas e malas que embarcariam nesse cruzeiro. O calor era insuportável e a quantidade de ar-condicionado era insuficiente para refrescar tanta gente. No entanto, nós não estávamos nem aí. A alegria era visível. Estava lá estampada para quem quisesse ver em cada uma das faces dos que esperavam nos corredores do porto.

Todos, na maior expectativa, esperavam com ansiedade o momento em que fariam seu *check-in* para poder finalmente entrar no grande navio. Eram chamados grupos de mais ou menos cinquenta pessoas de cada vez e cada vez que um grupo era chamado, ouviam-se urros e gritos de alegria. Foi um fim de tarde calorento, cansativo, porém muito alegre. Enfim, chegou a nossa vez. Fizemos o nosso *check-in* e nos encaminhamos para entrarmos no navio onde já estavam posicionados fotógrafos que tiravam a foto que levaríamos como lembrança do nosso cruzeiro. Vale salientar que esta foto não era uma cortesia como pensávamos, pois, no final do cruzeiro, fomos informados que elas estariam a nossa disposição na lojinha de fotos do navio e, claro, teríamos que pagar por elas – coisa que todos nós fizemos – pois ficaram maravilhosas graças ao *photoshop* – vale salientar.

Nós já havíamos feito um cruzeiro anos antes. Por isso, faz gosto ver a cara de espanto de cada “marinheiro de primeira viagem” quando se encontra a dois passos de um grande transatlântico. Ficamos pequenos diante de uma embarcação de tamanha grandeza, beleza e magnitude.

Ficamos nos indagando sobre a capacidade do homem em arquitetar uma embarcação tão grande. Perguntávamos como era difícil imaginar que ela pudesse navegar pelos mares com a segurança de que nos falavam. Finalmente nosso grupo chegou às portas do navio onde entregamos nossas credenciais para que pudéssemos, realmente, embarcar. Fomos informados de que nossas malas se encontrariam na porta de nossas cabines. Neste momento, olhamos uns para os outros com um ar de preocupação e cumplicidade lembrando o que havia acontecido com elas em nossa última viagem. Como éramos “macacos velhos” na arte de perder malas, ficamos um pouco ressabiados. Entramos nos elevadores com uma ruga de preocupação na testa com medo de não as encontrarmos quietinhas nos esperando diante da porta de nossas cabines. Depois rimos desta preocupação infundada, uma vez que seria impossível que as malas desaparecessem no intervalo do chão do porto para o chão dos porões do navio.

Às 8:30, o nosso cruzeiro marítimo começou. Enfim, o navio zarpou e começamos a sentir o balanço característico do navio ao sair ao mar – que nas primeiras horas quando ainda estamos na costa – dar para sentir com mais intensidade. Combinamos de deixarmos nossas malas guardadas e nos encontrarmos nos restaurantes para jantarmos e depois explorarmos o navio em busca dos divertimentos que ele nos prometia. Quando estávamos na cabine, ouvimos pelos alto-falantes o chamado do comandante para nos apresentarmos em um dos salões para ouvirmos as devidas instruções de como usarmos os coletes de segurança, caso algo de anormal acontecesse durante nosso cruzeiro. Foi um momento muito chato, pois, devido à desorganização com tanta gente reunida, quase que não dava para ouvirmos

nada. Logo voltamos à cabine para guardarmos os coletes sem nos preocuparmos muito com as explicações, pois para nós era impossível que acontecesse alguma coisa. E por que aconteceria se diziam que era tão seguro viajar de navio? A nossa preocupação no momento era só nos divertirmos e curtirmos o que de bom o cruzeiro tinha para nos oferecer. Logo, guardamos os coletes e nos encontramos novamente. Jantamos juntos, trocamos impressões sobre tudo, sobre o fiasco que foi a reunião e sobre nossas cabines que, desta vez, para alguns de nós, eram com varanda, avistando-se o mar a toda hora. Quando a madrugada se aproximou e nossos semblantes já demonstravam o cansaço de um dia tão exaustivo e cheio de expectativas, fomos todos caminhando pelos compridos corredores – parecendo que tínhamos tomados todas as bebidas do mundo devido ao balanço do navio em direção a nossas cabines, onde dormiríamos um belo sono reparador.

Como sempre, acordei cedo. Não adiantava estar de férias. Resolvi levantar e olhar o mar pelo enorme janelão de nossa cabine. Fiquei apreciando os raios de um sol lindo de verão se refletirem nas águas de um azul puríssimo em pleno alto-mar. Fiquei olhando o balançar das ondas e o rastro branco que elas deixavam ao lado do navio. Estávamos em alto-mar naquele momento. Já havíamos nos afastado da costa e o balançar do navio sobre as ondas dava uma sensação gostosa de leveza. A visão de um mar tão azul e um sol tão brilhante era de arrepiar e emocionar.

Nem um pingão de medo. Estava em paz comigo mesma e com o mundo. Peguei um livro que havia levado e comecei a ler embalada pelo mar e encantada com a beleza daquela imensidão de água que me cercava. Até o momento, tudo estava como devia estar. Tudo em Paz.

A manhã se estendia rapidamente e o sol continuava a brilhar prenunciando um dia maravilhoso de verão. Era preciso levantar para começar a viver os momentos felizes que esperávamos e apreciarmos as delícias que a estadia no navio prometia. Chico ainda dormia seu sono sossegado. Depois de alguns minutos, ele acordou e viu como o dia amanhecera esplendoroso. Céu de brigadeiro.

Combinamos que cada um que fosse acordando ligava para o outro para que desfrutássemos juntos de um belo café da manhã. A variedade de comida é imensa e, para quem é um bom garfo, nada melhor do que viajar de navio. Tomávamos nosso desjejum apreciando o mar maravilhoso à nossa volta. Passávamos a manhã nas piscinas tomando nossos *drinks* acompanhados de canapés, pizzas e outras comidas mais, tirando inúmeras fotos, jogando conversa fora, dando boas risadas e vivendo a vida como merecíamos. Afinal estávamos em férias.

Divertíamos-nos bastante com as brincadeiras que os animadores organizavam para os turistas. À tarde, alguns se recolhiam a suas cabines para tirar uma soneca e depois nos encontrávamos novamente para tomarmos uns *drinks* antes de nos prepararmos para o jantar.

Nesta tarde, passei por um grande susto. Pois não é que Chico desapareceu? Pois é, desapareceu completamente. Pedi para que ele fosse ao setor de informação saber por que o celular não carregava. Como tinha muita gente para ser atendida e ele demorava demais, acabamos por nos desencontrarmos para o almoço. Resolvemos almoçar sem ele. Almoçamos e nada de ele chegar. Comecei a me preocupar. Então meu antigo Anjo da Guarda cujo nome é Luciana Cavalieri resolveu que sairíamos à sua procura, e o desencontro foi maior, pois diz ele que nos procurou

para almoçar e como não nos encontrava almoçou sozinho. Enquanto isso, nós o procurávamos andar por andar, de banheiro em banheiro, e nada. Fomos ao setor de informações e ninguém sabia dar notícias dele. Pedimos para anunciar nos alto-falantes, mas disseram que não poderiam fazer isso, pois era contra o regulamento. Tive que preencher um formulário dando conta de seu desaparecimento para que se pudesse tomar alguma providência. Enquanto isso, Luciana ficava ligando para a cabine de instante em instante para ver se ele se encontrava lá e nada. Depois de muito tempo, mais de uma hora tentando encontrá-lo, finalmente ele atendeu. Ele ouviu. Foi um tremendo alívio. Eu já estava com ar de louca e não consegui perdoar-lhe pelo susto que nos causou. Como tenho um gênio muito bom, passei um dia e uma noite sem conseguir nem olhar para a cara dele. Enfim passou. É isso, contratempos, confusões, desencontros fazem parte de qualquer viagem.

A noite chegou e nos encontramos no teatro para assistimos a uma peça. Em seguida, seria a hora de nosso turno para o jantar. Passávamos horas prazerosas em nossos jantares em meio a muitas conversas com nossos novos amigos, onde ficávamos ouvindo as histórias de vida de Elaine que nos fazia morrer de rir, as piadas de Telles sobre o medo que Raimundo sentia de andar de avião e histórias engraçadas. Enfim, eram momentos que nos deixavam muito felizes. Após o jantar íamos à procura de algum barzinho, onde pudéssemos continuar com as conversas fiadas típicas de quem se encontra de férias.

Mas uma noite dormindo ao som do barulhinho e do balanço do mar. Tem coisa melhor? Estávamos chegando à Bahia. Iríamos descer e fazer um *tour* pelos principais pontos de Salvador. O Pelourinho não podia ficar de fora

mesmo para quem já o conhecia. Passamos momentos maravilhosos caminhando por aquelas ladeiras tão minhas conhecidas pelos livros de Jorge Amado. Já conhecia Salvador, mas nunca é demais conhecer uma das capitais mais antigas do Brasil, quiçá a mais antiga sim, e, onde tudo começou – toda a história do descobrimento de nosso Brasil. Nunca é demais passear pelo pelourinho e recordarmos nossas aulas de História, a leitura de nossos romances, tirar fotos com aquelas lindas negras caracterizadas de baianas, comprar lembrancinhas, conhecer as belas igrejas – nem que fosse apenas por fora. Vale lembrar que quando fomos convidados a conhecer uma delas por dentro a maioria das pessoas de nosso grupo preferiu ficar tomando umas cervejinhas geladas em um dos bistrôs do bairro. Talvez, se a tivéssemos conhecido e tivéssemos rezado um pouco, agradecido a Deus por tudo de bom que estava nos acontecendo, não nos tivesse acontecido o que aconteceu. Mas isso, eu conto daqui a pouco. Visitamos também o Mercado Modelo onde passamos algumas horas comprando nossos *souvenirs*. Voltamos, enfim, para o navio que deveria zarpar dali a poucas horas com destino ao Rio de Janeiro. Estávamos famintos e cansados e logo fomos encontrar com os outros amigos e fomos almoçar.

Em Salvador – o Zênith – nosso navio, recebeu mais 500 pessoas que continuariam a viagem com destino ao Rio de Janeiro, Argentina e Uruguai. Estávamos em nossas cabines descansando um pouco quando ouvimos pelos alto-falantes o chamado dos novos passageiros para que se reunissem, no grande salão, munidos de seus coletes para ouvirem as orientações que já havíamos ouvido dias antes. Qual não foi a nossa surpresa quando meia hora após as orientações, o navio “adernou”. Alguém sabe o que quer dizer adernar?

Não? Pois eu explico: “adernar significa inclinação de uma grande embarcação”. É isso, está lá no dicionário. Gente, nossa viagem foi um pacote com muuuuuuita emoção. De repente, o nosso navio estava inclinando em quase 30 graus. Foi um Deus nos acuda. Raimundo conta que aconteceu justo no momento em que ele estava filmando a saída do navio de Salvador, lá de sua varanda. Disse ele que o navio começou a adernar, e que viu um marinheiro agarrado na amurada do navio e rindo para ele. Diz-se que era gente correndo pelas escadarias; que nos belos restaurantes e nos bares o que se via eram pratos quebrados por toda parte e bebida rolando pelo chão. Que a água da piscina foi toda para fora e voltou novamente e que pessoas se seguravam onde podiam. Quem estava nas cabines – como nós – sentiu a inclinação nas cadeiras e televisores caindo ao chão e quem estava deitado nas camas via pela janela o que era céu se tornar mar.

Seria cômico se não fosse trágico.

Particularmente, não senti medo algum, nem me lembrei de coletes salva-vidas – juro por Deus, pois, felizmente, foi tudo muitíssimo rápido e em poucos segundos o navio estava aprumado novamente.

Foi só um susto. Foi só uma emoção a mais.

Ao abrir a cabine para sentir o movimento nos corredores, quase morro de rir com a expressão de pavor de um passageiro que tinha acabado de entrar no navio com um colete ao pescoço e dizendo que não o tiraria mais por nada no mundo. Uma marinheira muito bonita estava tentando acalmar as pessoas dizendo que não havia mais nenhum perigo e que podíamos curtir a nossa viagem sem medo nem preocupação, pois tinha sido apenas uma falha técnica. No entanto, achavam que poderia ter sido uma falha

do comandante na hora de sair do comando manual para o automático. Neste momento, o motor apagou e o navio adernou por alguns segundos. Graças a Deus não houve maiores problemas nem ninguém se machucou. Agora, pensando bem, se o “desaparecimento” de Chico houvesse acontecido nesse dia, nós, certamente, iríamos achar que ele teria caído no mar. Imaginem só a confusão que seria.

O resto da viagem, até o nosso destino final, o Rio de Janeiro, transcorreu na mais perfeita ordem. É verdade que o mar nessa noite estava bem agitado fazendo com que o navio balançasse mais que o costumeiro, e, devido ao nosso susto da tarde, foi difícil conciliar o sono. Fiquei um bom tempo olhando o mar de minha janela e fiquei pensando em como éramos corajosos. Nada se via. Só escuridão, só o mar. O mar revoltado na escuridão, e o navio balançando, balançando, balançando e rangendo e rangendo, deixando ao redor do navio um lindo rastro branco feito pelas ondas.

Enfim, adormeci. Ao acordar, fui novamente à minha janela ver o mar e o céu e avistei uma coisa linda. Uma revoada de pássaros me dava bom dia dizendo que aquele seria um dia auspicioso.

Era o final de nosso cruzeiro.

Desembarcaríamos no Rio de Janeiro – a cidade maravilhosa – onde passaríamos quatro dias. Tomamos nosso café da manhã e fomos orientados para ficarmos em grandes grupos que seriam desembarcados de cada vez. Espalhamo-nos pelos salões, pelo teatro, pelas saletas e ficávamos olhando pelas escotilhas a chegada à Baía de Guanabara. Avistávamos ao longe outra linda revoada de pássaros, belas e inúmeras montanhas que rodeiam o Rio e a linda e enorme ponte Rio-Niterói. Todos ansiosos pela chegada ao tão falado Rio de Janeiro. Infelizmente, a

organização do navio perdeu o controle e nossa saída do navio ocorreu em meio a muita confusão. Mas nada tirava a nossa alegria, afinal estávamos no Rio. Rio de Copacabana, Leblom, Ipanema, do Cristo Redentor; do Pão de Açúcar, da Velha Lapa dos boêmios cariocas, dos chopinhos gelados, de Vinícius e Toquinho; de Nara Leão, de Drummond, de Machado de Assis, das Escolas de Samba, dos grandes arrastões, do tráfico de drogas, do medo, mas, principalmente, o Rio da alegria. O Rio 40 graus.

Quem ficaria triste com pequenos atrasos e algumas bobagens como o navio adernando? É verdade que sofremos para sair do Porto do Rio até nossos hotéis em virtude de sermos tantos e com tantas malas. Morreremos e não aprenderemos a fazer malas. Nada de encontrarmos táxis para nos levar ao nosso destino final. Em meio ao calor do Rio, finalmente encontramos um carro grande que nos acomodou a todos e às nossas malas. Finalmente estávamos no Rio de Janeiro e aqueles dias prometiam ser muito divertidos. Como de fato foram. Guardamos nossas bagagens e fomos imediatamente curti-lo. Nosso primeiro passeio como não deveria deixar de ser foi ao Corcovado ver o Cristo Redentor. O dia estava lindo e luminoso, diferente de quando o visitamos pela primeira vez e pegamos três dias de chuva. Ficamos todos nós, assim como os milhares de turistas de todos os cantos do mundo que visitam o Cristo todos os dias, inebriados e deslumbrados com a beleza da paisagem logo abaixo. Paisagem que se abre sem um mínimo de pudor, inteiramente nua, clara e límpida esperando para ser violada pelas nossas retinas extasiadas e pelas câmeras dos milhares de turistas ávidos em busca do melhor ângulo, da posição mais adequada para que pudessem registrar para sempre beleza tão singular.

Sáimos do Corcovado rumo a um *tour* pela cidade. Rumo às famosas praias do Rio. Paramos em Copacabana onde nos reunimos num daqueles maravilhosos barezinhos onde ficamos a tarde inteira tomando cerveja gelada, petiscando, jogando conversa fora, contando piadas, rindo, rindo muito, rindo de tudo, rindo de qualquer coisa, rindo de nós mesmos. Entusiasmados. Sendo felizes.

Os dias no Rio de Janeiro não podiam ser melhores. Fizemos os passeios que todo turista faz, Confeitaria Colombo, Jardim Botânico, Catedral. Fomos aos barezinhos da Lapa, dançamos no “Rio Cenário” *point* da moda. Conhecemos a famosa escadaria da lapa toda trabalhada em mosaico. Trabalho maravilhoso e encantador. Passeamos pela Lagoa Rodrigues de Freitas. Conversamos com Drumond em Copacabana. Fizemos comprinhas na feirinha da praia e nas lojas e boutiques da Av. Nossa Senhora de Copacabana. Fomos ao Arpoador. Fizemos um belo passeio de barco em Angra dos Reis. E o principal, fizemos amigos.

Enfim, curtimos bastante o Rio de Janeiro e ficamos com uma vontade danada de voltar. Foram dias maravilhosos de muita curtição e alegria. Esperamos, em um futuro próximo, reunirmo-nos novamente para celebrarmos a vida como merecemos.

Esta crônica é dedicada a todos os viajantes do Zênith – Raimundo, Waneide, Zé Neto, Luciana, Telles, Ismênia, Elaine, Raul, Beta e ao meu marido Chico Nunes.

Até a próxima viagem amigos.



# GRAMADO

O ano de 2014 foi embora. Foi um ano bom, pois no mês de abril nascia nossa neta Heloísa. A minha aposentadoria enfim, era uma realidade e também fizemos inúmeras viagens. Mas, 2014 também foi um ano de muitas doenças e até de morte na família. Por isso mesmo, pensamos em começar 2015 fazendo o que mais gostamos que é viajar; e viajar com toda a família, não tem melhor. Começamos a nos preparar com antecedência para curtirmos uns dias em Gramado, conhecendo o “Natal luz” e as Serras Gaúchas. Como não poderia deixar de ser, já que estamos tão habituados com “aventuras e emoção” em nossas viagens, essa também não poderia ser diferente.

Deixaram a meu cargo, já que tenho mais tempo disponível, a incumbência de encontrar um hotel no Rio. Deveríamos dormir lá no sábado e no outro dia cedinho seguiríamos para o aeroporto, onde embarcaríamos às onze e meia da manhã rumo a Porto Alegre.

Passei dias procurando pela internet um hotel mais próximo possível do aeroporto. A diária do hotel do aeroporto era caríssima e não valeria a pena gastar tanto para dormirmos poucas horas. Saí procurando de *site* em *site* até

que encontrei um que se dizia próximo ao aeroporto, no centro do Rio, e por um preço razoável. Reservei nossos quartos com bastante antecedência.

Chegou o dia tão esperado por nós e pelas crianças – Clara e Arthur. A ansiedade era grande. Iríamos para Gramado e de lá passaríamos alguns dias na casa de André e Juli em Mogiguaçu. Clara vivia contando em quantos aviões iríamos voar durante toda a viagem de ida e volta. Coisas de criança.

Nossa aventura começou no Rio de Janeiro.

Chegamos às 9 horas de uma noite de sábado. Ainda bem que tive a ideia de ligar para um taxista que havia ficado nosso amigo quando ficamos alguns dias no Rio em setembro. Foi a nossa salvação. Hulk é como o chamávamos devido ao seu físico avantajado. Hulk nos pegou no aeroporto, perguntou onde ficava o Hotel Galícia – que era o nosso hotel. Perguntou as imediações onde ficava e passei para ele as informações que me deram. Tomamos o rumo indicado para o centro do Rio e nada de encontrarmos esse hotel. Nem o próprio Hulk que conhece o Rio como a palma da mão, sabia onde ficava o bendito. Passamos horas andando pela Lapa, pelos lugares mais bizarros do Rio de Janeiro e nada. Ligávamos para o hotel. O recepcionista explicava. Muitas vezes, nós tínhamos que dar meia volta, pegávamos até ruas na contramão e nada de encontrarmos o maldito hotel. Hulk já estava cansado de dirigir e todos apavorados tentando disfarçar por causa das crianças. O medo já se mostrava em nossas caras. O Hotel ficava praticamente no baixo meretrício do Rio. Para onde olhávamos só víamos fachadas de prédios deteriorados, boates, barezinhos fuleiros e homens suspeitos. Até o próprio Hulk já estava ficando preocupado com a nossa segurança. Enfim,

quando já estávamos pensando em partir para Copacabana onde Hulk tinha alguns contatos de hotéis mais em conta, para o nosso alívio, aparece em uma rua, perto de uma praça, um letreiro brilhoso: “Hotel Galícia”.

Nunca mais na vida procuro hotel pela internet.

Deveria ter pensado muito antes de fazer a reserva já que muitas dessas propagandas são enganosas. Enfim, já quase meia-noite, acomodamo-nos em nossos quartos e fomos dormir. Até que o hotelzinho não era tão ruim assim, mas passamos um sufoco danado, posso garantir que sim. E se tivéssemos pegado um taxista desconhecido e inescrupuloso! Se não fosse Hulk, não sei o que teria sido de nós. Foi assim que começou nossa viagem ao Sul do país. Mas, esses acontecimentos inesperados servem para incrementar uma viagem, assim sempre teremos estórias para contar e rir depois.

Domingo pela manhã, na hora marcada, Hulk estava de plantão e pontual como sempre, esperando para nos levar ao aeroporto. Clara e Arthur já começaram a se divertir com as imitações que Hulk fazia para elas da fala de *scooby-doo* de quando ele atuava na Rede Globo. Pois é, nosso taxista tinha sido em tempos melhores para ele, ator, no programa dos trapalhões. Entre conversas e risadas, chegamos ao aeroporto.

Rumo a Porto Alegre.

É muito bom sentir a alegria das crianças com as novidades que a todo tempo se apresentam para elas. Voar, elas já haviam voado, mas cada voo é sempre uma emoção diferente, principalmente, para elas.

No Aeroporto Salgado Filho, encontramos o pessoal da agência de viagem que nos levaria de ônibus até o nosso destino que era a tão falada Gramado e as famosas Serras

Gaúchas com suas histórias e seus vinhos maravilhosos. Ficamos encantados com a visão que enche os nossos olhos. As lindas hortênsias pelas quais são conhecidas as estradas e toda a cidade de Gramado e das Serras Gaúchas. É uma visão de beleza sem igual.

Fomos muito bem recebidos pelo pessoal do Hotel Lagueto Prêmio, onde ficamos hospedados e recebemos todas as orientações de como conhecer a cidade a pé ou de táxi para conhecermos o que de bom a cidade dispunha para os turistas que a visitam durante o ano inteiro. Após nos instalarmos em nossos apartamentos, desfizemos as malas, trocamos e saímos para conhecer a cidade – encantados com a beleza da sua arquitetura Alemã. Encantados com as lindas casas em formato de castelos escondidas numa imensidão de árvores frondosas o que nos dava a impressão de que estávamos em uma grande floresta e, em algum momento, dali sairiam duendes e fadas.

Gramado é realmente uma cidade de sonho.

Deliciamo-nos com os chocolates quentes, com o café colonial, com a gastronomia, e com o delicioso e tão conhecido churrasco gaúcho. Pena que não experimentamos o chimarrão e não sentimos o frio tão característico da região, uma vez que estávamos em pleno verão e o calor se assemelhava ao nosso, do Nordeste, guardando-se as devidas proporções, afinal, estávamos no Sul do país – lugar frio por natureza.

Nos dias seguintes, faríamos passeios turísticos com o pessoal da CVC. Iríamos conhecer o Museu de Cera, o Minimundo que encanta enormemente não só as crianças como também todos os adultos que o visitam. Fizemos o passeio no trem Maria Fumaça, onde fomos surpreendidos com artistas locais – verdadeiros nativos italianos

– que nos animavam com suas melodias napolitanas e com peças teatrais que nos fizeram dar boas risadas. Paramos nas estações das cidades de Carlos Barbosa, Bento Gonçalves e Garibaldi para saborearmos os vinhos da região. Conhecemos algumas fábricas famosas como a Tramontina e a Dakota. Passamos um dia maravilhoso e surreal no “*Snowland*” – estação de esqui onde nós adultos viramos crianças e assim como elas nos encantamos com castelos, ursos e animais polares. Assistimos a uma peça teatral sobre o “Sonho de Neve” em que enormes ursos falavam e cantavam. Vimos a neve cair do alto em nossas cabeças. De lá, fomos descer de “esquibunda” por quilômetros e quilômetros de ladeiras de neve. Fomos todos para a pista de patinação no gelo, onde Pollyanna e Clara deram seus primeiros passos e quedas.

Enfim, este foi, sem sombra de dúvidas, para todos nós, um dia realmente inesquecível. À noite, nosso programa era assistir ao “*Natal Luz*” tão visto e aplaudido pelos inúmeros turistas que por lá passam. Vale a pena todo e qualquer sacrifício que se possa fazer para sentir o prazer e a emoção de assistir a espetáculos tão lindos e emocionantes.

O sonho chegava ao fim. Nossos dias em Gramado terminavam. Hora de arrumar as malas e deixarmos aquele lindo lugar. Tentar deixar gravado não só nas nossas máquinas fotográficas, mas, principalmente, em nossa memória e em nossas retinas – como dizia minha mãe quando visitava um lugar – *todas as maravilhas que elas conseguissem reter*.



## EU E OS LIVROS

**S**empre gostei de ler. Desde menina. Gostava de ler gibis. *Tio Patinhas, Mônica, Bolinha e toda a sua turma* assim como *livros de histórias de príncipes e princesas*. Adorava brincadeiras de rua com meninas e com meninos. Brincadeiras de rua mesmo. Peladas de campinhos. Barra bandeira. Mocinho e artista, panelinha, amarelinha. Mas ler era o que eu mais gostava de fazer.

Pré-adolescente, comecei a ler “*Folhetins de Romance Moderno*” revista da época e “*Novelas em quadrinho*”. A literatura faz parte de minha vida desde sempre. Até hoje só louca por novelas. Mocinha já, e estudando em colégio de freiras, uma de minhas professoras notou meu interesse pela leitura e me incentivou a gostar ainda mais de ler. Irmã Fabíola era o nome dela – professora de matemática, imaginem só, nada a ver com Letras não é mesmo? Enfim, ela começou a me emprestar livros. Ao perceber que gostei do primeiro não deixou que eu parasse mais. Não me dava trégua. Quando eu devolvia um, ela já vinha com outro na mão como se já houvesse feito uma seleção prévia dos livros que eu leria daí em diante. E eu gostava. Ah! Como eu gostava. De lá para cá, foram muitos. Muitos livros, eu

já li em minha vida. Podem crer.

Quando deixei o colégio e não me beneficiava mais dos seus empréstimos e já casada, recorria às livrarias quando o dinheiro dava – livros sempre foram caros. Mas descobri os “sebos” que se tornaram o meu lugar preferido para catar livros. Uma coisa da qual me arrependo todos os dias é de não ter tido a ideia de fazer uma lista com o nome e o autor de cada um que li. Pelo menos isso eu deveria ter feito. Não vou usar o termo catalogação, pois não tinha nem noção do que seria isso. Minha preocupação, naquele momento, era apenas sentir o prazer de lê-los.

Abrir um novo livro é sempre um momento especial para mim. Sempre acompanhado de um ritual. No momento em que o livro se encontra em minhas mãos, a vontade de começar a lê-lo é imediata. É como se eu estivesse com uma sede ou uma fome sem fim de palavras. Mas nunca deixo de praticar meu ritual que é: abri-lo, cheirá-lo – parece estranho não? – mas é isso mesmo, cheirá-lo, principalmente, se for relativamente velho; porque adoro livro com cheirinho de velho. Mania de leitores. Num segundo momento, passo a primeira folha, onde só aparece o nome do livro e leio-o mais uma vez. Viro a página, passo a segunda folha e leio quem o revisou, quem o diagramou, se tem ISBN, qual a editora que o publicou, o ano de publicação e o número de páginas. O número de página é muito importante para mim. Quanto mais volumoso, mais pesado, melhor me apraz. Aí, passo para as ore-lhas esquerda e direita. Nunca leio um livro sem fazer isso primeiro. Adoro prefácios. Leio a dedicatória, os agradeci-mentos, enfim, nada fica de fora. Nenhuma letrinha. Leio todas as letras que formam as palavras que vão me deliciar, me encantar e me emocionar naquele livro.

Porque é isso que os livros fazem comigo: emocionam-me, transformam-me, enriquecem-me e me deleitam. Faço todo esse ritual para adiar o começo da leitura porque sei que quando começo a ler a primeira página e o primeiro capítulo, vou tomando consciência de que as páginas começarão a diminuir. Então, tento ler devagar, saboreando cada palavra e cada frase; sorrindo para mim mesma, às vezes chorando também, quando me identifico com alguma passagem, com algum personagem e continuo “economizando” ao máximo as palavras na tentativa de a leitura demorar mais e mais até chegar ao capítulo final.

Como lamento quando acaba!

As horas passadas lendo um livro são momentos imprescindíveis na minha vida. Livros são para minha alma como o alimento é para meu corpo. Impossível viver sem eles. Como seria bom se as pessoas se conscientizassem das maravilhas e da importância de se ler um bom livro. Se os pais lessem e desenvolvessem também em seus filhos o gosto pela leitura, tenho certeza de que o mundo seria bem melhor.

Hoje, começando o ano de 2014, mês de janeiro, mês de férias e com mais tempo livre, pensei em começar a listar os livros que, com certeza, vou continuar lendo – até a catarata se apoderar de minhas retinas – e, procurar, na medida do possível, fazer uma reflexão, uma pequena resenha...

O primeiro livro que li este ano foi “*Quando você voltar*” livro escrito por Kristin Hannah onde ela constrói uma apaixonante história de cumplicidade, heroísmo e, acima de tudo, esperança. O livro conta a história de um casal que não resiste às pressões do dia a dia e vê seu relacionamento de doze anos desmoronar. Tipo de leitura que deve ser lido por todas as pessoas, uma vez que a autora relata

um drama pungente, forte, tocante e comovente despertando no leitor emoções fortes, tamanha a riqueza de sentimentos que escapam de suas páginas.

O segundo livro que li foi “*O Silêncio das Montanhas*” cujo autor Hosseini Kalled – o mesmo do maravilhoso “*O Caçador de Pipas*,” – conta a história de dois irmãos: Pari e Abdullah, os quais moram em uma aldeia distante de Cabul, são órfãos de mãe e têm uma forte ligação desde pequenos. Assim como a fábula que abre o livro, as crianças são separadas, marcando com isso o destino de vários personagens. Segundo o próprio Hosseini, o novo título “*fala não somente sobre a minha própria experiência como alguém que viveu no exílio, mas também sobre a experiência de pessoas que eu conheci, especialmente os refugiados, que voltaram ao Afeganistão e sobre cujas vidas tentei falar tanto como escritor quanto como representante da Organização das Nações Unidas. Espero que os leitores consigam amar os personagens de “O silêncio das montanhas”, tanto quanto eu os amo*”, palavras do autor. Seguindo os personagens, mediante suas escolhas e amores pelo mundo – de Cabul a Paris, de São Francisco à Grécia –, a história se expande tornando-se emocionante, complexa e poderosa. É um livro sobre vidas partidas, inocências perdidas e sobre o amor em uma família que tenta se reencontrar. Um livro que não pode deixar de ser lido por quem é amante da literatura. Inesquecível, apaixonante, capaz de nos fazer pensar e chorar. Fiquei tão tocada por esses livros que resolvi reler também desse autor e que já fazia parte de minha biblioteca há anos “*O Caçador de Pipas*” que dispensa comentários, uma vez que segue a mesma temática de “*O Silêncio das Montanhas*”. Onde todos os grandes temas da literatura e da vida são a matéria com

que o autor tece este romance extraordinário: amor, honra, culpa, medo e redenção.

O terceiro livro do ano foi uma releitura do maravilhoso “Tomates verdes fritos”, livro de Fannie Flagg que fala do envelhecimento e da relação de amizade de duas personagens da história, Evelyn e Ninny e da comovente história de Idgie e sua melhor amiga Ruth, envolvendo o preconceito homofóbico existente na década de 30. O livro tem como principal cenário o Estado do Alabama, um dos locais mais pobres dos EUA. Lugar onde a cor da pele era muito importante em qualquer ocasião, onde os negros eram tidos como inferiores a qualquer animal, e o preconceito era gigantesco.

O quarto livro que também indico é “Hell-Paris-75016” da escritora Lolita Pille que fala sobre a vida de garotas riquíssimas de Paris que vivem em função do consumismo e que terminam entrando no mundo das drogas e jamais encontrando a tão sonhada felicidade.

Três livros muito bons que me ensinaram um pouco sobre a origem da psicanálise foi a trilogia de um grande escritor de *best-sellers* e também psiquiatra Irvin D. Yalom. Não sei se eles formam uma trilogia, chamei de trilogia porque são três livros que tratam de psicanálise e que me fizeram pensar um pouco sobre o tratamento através dela. São eles: “Quando Nietzsche chorou”. Magnífico, onde o próprio filósofo Nietzsche – após cem anos de sua morte – torna-se o principal personagem. Relata o início da Psicanálise. Em “O Enigma de Espinosa”, o autor retrata a história do filósofo judeu que influenciou uma das maiores mentes nazista – o temido Adolf Hitler. E o terceiro foi “A Cura de Schopenhauer” que é um relato comovente de personagens demasiadamente humanos que no processo de

terapia em grupo desnudam suas mentes e seus corações tornando-se mais reais que a própria realidade. Vale a pena ler esses três livros de Irvin D. Yalom.

Hoje, 19 de fevereiro de 2014, comecei a ler “Sorria, você está na Rocinha” cujo autor é Julio Ludemir que faz do romance – que poderia muito bem ser uma reportagem – transitar num universo dominado por “zonas cinzentas”, cheias de ambiguidades, desconfianças, códigos de conduta particularíssimos, verdades incômodas e ingenuidades equivocadas. A chamada “teia de relações” entre a favela e o asfalto tem dubiedades, sutilezas e regras que não cabem em explicações simplistas. Este livro traduz a complexidade desta zona cinzenta, surpreendente, cruel e assustadora.

Nasceu minha netinha Heloísa filha de Juli e André. 16 de abril de 2014. Estou na casa deles curtindo sua chegada e ajudando nos trabalhos que são muitos. Porém, mesmo nas horas vagas, que são poucas nesse momento, não deixo de fazer também o que mais gosto que é ler. Na vinda para Mogi, ainda no aeroporto, comprei “Para toda a eternidade” mais um livro de Kristin Hannah que vai fazer parte de minha biblioteca. Livro maravilhoso, assim como todos os outros dela que eu também possuo. Fala da verdadeira amizade e de como algumas pessoas esperam a vida inteira por uma relação de amizade eterna, mas mesmo esta chega um dia ao fim. Perdemos as pessoas que amamos, no entanto, temos que encontrar uma maneira de seguirmos em frente, de seguir sempre adiante.

Passei dias sem sair de casa cuidando de minha netinha Heloísa junto com a sua mãe. Dias e dias sem nada para ler e sem tempo de procurar uma livraria. Viver sem livros

para mim é como viver sem comida, sem água. A leitura me alimenta. Graças a Deus, descobri que a irmã da cunhada de meu genro – complicado não é? – Alessandra Bordignon é o seu nome; assim como eu, é uma leitora assídua e compulsiva. Imediatamente, entro em contato com ela e eis-me aqui com seis livros maravilhosos para começar a “devorar” e saciar a minha sede de leitura. Primeiro livro que recebi: “O Castelo de vidro”. Ai que pena! Não vou ler porque já o possuo na minha biblioteca assim como “O Diário de Helga” de Helga Weiss o qual, se o espírito não me engana, também já li. Com certeza, lerei “A última grande lição” de Mitch Albom, “Pulmão de Aço” de Eliana Zagui, “O quarto” de Emma Donoghue e “A culpa é das Estrelas” de John Green.

Após ler atentamente a resenha de todos os livros – Heloísa estava dormindo – graças a Deus, optei por começar por “A culpa é das estrelas” e acertei. Bingo. Uma história emocionante envolvendo adolescentes com câncer cuja narradora está em estado terminal de um câncer na tireoide com metástase nos pulmões. Que leitura para quem está cuidando de uma recém-nascida cheia de saúde! Mas vamos em frente. A narradora conta sua própria trajetória e a de seus “colegas” de infortúnio na batalha contra esse mal de uma maneira estoica e doce que nos faz perceber como é difícil, mas também como é possível conviver com a dor. Li esse livro de um “fôlego só” como se diz quando o livro é muito bom e não há como largá-lo antes de se ler a última página. Passei algumas horas pensando nele, digerindo tudo que li e imaginando o sofrimento de todos aqueles pais que sofriam tanto ou mais que seus próprios filhos na luta por uma cura que talvez não viesse. Dias depois, soube que o roteiro deste livro havia virado filme e

fiquei ansiosa para vê-lo.

Depois de lê-lo, conheci uma garota vizinha de minha filha que me mostrou outro livro do mesmo autor John Green que se chamava “Cidades de papel”. Pedi-lhe emprestado na expectativa de que fosse tão bom como “A culpa é das estrelas”. Fiquei um pouco decepcionada, pois nem de longe nos toca o coração como o primeiro. Mas é assim mesmo, não se espera que um autor se consagre com todos os livros que escreve; na maioria das vezes, uns fazem mais sucesso que outros.

Em “Cidades de papel”, o autor não fala apenas sobre um jovem apaixonado que tenta fazer tudo para recuperar a sua amada. Mesmo utilizando alguns elementos clichês, muita aventura, muito humor e uma pitada de mistério, o autor consegue desenvolver uma bela história inserindo no contexto uma crítica social poderosa a respeito da distorção da imagem que construímos a cerca do próximo e da superficialidade na qual vivemos hoje em dia. O autor nos leva a uma reflexão sobre a nossa jornada em busca do autoconhecimento, amadurecimento, e libertação das amarras sociais nas quais estamos inseridos desde que nascemos. Todos somos marionetes de papel, vivendo igualmente numa cidade de papel – daí o título do livro. John nos estimula a rever todos esses conceitos que nossos pais sempre nos inculcaram.

Vocês devem estar se perguntando. Gente! Como é que ela consegue ajudar a filha com o bebê e ao mesmo tempo ler tantos livros? Eu sou assim mesmo. Não sei ficar parada. Todo o momentinho livre que eu tinha aproveitava para ler. Quem padece dessa doença sabe do que estou falando.

Voltando ao assunto livros. Quando temos muitos para ler, como era o meu caso, seis, ficamos um pouco divididos

na hora da escolha da próxima leitura, no entanto, como entre eles existia um que também falava sobre o estado terminal de um paciente, achei por bem continuar com aquele mesmo tema, embora eu estivesse um pouco deprimida ainda com o anterior. Resolvi abrir “A última grande lição – O sentido da vida”. Não poderia ter escolhido melhor leitura. As lições de esperança sobre o sentido da vida, transmitidas de uma maneira tão comovente por um professor paciente terminal para um aluno muito querido e cheio de questões existenciais para resolver, faz com que repensemos também na nossa maneira de ver a vida numa tentativa de também nos transformarmos numa pessoa melhor.

Já havia dois meses que estávamos fora de casa. Restavam apenas alguns dias para a nossa volta a Campina Grande e eu precisava ler os outros livros que me foram emprestados. Não queria e não poderia levá-los. Os volumes certamente causariam excesso de peso. Em virtude disso, eu corria, ou seja, lia contra o tempo. Assim que comecei a ler as orelhas do livro “Pulmão de aço”, perguntei a mim mesma: “meu Deus, será que vale a pena viver assim?” Viver, assim, parálitica por quase quarenta anos apenas respirando artificialmente com o auxílio de “pulmões de aço” dentro de um quarto de UTI em um hospital? Confesso. Continuando a leitura mudei de ideia, mudei de conceitos, fui além dos preconceitos e vi como é possível viver com tantas limitações. Fiquei impressionada com o tamanho da determinação dessas pessoas na luta pela sobrevivência. Na capacidade de vencer tantos obstáculos que para nós, quando estamos com saúde, achamos que seria impossível suportar. Assustei-me com o poder que elas têm para enfrentar desafios e vencer. Inúmeras lições de vida tirei desses relatos! A força de vontade dessas

pessoas é incrível. É essa força que faz com que mesmo morando anos em hospitais elas consigam ter uma vida própria como qualquer pessoa “normal”. O que me entristece é pensar que muitos de nós que temos toda a saúde do mundo, muitas vezes não damos valor ao que temos, não aproveitamos as oportunidades que se nos apresentam e só reclamamos da vida.

Junho chegou.

A hora de voltar para casa se aproximava.

Nem vou falar da saudade. Saudade não mata, mas maltrata. Diz o ditado. Por isso, meu coração estava tão maltratado! Partido. Dava para juntar pedaços dele pelo chão. Não vou nem comentar as despedidas. Um chororô incontrolável. Por que nas despedidas a gente se divide? Tão paradoxal! Um pedaço que ficar enquanto o outro se apega. Um resiste, o outro anseia? Um quer ficar e o outro quer ir? Os dias na casa de nossa filha foram repletos de emoção, trabalho e noites sem dormir, no entanto, foram também dias muito felizes.

Tudo tem seu fim. Aproximava-se o dia de voltar para casa. Voltar para a nossa rotina. Chegamos a Campina Grande numa tarde cinzenta e fria de inverno. Para piorar meu estado de ânimo, chovia a cântaros e fazia um frio de matar. Era o mês da frustrada Copa do Mundo em que o Brasil perdeu vergonhosamente num placar de 7x1 para a Alemanha. Adorei. Achei foi bom.

Tive que me esforçar muito nos primeiros dias de retorno para vencer a imensa saudade e a falta que minha filha e minha neta faziam. Mas não dizem que o tempo cura tudo? Pois é. Ele cura mesmo. E o que os olhos não veem o coração não sente. É o que dizem também.

Uma tarde, ao entrar nas Lojas Americanas, deparo-me

com livros em promoção de duas autoras que adoro. Kristin Hannah e Emily Giffin. Não deu outra, comprei os dois. Alguns podem até chamar de leitura com açúcar. Mas são histórias e eu adoro histórias. Principalmente quando elas nos falam ao coração e nos fazem lembrar nossas próprias histórias, nossos problemas, nossas emoções.

“Jardim de Inverno” de Kristin Hannah nos conta uma história que me levou às lágrimas em muitos momentos. Mostra a relação entre mães e filhos. Trata das escolhas que nós mulheres, muitas vezes, somos levadas a fazer pelos outros, não por nós mesmas, de uma maneira que só Hannah tem de ver e sentir como vemos nesse trechinho: *“quando somos mães nós suportamos o que for preciso por nossos filhos, sabemos que isso vai doer em você e vai doer neles, mas seu trabalho é esconder que seu coração está se partindo e fazer o que eles precisam que você faça”*. Vi-me, muitas vezes, retratada na personagem, esse foi, portanto, um livro que me marcou muito. Fez-me refletir bastante e ver como a autora tem razão no que diz.

“Laços Inseparáveis” de Emily Giffin é um livro muito bonito e que também fala da relação, muitas vezes, conflituosas entre mães e filhos adotivos daquele jeito todo especial – quem conhece os livros desta autora entende o que digo – de tocar profundamente nossos corações mesmo enquanto ainda consegue nos fazer rir.

Já ia ao caixa pagar esses livros quando meus olhos ávidos avistam numa prateleira em promoção o exemplar “Cinquenta tons mais escuros”, custando apenas 19,90 reais. Achei engraçado. Um livro que até pouco tempo era a “coqueluche” do momento virou filme e as pessoas que faziam fila para comprá-lo, hoje engalfinham-se nas filas do cinema para assistir a ele. Livrarias fazendo pedidos aos

borbotões para atender a demanda e ei-lo ali agora. Tão tristonho. Tão humilhado. Pedindo por tudo no mundo que alguém o levasse dali com urgência. Até ele estava com vergonha do preço estampado na prateleira. Tive pena. Como eu já tinha feito a besteira de comprar o primeiro: o “Cinquenta tons de cinza”, resolvi levá-lo também. Livrá-lo daquela situação. Comprei-o. Sabia que não ia me decepcionar mais. Já conhecia o primeiro. Já sabia de antemão o que me aguardava. Um monte de bobagens e baboseiras sobre sexo que qualquer pré-adolescente de hoje já sabe e faz muito melhor. Não sei como um livro tão sem graça vendeu tanto. Modismo talvez. Só isso. Como eu queria cair na boca do povo e que “Retalhos de uma vida e A saga de sete mulheres” ficassem passando de mão em mão – caírem na moda como “Cinquenta tons”. Pois é, leitor amigo. Não o compre. Não vale nem a pena me estender em resenhas. Nem comentários. Não vale a pena ler. Ponto final. Agora, se você quiser ler. Paciência. Se o preço cair mais um pouco posso até comprar o terceiro apenas para completar a trilogia. O caro leitor ou leitora fique à vontade para rir se desejar.

Outro dia passei na escola em que dava aulas para rever as minhas “colegas-amigas” e dei uma entrada rápida na biblioteca. Pois não é que encontrei três livros maravilhosos! Um me chamou a atenção logo de cara. Falava de um relato real sobre a Segunda Guerra Mundial – tema que me impressiona desde que comecei a gostar de ler. Imagina você que li “Hiroshima e Nagasaki” aos 14 anos. Encontrei num sebo. Verdade. Fiquei impressionada dias e dias.

O título agora era “O homem que venceu Auschwitz”. Livro escrito por dois autores: Denis Avey e Rob Broomby. O primeiro – narrador que conta a história – era um soldado

Inglês que se torna prisioneiro de guerra próximo a Auschwitz e que se faz passar por judeu para descobrir tudo o que se passa lá dentro. Impressionante. E o segundo autor é correspondente internacional e colaborador da BBC há mais de duas décadas. Este livro nos emociona ao mesmo tempo em que nos surpreende – se é que é possível diante de tudo que já foi dito sobre essa maldita guerra – porque relata a vida de um corajoso jovem soldado que arriscou a própria vida para mostrar ao mundo um dos mais terríveis episódios da história.

O que me leva a ler mais e mais sobre o tema quando me cai nas mãos é descobrir até onde vai a crueldade humana. Percebo que essa crueldade não tem limite e fico com medo. Com medo de que a humanidade esqueça as crueldades praticadas contra seus semelhantes e queira repeti-las “inventando”, quem sabe, uma Terceira Guerra. Para quem gosta do tema como eu, vale a pena ler.

O segundo livro – cujo autor é Mario Benedetti – “Correio do tempo”, fala de nostalgia, amor e desamor, alegria, abandono, lembranças do passado e reencontros. Temas bastante comuns no cotidiano de todas as pessoas, mas Benedetti emprega toda a sua habilidade para compor uma coleção de relatos que é ao mesmo tempo um mosaico de sentimentos e estados de alma.

O terceiro livro é de um autor que li muito na minha adolescência e que me ensinou o que sei até hoje sobre os mistérios do sexo, sobre as injustiças sociais e sobre a corrupção política no nosso país. Estou falando do inesquecível e amado Jorge Amado. Autor que marcou época na Literatura Brasileira com os seus inesquecíveis “Dona flor e seus dois Maridos, Gabriela, Tieta do Agreste, Capitães de Areia” e tantos outros como esse

que releio agora: “Os Pastores da Noite” que, como todos os seus romances, são retratos de uma época, de um tempo pré-moderno de um mundo sem grandes malícias; de pequenos delitos, pecados veniais, ingênuas transgressões, simpáticas trapaças, crimes cheios de atenuantes em comparação com o mundo atual; a corrupção dos poderosos, a demagogia, a imprensa vendida, o bem contra o mal: temas que são uma constante nos seus romances sociais. Muitos chegaram a virar filmes, documentários e novelas que mesmo hoje, após tantas décadas, levam-nos a querer fazer uma segunda leitura ou assistir a eles novamente, uma vez que esses temas continuam atuais na nossa sociedade.

Eita tempo para passar rápido! Eita saudadezinha danada para machucar! As benesses da tecnologia – celulares, whatsapp, computadores com aplicativos que nos permitem falar e ver ao mesmo tempo os nossos amados – nada substituirá jamais o tato – a pele com pele, o cheiro, o abraço apertado e o beijo carinhoso. Por isso, estamos voltando lá novamente. Para Mogiguaçu. Ver Juli, André, seus familiares que nos são muito caros e abraçar bem apertado a nossa querida Heloísa. Aproveitamos um passeio ao Rio de Janeiro com nossos queridos amigos Zé Neto e Luciana e de lá corremos, corremos não, voamos para Mogi Guaçu, cidade que está se tornando nosso segundo endereço.

Já no aeroporto do Rio não me contive, como sempre, e comprei mais um livro de Emily Giffin “Uma prova de Amor”. Queria ter comprado mais livros já que em Campina Grande não existe uma livraria decente. Livros em aeroportos custam os olhos da cara, eu sei disso. Então, anotei alguns títulos no celular para num futuro bem próximo adquiri-los via internet. Comecei a ler “Uma prova de amor” ainda no avião e continuei nos dias em que estava em

casa de Juli. Quatrocentas e trinta páginas de pura emoção, divertimento, reflexão. Um livro que fala de tomadas de decisões dentro de um relacionamento a dois. Uma história que fala de como as coisas podem mudar como num passe de mágica, assim, de supetão, na vida das pessoas. Levando-as a priorizar o que seria mais importante para suas vidas. O que não é fácil. Afinal, tem horas na vida, em que temos que tomar partido e descobrir bem dentro de nós mesmos até aonde se pode ir por amor a alguém.

Matamos a saudade de Juli e de Helô. Será? Acho que não. Viver longe de filhos é uma tortura cotidiana que machuca muito. É a dor de uma ferida aberta que não cicatriza nunca. Lembro-me delas da hora que acordo à hora que vou dormir. Mas é assim mesmo, como já disse muitas vezes: *criamos os filhos para o mundo*. O jeito é aprender a conviver com as ausências. Com as chegadas. Com as partidas.

Estamos em casa. A rotina e o tédio começando tomar conta de mim novamente. Encontro uma maneira de levar os dias começando um voluntariado na AACD de Campina Grande recém-inaugurada. Pelo menos dois dias da semana me sinto útil novamente. Voltando ao tema desta sessão – Eu e os livros – assim que cheguei fiz logo um pedido de três dos livros que havia selecionado e fiz o pedido pela internet. Bendita tecnologia, em três dias, já estava com eles em minhas mãos. “Proibido” de Tabita Suzuma, “Liberdade - crônica” de Martha Medeiros e “As Sete Irmãs” de Lucinda Riley. Mais um dilema. Qual escolher para ler primeiro. Li as orelhas de cada um e me decidi por “Proibido” uma vez que o tema abordava “incesto” – amor entre irmãos, tema muito delicado e extremamente polêmico que eu já havia lido há muitos anos. Fazia parte

de uma trilogia que me foi emprestada cujo autor era V. C. Andrews e os livros eram “Os espinhos do mal”, “O Jardim dos esquecidos” e “Pétalas ao vento”. Infelizmente, a pessoa que me emprestou só tinha dois volumes e eu nunca encontrei o terceiro. Mas agora, com o auxílio da internet, vou fazer uma pesquisa e ver se encontro esse terceiro volume para fazer parte de minha biblioteca.

Pois bem. “Proibido” fala do amor incestuoso entre dois irmãos com extrema sutileza psicológica e uma grande sensibilidade poética. Mostra o drama que vivem dois irmãos tendo que criar sozinhos seus outros irmãos, todos abandonados pelo pai e uma mãe que não os ama. Na busca para continuarem juntos como uma família, os irmãos mais velhos se dividem entre o estudo, as tarefas domésticas e os cuidados com os outros irmãos. Acabam se apaixonando. Um amor proibido que jamais será aceito pela sociedade e que os leva a viver um drama sem igual chegando à fatalidade. Uma história de se ler de um fôlego só e que faz com que mesmo sabendo que esse amor é um amor impossível nos leva a torcer por eles. Passei uns dias refletindo sobre “Proibido” antes de começar a ler “As Sete Irmãs” de uma autora irlandesa cujos livros eu ainda não tinha tido a oportunidade de ler. O livro com 555 páginas parecia uma Bíblia de tão grosso – do tipo que eu gosto – e o título me chamou a atenção – As sete mulheres – lembrando o meu próprio “A Saga das Sete Mulheres” que também fala sobre a vida de sete irmãs. O interessante é que este livro é o primeiro de uma série, como o próprio título indica, e trata da vida da primeira das irmãs. Isto quer dizer que terei que comprar os outros seis. Não restam dúvidas de que terei livros para ler por um bom tempo. Espero que eles todos já estejam a caminho do prelo para serem publicados.

Neste volume, a escritora Lucinda Riley mergulha na cultura e na história do nosso país para conhecer de perto os mitos e verdades sobre a construção de um dos mais emblemáticos monumentos à nossa fé: o Cristo Redentor. O resultado dessa experiência é uma trama surpreendente e sensual recheada de elementos exóticos. Como estávamos passeando pela terceira vez no Rio de Janeiro e visitando o Corcovado para vermos a imagem grandiosa do Cristo Redentor, fiquei curiosa em saber detalhes de sua construção mesmo em um livro de ficção. Fato que se confirmou numa pesquisa que fiz pela internet logo que acabei a leitura quando tomei conhecimento das dificuldades e transtornos para se chegar à conclusão de uma obra tão esplendorosa e conhecida por milhões de pessoas do mundo inteiro.

Após a leitura desse imenso livro, depois de conhecer a saga de Maia que era a primeira das sete irmãs, passei um tempo sem ler para dar um tempo às minhas pobres retinas. Parece que para onde eu olhava só via letrinhas. Mas, o descanso de meus olhos durou pouco. Não consigo ficar por muito tempo com um livro na cabeceira de minha cama, olhando para mim, e pedindo para ser lido. Assim sendo, peguei o livro de Martha Medeiros – uma das cronistas mais lidas do país – conforme li na contracapa, coisa de que eu não tinha conhecimento ainda, mas me chamou a atenção logo de início ao ver os títulos: “Liberdade crônica, Paixão crônica e, Felicidade crônica”.

Não me contive e comprei o que se encontrava na livraria. Os livros compõem uma trilogia de crônicas – gênero literário com o qual muito me identifico e que também sou adepta na escrita chegando a publicar muitas delas no Jornal da Paraíba de minha cidade, Campina Grande. Comecei primeiro com “Liberdade-crônica”. Apaixonei-me

de imediato com a sua maneira e estilo de escrever. Neste livro, a autora debate a nossa eterna luta para combinar a ânsia por liberdade com outras aspirações. A busca pela liberdade e pelo equilíbrio. Assim como Lya Luft serviu de inspiração para que eu iniciasse minha trajetória de “escritora” tenho certeza de que Martha Medeiros também vai me influenciar muito e fazer com que eu também continue trilhando por esse caminho tão maravilhoso que é a escrita, onde podemos extravasar, colocar para fora nossas angústias, nossas maiores incertezas, e por que não dizer, os nossos sentimentos livres e os reprimidos também. Espero que os outros dois cheguem logo às livrarias.

Alegria... alegria... alegria. Melhor notícia do ano. “A Nobel” livraria maravilhosa, enfim, chega a Campina Grande. Não acreditei quando passeando pelo *face* me deparei com essa maravilhosa notícia. Pois é, a Livraria Nobel – com letra maiúscula sim, dada a importância dessa notícia para mim – leitora voraz – chega à minha cidade. Estava lá o convite para a inauguração da nova livraria. Claro que me fiz presente, que comprei livros, apresentei-me como leitora e escritora e meus livros foram aceitos para fazerem parte do acervo da livraria e serem expostos ao lado de inúmeros autores conhecidos e reconhecidos pelo público leitor. Pode uma alegria maior do que essa? Pois é, eu estou lá nas prateleiras da “**Nobel**”. Resta saber se venderei algum livro. Espero que sim.

Estava mais uma vez com as mãos cheias de livros e pesados, pois eram dois enormes que eu achava que levaria muito tempo lendo. “O Pintassilgo”, romance vencedor do prêmio Pulitzer de Donna Tartt e “Josefina- Desejo-Ambição-Napoleão” de Kate Williams, o primeiro com 720 páginas e o segundo com 550 páginas. Eu esperava que

esses livros pudessem matar minha sede de leitura por um bom tempo, isto é, se eu soubesse economizar as páginas, se eu soubesse ler devagar, educadamente, saboreando cada palavra, cada frase, cada ponto, cada imagem porque todos que me conhecem sabem da minha ansiedade em tudo. Então, a minha vontade é ler sem parar, é devorar cada parágrafo, cada reticência, cada vírgula.

Mas qual o quê! Só deu para um mês.

Comecei a ler “Josefina: Desejo-Ambição-Napoleão” de Kate Williams. Americana com Mestrado na Universidade de Londres e Doutorado em Filosofia, na Universidade de Oxford. Conferencista e consultora televisiva, Kate apaixonou-se pelo século XVII enquanto estudava em Oxford, daí resultando nesta história de obsessão sexual, de política e da sobrevivência de uma mulher em um mundo masculino.

Através da leitura deste incrível livro de 480 páginas, fiquei conhecendo muito da história da França no período em que Napoleão a dominou com mão de ferro. Ficamos conhecendo os desmandos com o dinheiro público, a tirania de um homem sobre seu povo e ficamos conhecendo também a arrebatadora história de Josefina, a jovem crioula que se torna Imperatriz da França passando por todas as adversidades e preconceitos da época.

Como foi bom ler esse livro quando fazia pouco tempo de uma viagem que fiz a França. Foi maravilhoso “caminhar” por Paris através da leitura. Rever os *Jardins das Tulherias*, entrar novamente no “*Palácio de Versalhes*” na companhia, desta vez, de Napoleão, da Imperatriz Josefina e de sua corte. Como foi bom fazer parte daquela bela história passeando pelos *Champs-Élysées* pela *Torre Eiffel*, e sentando nos banquinhos da *Place de la Concorde*, só que

agora com as damas de companhia da imperatriz e suas cortesãs.

É isso que os livros fazem com a gente. Faz-nos sonhar, viajar, viver e participar da história junto com seus personagens.

Depois do encantamento com “*Josefina*”, preparei-me para começar o enorme “*O Pintassilgo*” que como está escrito na contracapa – um clássico para os nossos tempos. Um romance arrebatador que conquistou milhões de leitores pelo mundo. Um livro que nos apresenta um desenrolar de acontecimentos incríveis que nos prende desde o início até a última página. Uma história rara de perda, de obsessão e de sobrevivência em um mundo cão, um mundo de contrastes. Um livro com uma prosa que explora com enorme sensibilidade as cruéis armadilhas do destino. Imperdível.

Já estamos no mês de dezembro. Dia 14. Domingo. Estou ansiosa esperando a hora de ir ao aeroporto buscar minha filha Juliana, meu genro André e minha adorada netinha Heloísa para passar o natal conosco. Para driblar a ansiedade, resolvo abrir o computador e registrar minhas impressões a respeito do último livro que li no ano que termina: “*Diário de uma Paixão*” de Nicholas Sparks, o vigésimo oitavo livro que li este ano. Nunca tinha lido nada desse autor, pois achava que era muito “água com açúcar”, mas me surpreendi com a história de um amor sem fim de um homem por uma mulher, onde o amor verdadeiro em si, o carinho e a devoção se sobrepõem às mudanças inevitáveis do tempo e às adversidades da vida que afetam todas as pessoas.

O ano de 2014 foi embora e levou com ele as alegrias e tristezas pelas quais todos nós passamos. Mas um ano se

inicia e esperamos que nos traga muita paz, saúde, fraternidade e que saibamos enfrentar as adversidades que aparecerem nas nossas vidas.

Li vinte e seis livros nesse ano que passou e, em 2015, espero ler muito mais. De volta das férias, ainda no aeroporto, não me contive e adquiri meus dois primeiros livros deste novo ano que se inicia. Comecei a ler “As mulheres do Nazismo” de Wendy Lower que faz um relato sobre o papel das mulheres alemãs no Holocausto. Faz um retrato convincente de uma “geração perdida” de jovens nascidas em uma Alemanha derrotada e tumultuada pelos efeitos da Primeira Guerra Mundial. Essas mulheres: professoras, secretárias, enfermeiras, assistentes sociais, esposas e amantes viram a expansão do império nazista como uma espécie de oportunidade de carreira e casamento e para conseguirem o que queriam. Participaram de saques dos bens dos judeus, mataram, assassinaram, e foram tão brutais como qualquer carrasco do nazismo. “As mulheres do nazismo” nos mostra que genocídio também é assunto de mulher.

Meados de janeiro. Ainda estamos de férias. Engraçado, não me acostumei ainda com o meu estado de professora aposentada e me pego, às vezes, pensando no que fazer nos feriados esquecendo que para mim agora todos os dias são feriados. Por isso, após ler “As mulheres do Nazismo”, um livro muito denso e triste, me propus a começar “Simplesmente acontece” de Cecelia Ahern escritora irlandesa. Um livro de 440 páginas todo escrito na forma de e-mails, SMS, mensagens, bilhetes, cartas e cartões postais o qual nos comove e emociona na medida em que trata de amizade e amor entre um homem e uma mulher. Uma amizade que começa desde que eles tinham cinco anos de idade,

quando frequentavam a mesma escola, a mesma rua. Uma amizade que perdurou por toda uma vida entre encontros e desencontros e só aos cinquenta anos, eles realmente se entregam à paixão e ao amor que os alimentaram durante toda uma vida.

Fevereiro chegou e passou rapidamente.

Numa caminhada pela cidade em meio a muito calor, resolvo entrar na Livraria Nobel como gosto de fazer para garimpar algum livro e por que não dizer me refrescar enquanto folheio alguns exemplares. De repente, deparei-me com mais um livro de uma de minhas escritoras preferidas Kristin Hannah “O lago místico” e outro que comprei também por causa do tema “Holocausto” que exerce sobre mim um fascínio inexplicável, “A Bibliotecária de Auschwitz” do escritor espanhol Antônio G. Iturbe. Desde a minha mais tenra idade, quando comecei a gostar de ler, que esse assunto sempre me atraiu de uma maneira assustadora. Às vezes, pergunto-me se não seria eu a encarnação de alguma judia prisioneira de algum daqueles terríveis campos da morte. Quanto mais leio, e olha que já foram muitos livros sobre o Holocausto, sobre antes e pós a grande guerra, nunca me contento, sempre quero saber mais sobre o assunto mesmo que após cada leitura me sinta triste, deprimida, indignada e terrivelmente impressionada com o tamanho da crueldade humana. Claro que não poderia deixar de comprá-los. Comprei.

“O lago místico” é mais uma história maravilhosa de Kristin Hanna e, como sempre, na maioria de seus livros, o enredo é centrado em uma mulher que se transforma, coisa, aliás, que pode acontecer a qualquer momento na vida de cada uma de nós, simples mortais, e que, na maioria das vezes, sempre traz uma série de escolhas e desafios

inesperados.

“A Bibliotecária de Auschwitz” não poderia deixar de ser o que eu já previa que seria. Simplesmente maravilhoso. Baseado numa história real o que torna a nossa indignação extremamente maior com relação à maldade humana. É o registro de uma época triste da história, mas também o relato de pessoas extraordinariamente corajosas que não se renderam ao terror e conseguiram, a muitas penas, sofrimentos, humilhações, fome e miséria no seu mais alto grau, manterem-se firme no propósito de continuarem “vivas” a todo custo na luta por uma vida melhor, munindo-se apenas do que para elas era imprescindível para se libertarem: os livros. Uma história emocionante de garra e esperança de pessoas que não permitiram que o medo e a incerteza tirassem das crianças prisioneiras o direito de aprender que “abrir um livro é como abrir uma janela para a liberdade”.

Estamos no mês de março. O clima ainda continua muito quente. As chuvas teimam em não querer cair deixando todos apreensivos quanto à falta de água que toma conta de todo o país. Água. Tão importante e imprescindível para a vida, e tão em falta. A preocupação é grande, pois queiramos ou não ela vai acabar. Talvez até tornando-se um motivo de briga entre estados e até entre nações. É preciso que cuidemos e racionemos o mais que possamos antes que nos falte de uma vez.

Estar aposentada tem lá o seu lado bom. O tempo que sempre foi tão curto de repente se torna longo demais. As horas nunca passam e para preenchê-las temos de inventar um monte de coisas. Outro dia, tirei umas horas de meu longo dia para organizar minha biblioteca. Selecionei

os livros. Cheguei a me desapegar de alguns que já havia lido e relido e os doe para a biblioteca do bairro das Malvinas onde se faz um trabalho maravilhoso de leitura com as crianças e os jovens carentes daquela comunidade. Para economizar um pouco, selecionei alguns para reler. É sempre bom reler. Como nos surpreendemos quando fazemos uma segunda ou mesmo uma terceira leitura de um mesmo tema, de um mesmo assunto. Como muda a nossa maneira de ver o mundo após alguns anos. Encontrei, entre eles, “Caminhos Cruzados” do nosso querido autor brasileiro Érico Veríssimo. Adorei relê-lo. Como o próprio título indicava, o autor nos levava a percorrer um caminho de dramas e devaneios de vários personagens. A história se passa na cidade de Porto Alegre dos anos 30 e o resultado é um emaranhado de conflitos, onde se retrata a hipocrisia que permeia as relações sociais, o descabro travestido de caridade, o abismo imenso entre as classes sociais e a solidão e angústia que perpassam o destino humano. E, como podemos perceber são temas que continuam a perseguir os homens até os dias atuais.

Reli também “O indomável” de Harold Robbins autor americano na tradução do nosso inesquecível Nelson Rodrigues. Um livro que eu tinha lido, há uns 26 anos, mas continuou a me impressionar pelo estilo irreverente de escrever do autor, quando conta a história do cotidiano das cidades, dos poderosos e dos pequenos, do alto preço da ambição e do sucesso. Neste livro, ele nos mostra “que o mundo está pronto a nos dar não o que dele arrancamos, mas o que nele colocamos”. Ou seja, chega-se à conclusão de que só colhemos, nesta vida, aquilo que plantamos.

Entre os livros selecionados para releitura, estavam “O Inverno da nossa desesperança” de John Steinbeck, autor

consagrado de “As vinhas da ira” que li e reli várias vezes em minha vida, como também “A Insustentável leveza do ser” de Milan Kundera. Em “O Inverno da nossa desesperança”, Steinbeck retoma a temática social de seus livros nos colocando diante do problema *sucesso a qualquer preço*, uma das grandes motivações da sociedade capitalista em que vivemos e conta magistralmente a história da decadência de um homem de bem. Em *A insustentável leveza do ser*, Milan Kundera nos mostra um mundo em que as vidas são condicionadas por escolhas irrevogáveis e por acontecimentos fortuitos se colocando como um observador de suas criaturas e como um comentarista de seus atos.

Depois que reli esses livros, uma amiga da academia, Kilma, trouxe-me um livro pequenininho, que chamam livro de bolso – um vira-vira. Esse tipo de livro onde metade é uma história e a outra metade é outra. Adorei quando vi o nome da autora: Rosemunde Pilcher, escritora inglesa. Imediatamente, lembrei que tenho na minha estante um livro dessa autora cujo nome é “Setembro”. Adorei a história que falava de conflitos e paixões familiares com a qual muito me identifiquei. São passagens da história, quando as famílias viajam para se encontrar e celebrar a vida e, em meio à azáfama dos preparativos e os encontros familiares, parecia que estava vendo a minha própria família.

Fiquei ansiosa esperando que a aula na academia terminasse logo para voltar para casa, tomar um bom banho, relaxar na minha rede e começar a ler. Adoro ler escritores ingleses. Conhecer seus hábitos e costumes, a cultura britânica tão diferente da nossa e nada melhor para isso do que ler Rosemunde Pilcher com suas descrições maravilhosas dos ambientes e as características mais particulares

da personalidade de cada personagem. E, assim, aprendi muito sobre os britânicos lendo “O carrossel” e “O dia da tempestade”. Em ambos, a autora trata das complexas relações familiares, sempre ambientadas nas mais belas paisagens da Grã-Bretanha. Bom, para quem estava com pouco dinheiro naquele mês para comprar livros, a releitura daqueles e esse empréstimo de minha amiga vieram bem a calhar.

O mês de março foi de muita expectativa para nós: meu marido, minhas filhas, genros e netos. Fomos todos para Mogi Guaçu. Aniversário e batizado de nossa neta Heloísa. Já estávamos procurando passagens e preparando as malas para uns dias de alegria com a família toda reunida. Por isso, a maneira de aplacar a minha ansiedade não poderia deixar de ser outra senão ler e ler muiiito. Ler me acalma, me relaxa, me deixa mais leve e menos ansiosa.

Março está terminando. Algumas chuvinhas já caíram, molharam a terra, mas não em quantidade suficiente para encher os açudes e pararmos de pensar em racionamento. O calor continua grande e o inverno continua sem querer dar o ar de sua graça e salvar a todos de um colapso hídrico.

Abril chegou, finalmente.

Passagens compradas, malas prontas. Aeroporto. Em época de feriado como sempre, o aeroporto estava um pouco cheio, então, meu marido e eu decidimos despachar nossas malas imediatamente. Logo após, fiz a primeira coisa que faço quando viajo que é procurar uma livraria. Garimpando apressadamente entre as imensas prateleiras – pois teríamos que embarcar de imediato – dei de cara com um grosso volume com o título “O Momento” cujo autor Douglas Kennedy me era totalmente desconhecido até aquele momento. Comprei-o e logo procuramos o

portão de embarque. Sentamo-nos para esperar a hora de embarcar. Enquanto isso, eu fiquei observando as pessoas que se encontravam sentadas assim como nós esperando o embarque. Eram centenas de pessoas caladas, sem nenhum contato umas com as outras num silêncio sepulcral em que só se ouvia aquela voz suave chamando os passageiros para os próximos embarques. Fiquei me perguntando como esses passageiros não perdiam seus voos tão ligados que estavam em seu próprio mundo com seus celulares nas mãos. É impressionante como as pessoas não se comunicam mais. Quase não se via alguém conversando com outra pessoa, ou lendo um jornal, uma revista ou mesmo um livro. Foi aí que senti um peso em minhas mãos e percebi que era meu novo livro. Deixei de observar aquelas pessoas que pareciam verdadeiros zumbis e comecei a folhear e ler a resenha daquele enorme livro.

Finalmente, o número de nosso voo estava sendo anunciado por aquela voz suave tão conhecida nos aeroportos e junto com outros passageiros nos encaminhamos até a aeronave. Decolamos com um dia de sol esplêndido. Enquanto o avião decolava e ganhava alturas, a paisagem vista daquela minúscula janelinha ia se tornando incrível. O azul do céu estava magnífico. O dançar daquelas nuvens branquinhas, parecendo imensos capuchos de algodão, deixava-nos com o coração mais leve. Quando me cansei de olhar aquele imenso e infinito céu azul, peguei o livro e comecei a pensar no que me levou a comprá-lo. Descobri que foi a resenha e o número de páginas: 527.

Nunca compro um livro sem antes ler as orelhas e a resenha. Adoro livros grossos. Ao ler a resenha, vi que se tratava de uma história de amor dramática que se passava em Berlim num período em que a cidade era dividida em

duas: a Berlim Oriental e a Berlim Ocidental, onde as lealdades pessoais eram frequentemente intimidadas pelas sombras profundas da Guerra Fria, da qual eu não tinha muito conhecimento.

Um romance de grande poder emocional, “O Momento” explora de que maneira e por que nos apaixonamos e como projetamos nos outros o que nosso coração anseia desesperadamente.

Como viajaríamos, eu e meu marido antes de nossas filhas; passaríamos quinze dias por lá, achei que 527 páginas seriam mais do que suficientes para passar esse tempo. O voo foi tranquilo, sem nenhuma turbulência e dentro do horário. Fechei meu livro e nos preparamos para a aterrissagem. Estávamos ansiosos para vermos nossa filha, nossa neta, André e sua família que sempre nos recebe de braços e corações abertos. A saudade era enorme.

Aterrissamos sem maiores transtornos, pegamos nossas malas e qual não foi a nossa surpresa quando avistamos nossa filha nos esperando junto com seu marido André. Guardamos as malas, entramos no carro e partimos para Mogi Guaçu ansiosos para rever nossa netinha Heloísa em meio a muitas conversas e risadas.

Os dias na casa deles foram maravilhosos. Todos os dias, enquanto Juli saía para trabalhar, aproveitávamos para passear, brincar com nossa neta, fazer caminhadas ao ar livre em meio à natureza exuberante que rodeia a casa e, relaxando numa rede armada naquele imenso terraço, esperarmos ouvir o som inconfundível do apito estridente dos imensos trens que passam frequentemente por cima daquela bela ponte, o que dá um ar ainda mais bucólico àquela linda paisagem, onde está localizada a bela casa de nossa filha.

Nas horas vagas, enquanto Helô dormia, eu aproveitava para ler meu novo livro. Esperava que a quantidade de páginas que ele continha durasse até o último dia em que passaríamos por lá. Mas qual o quê! Mesmo que eu tentasse ler com parcimônia, saboreando cada palavra, cada frase. Mesmo que passasse umas horas passeando e brincando com nossa neta, o livro ficava ali, olhando para mim, me chamando, louco para ser aberto novamente e aí eu não resistia, pois ele é daquele tipo de livro que se ler de um fôlego só e, claro, em menos de uma semana eu já o tinha devorado completamente. A história se mostrou tão interessante para mim, que após a leitura fui ao *Google* pesquisar tudo que pudesse encontrar sobre o Muro de Berlim; dos motivos de sua construção até a sua queda.

Foi isso. O livro acabou. Eu não tinha mais nada para ler. E ainda faltava uma semana. A sorte é que, dias depois, fomos ao *Shopping* da cidade e a primeira loja que avistei foi a Livraria Nobel. Mais uma vez não deu outra comprei o último romance escrito pela autora que adoro Kristin Hannah: “Amigas para Sempre”. Maravilha! Como não poderia deixar de ser, o livro faz jus à fama da escritora e como eu tenho todos os livros dela fiquei feliz demais em comprá-lo. Contava as horas que passávamos no shopping, louca para voltar para casa e começar a leitura.

Foram 325 páginas de muita emoção, de prazer, de enlevo, de identificação pessoal. Neste romance, a autora faz um retrato fiel de uma amizade complexa e duradoura e nos leva por uma história de companheirismo e perdão. Uma história tocante sobre uma das coisas mais importantes da vida: a verdadeira amizade.

Dias depois, chegaram minhas outras filhas, genros e

netos para comemorarmos todos juntos com a família de André o batizado e o aniversário de um aninho de Helô. Ela estava encantada com tanto aparato, tanto barulho, tantas conversas e risadas. Não estava acostumada com tanto barulho, mas parecia gostar muito, uma vez que não se estressou, nem chorou no batizado nem no aniversário. Parecia que sabia que toda aquela festa preparada com tanto carinho por seus pais tinha sido realmente só para ela. Posou para as inúmeras fotos, riu, brincou muito, encantou-se com os inúmeros presentes e mostrou-se uma verdadeira Xavier no “quesito” animação.

Os dias passaram tão depressa. O tempo não passou. O tempo voou.

A saudade já começava a doer no peito só em saber que dali a poucos dias voltaríamos para casa.

Estamos em maio. Mês das noivas, mês das flores, mês de devoção a Nossa Senhora. Mês de rezar o terço e coroar Maria, nossa Mãe Imaculada. Nossa Intercessora.

Pena que ainda não começou a chover como esperávamos. A situação na nossa cidade como em quase todo o país continua a mesma, e a falta do líquido tão precioso para nossa existência é motivo de preocupação, pena e tristeza em vermos como as pessoas estão sofrendo e até morrendo por causa da seca.

Enquanto escrevo estas páginas, a preocupação com a violência que assola o nosso país toma conta de meus pensamentos e me faz lembrar o dia de terror que nossa cidade passou com rebeliões no presídio, incêndios a ônibus, arrastões em lojas, assassinatos de professores e alunos. Enfim, violência sem limite. A cidade completamente entregue à bandidagem, população sobressaltada, assustada; escolas, comércio e universidades paralisadas, toque

de recolher. Tudo isso me vem à mente neste momento e vejo como estamos inseguros, impotentes e reféns de traficantes e bandidos que tomam conta de nossa cidade antes tão pacata. É uma pena que os poderes públicos não consigam ou, quem sabe, não se preocupem, realmente, com a segurança da população, e tentem conter esta violência generalizada que acontece não só em Campina Grande como também no país inteiro como vemos nos noticiários televisivos. Uma vergonha nacional.

Não lembro se já falei aqui que para preencher meu tempo ocioso após a aposentadoria, resolvi ser voluntária na AACD (Associação de Apoio à Criança Deficiente). Uma manhã por semana, dou expediente no Bazar, onde vendemos todas as doações que chegam no intuito de arrecadarmos fundos para essa instituição que tanto ajuda os deficientes físicos não só de Campina Grande mas de toda a região adjacente. É um prazer ver crianças que chegam tão debilitadas e, em poucos meses, já apresentem incríveis melhoras. É muito gratificante sentir que de alguma maneira estou colaborando para a melhora destas pessoas que tanto padecem.

Foi lá que conheci Sandra Spíndola, nossa coordenadora do Bazar. Pernambucana como eu e uma pessoa maravilhosa, generosa, alegre desprendida, sempre disposta a ajudar as pessoas. Sinto que aprendo muito com ela todas as terças-feiras. E o melhor, descobri que gosta de ler como eu. E, assim, trocamos ideias, falamos de nossos filhos, de nossas inseguranças e preocupações e melhor ainda: trocamos livros. Foi ela quem me emprestou “O ladrão do tempo” e “O jogo do anjo” de Carlos Ruiz Zafón também autor de “A sombra do vento”.

Terminei de ler “O ladrão do tempo” de John Boyne,

mesmo autor de “O menino do pijama listrado”. Ao ler a contracapa, achei que não iria gostar daquele livro como gostei de “O menino do pijama listrado” mesmo sendo do mesmo autor e que eu e milhares de pessoas havíamos adorado. Explico: num primeiro momento, o livro parece surreal uma vez que o personagem principal é apresentado como um senhor que tem 256 anos, mas com aparência e físico de um homem de 50 e, a partir daí, o personagem nem envelhece nem morre. Parece um pouco esdrúxulo, no entanto, o livro nos prende de uma maneira tal que se torna impossível deixar de lê-lo até a última página. Ademais, tenho um princípio de nunca abandonar a leitura de um livro pela metade. Para mim, seria um desrespeito ao autor, por este motivo, mesmo que não goste, sempre leio até o final. E foi o que fiz com “O ladrão do tempo”, o qual, logo após alguns capítulos, me conquistou totalmente pelo enredo interessante e encantador que o autor criou envolvendo temas como amor, morte, traição, oportunidades perdidas e esperança.

Ainda em maio, li também “O jogo do anjo”. Neste romance, o autor Carlos Ruiz Zafón retorna à cidade do Cemitério dos Livros Esquecidos e guia seus leitores através de um labirinto de segredos onde o amor pelos livros, a paixão e a amizade se misturam. Logo nos primeiros capítulos percebi que já o tinha lido de empréstimo de minha irmã Tenice, também leitora voraz como eu, mas, como já disse, antes não o deixei pela metade e o autor é tão bom que relê-lo é sempre uma maravilha.

Junho chegou. Acanhadinhos pingos de chuva começaram a aparecer temerosos em cair e molhar o chão, mas, assim mesmo, enchendo o coração de todos nós e, principalmente, do sertanejo, de grandes esperanças.

A garoa fininha e o friozinho gostoso que sempre foram características de nossa cidade também começavam a dar o ar de sua graça anunciando finalmente o inverno tão desejado. A preparação das festas juninas que para umas pessoas não deveriam acontecer por causa da grande seca que assola nosso país já estava bem adiantada e prometia, mesmo com todas as controvérsias e polêmicas, acontecer de maneira monumental como sempre. Os turistas já invadiam a cidade com sua alegria em participar dos inúmeros festejos juninos que nossa cidade lhes ofereceria. Como já conheço aquele parque da alegria há muitos anos e como não tinha visita em casa para ciceronear, preenchia meus momentos de folga – que hoje são muitos – para me relegar na companhia de meus adorados livros. Continuava lendo e relendo todos que de uma maneira ou de outra caíam em minhas mãos. Foi assim que comecei a ler “Sexo com Reis” de Eleonor Herman. Um livro que nos mostra 500 anos de adultério, poder, rivalidade e vingança ao fio dos séculos em que as amantes reais eram idolatradas, temidas invejadas, difamadas, ditavam modas, patrocinavam as artes e em alguns casos até governavam nações. “Sexo com Reis” nos faz adentrar as salas dos tronos e o quarto de dormir dos mais poderosos monarcas da Europa. Cheio de personagens excêntricos, humor cortante e intensa emoção, esta história de paixão e política retrata quinhentos anos de mulheres deslumbrantes e dos reis que as amaram.

São João e São Pedro já passaram, assim como também estão terminando os trinta dias de forró de nossa cidade em meio a muita animação, violência revelada e não revelada, racionamento de água e muita alegria, afinal, estamos na cidade do maior São João do Mundo. Festa tradicional.

Assim como está escrito na capa desse livro, em seu título

“Entre uma coisa e outra”, também entre um livro e outro, a vida segue como numa grande estrada cheia de desvios, percalços e curvas sinuosas. Numa dessas curvas da vida, encontro uma amiga e colega escritora, Mabel Amorim. Confesso que foi um encontro que mesmo durando apenas alguns minutos teve o poder de mudar minha maneira de ver o mundo e aceitar a vida como ela é.

Naqueles poucos minutos de conversa com esta amiga, bebi na fonte de sua força e sabedoria e aproveitei para tirar lições que talvez não tenha aprendido em muitos anos de vida. O bom da vida é que ela é assim; cheia de encontros, desencontros e eventos que nos surpreendem e é bom que estejamos preparados e de coração aberto para aprender a viver e, se for através das experiências vividas por pessoas fortes, corajosas e destemidas como esta amiga, esse aprendizado certamente será ainda melhor.

O mês de julho continua muito frio em Campina Grande e esse clima gostoso só nos convida ao recolhimento. É conhecido como o mês em que mais se ganha peso. Coisa que eu detesto, mas fazer o quê se a chuva e o frio não nos dão coragem para fazer exercícios ao ar livre. Só nos resta tomar café, chocolate quente e cair na cama ou numa redinha gostosa com um bom livro. Então, o caminho é a livraria. E graças a Deus temos a Nobel. Passei por lá. Comprei mais livros. A ansiedade para a próxima viagem que faríamos em agosto na companhia de minha filha Luciana para rever Juliana e nossa netinha Heloísa era grande demais e como já disse, só os livros têm o poder de me serenar, de fazer com que eu me aquiete por determinado período de tempo. E assim compreí: “Sob o céu de Cabul”, “As cores do entardecer” e “Primeiro e único”.

Como propus a mim mesma no começo deste ano – 2015 – farei uma pequena resenha para que sirva como dica de leitura. Pois bem, começo com “Sob o céu de Cabul” de Andrea Busfield, autora desconhecida para mim. O que me levou a pegar esse livro da estante da livraria foi o título. Lendo a resenha vi que se tratava da queda do Talibã e que o Afeganistão se torna uma terra sem lei. O livro é narrado através do olhar esperançoso, inteligente e extremamente aguçado de Fawad, um menino de 11 anos que sofre perdas terríveis, seja pelas mãos do Talibã e da guerra, seja por conta de doenças, mas, com um otimismo natural, atesta o triunfo do espírito humano mesmo diante das maiores calamidades de uma guerra.

“As cores do entardecer” é o primeiro romance de Julie Kibler. Logo, autora também desconhecida para mim. No entanto, lendo a contracapa, não poderia deixar de tê-lo em minhas próprias prateleiras. Com personagens humanos e, por isso mesmo, memoráveis, o livro mostra que as relações afetivas, muitas vezes, são mais profundas que os laços de sangue. Um livro que fala do racismo velado dos nossos dias à segregação dos anos 30.

“Primeiro e Único”. Esse eu não poderia jamais deixar de comprar. Emily Giffin é sua autora. Muito minha conhecida. Tenho todos os seus livros. Uma autora que penetra fundo em nossos corações. Neste livro, ela nos surpreende com uma história sobre as dores do amadurecimento.

Agosto chegou. Estamos de malas prontas para mais uma vez passarmos uns dias de férias com Helô, André e Juliana que já não se aguentam mais de saudades. A recíproca é verdadeira, a saudade deles é uma constante em minha vida.

Meu nome é saudade.

Por isso, a expectativa era grande para vermos o desenvolvimento de Helô de perto. Afinal ela está andando, começando a falar as primeiras palavrinhas e fazendo as gracinhas que toda criança de sua idade faz, mas, para os pais e avós, são sempre únicas, singulares. Realmente, Heloísa está uma graça, linda e saudável graças aos cuidados dos pais e a abnegação de sua mãe. Passamos dias maravilhosos descansando, divertindo-nos e estreitando laços de amizade com a família de André que são pessoas extraordinárias. Os dias de férias passaram rapidamente e logo nos preparamos para voltarmos para Campina Grande o que já deixava nossos corações inflamados sentindo a pior das dores que é a dor da partida. Já começávamos a marcar o dia que nos veríamos novamente. E essa contagem regressiva dos dias que faltavam para nos vermos é o que nos dá força para continuar vivendo.

Chegamos ao aeroporto. Como não poderia deixar de ser, a vontade de ler já estava tomando conta de mim. Como já disse outras vezes, sou viciada em leitura e por isso mesmo meus pés pareciam que tinham asas e já me levaram diretamente à livraria, onde com certeza eu compraria um livro para saciar minha sede de palavras antes de embarcarmos. Encontrei “O menino da lista de Schindler” dos autores Leon Leyson autor e personagem, Marilyn J. Harran e Elisabeth B. Leyson esposa do autor. “O menino da lista de Schindler” são memórias do autor que nos revela sua impressionante história, na qual, graças à força de um menino, o impossível se torna possível. Este livro é um legado de esperança e um chamado para que todos nós nos recordemos daqueles que não tiveram a chance do amanhã. Que maravilha, mais um para a minha coleção de livros cujo tema é o Holocausto.

Passei a viagem inteira lendo e alimentando meu vício. Nossa viagem de volta transcorreu de maneira tranquila. Mesmo sendo obrigados a passar algumas horas retidos no aeroporto entre uma escala e outra, confesso que não me importo com isso quando tenho um livro em minha bolsa pronto para ser aberto na hora em que eu quiser.

Em João Pessoa, nosso querido genro Marcelo já nos esperava. Dormimos em João Pessoa e, no outro dia, meu outro genro querido Wladimir já nos esperava com minha neta muito amada Maria Clara. Enfim, em casa novamente. Com o coração apertado é verdade, mas feliz em saber que Juli estava bem na sua vida de casada mesmo longe de sua família. A vida é assim mesmo. Cada um faz suas escolhas e tem que aprender a viver e ser feliz a partir delas.

Voltar para casa é sempre muito bom. Mesmo que estejamos na casa de nossos filhos – com todas as regalias e conforto – nada se compara à nossa casa. Já não somos tão jovens. Temos as nossas manias. Precisamos do nosso cantinho, de nossos horários e de nossos hábitos cotidianos. Assim sendo, chega a hora em que temos de nos despedir e voltar para casa.

Mas como é difícil voltar para casa!

Saber que vamos demorar tanto para ver as pessoas que amamos. Meu coração chega a sangrar com a dor da saudade que já se prenunciava dias antes da partida. Que fazer para não chorar na frente de nossa filha! Fazer-me de forte, claro, num esforço quase sobre-humano; quando meu desejo era derramar todas as lágrimas que estavam reprimidas no meu peito. Mas eu sempre consigo. Não sei como, mas consigo. Faço isso para não deixar minha filha triste também. Será que ela entende esse meu joguinho? Será que fica pensando que sou fria, indiferente à sua saudade,

à sua dor? Posso até passar a ideia de que não estou nem aí, que estou louca para voltar para casa. Mentira, Só Deus sabe como me sinto naqueles momentos de despedida. Mas como diz o provérbio popular “o tempo cura tudo” – e é verdade. Assim como é verdade “Que o que os olhos não veem o coração não sente”. Ainda bem.

De volta a Campina Grande, retomamos nossa rotina diária. Sentindo falta de minhas ex-colegas de escola, passo por lá para vê-las e, como sempre, entro na biblioteca à cata de algum livro que eu ainda não tenha lido. Graças a Deus encontro um: “Infâmia” de Ana Maria Machado, autora brasileira, ganhadora do prêmio Machado de Assis. Neste romance, a autora questiona – de forma corajosa e inteligente – os artifícios que com tanta frequência encobrem a “verdade” no mundo atual e nos mostra que essa é uma luta que faz parte da própria história do homem. Uma luta inglória, difícil de ser vencida, e que continuamos a ver e ouvir todos os dias nos jornais impressos e televisivos, mas uma luta que precisa ser travada.

Outro dia, limpando meus livros – que os cupins teimam em atacar – encontrei o exemplar que me foi presenteado pelo meu cunhado Aécio Gomes de Matos cujo título é “Para que serve a Universidade Pública?” Livro escrito por várias mãos e organizado por ele com a colaboração de Cristovão Buarque, Ascendino Silva, Sérgio C. Buarque, Tânia Bacelar e Alfredo Pena. Professores Doutores, cada qual na sua área procurando trazer uma grande diversidade de enfoques a fim de se estabelecer uma reflexão sobre o papel da Universidade Pública. Como minha filha mais velha, Pollyanna, encontra-se Pró-Reitora da UEPB em Campina Grande, decidi que era hora de parar um pouco de ler por fruição, por prazer, e tentar entender um pouco – como

o próprio título do livro diz – “Para que serve a Universidade Pública”. Garanto que a leitura dessas reflexões feita por especialistas abriu muito minha mente para entender melhor os meandros envolvidos e desenvolvidos por essas pessoas a fim de que através de suas contribuições se consiga desenvolver uma sociedade tecnologicamente avançada e socialmente mais justa, já que esse deve ser o papel da Universidade – libertar – dar condições de ampliar o horizonte de liberdade de cada indivíduo e das sociedades. Parabéns para Aécio e sua turma.

Sinto que hoje o dia não vai ser bom. Passamos uma semana inteirinha muito feliz com nossa filha mais nova Luciana, de férias, junto conosco, na nossa casa. Passeando, almoçando, conversando, rindo, brincando. Coisa muito rara no nosso cotidiano.

Mas ela já foi embora novamente.

E o meu coração se partiu outra vez. E vai ser sempre assim. Como é possível que eu não me acostume? Fiquei chorando feito uma louca. Para não passar o dia depressivamente, o jeito foi fazer o que ela me pediu: *Se arruma e vai pra academia mainha, malhar, conversar, dar risada e dançar com tuas amigas.*

E eu fui. De cara inchada de chorar, é verdade. Mas fui.

Foi melhor. O dia passou mais rápido e graças a Deus eu tenho os meus livros que são o meu refúgio. Em sua mala, ela tinha trazido um deles que eu tinha esquecido. “Deixe-me ir” o título do livro. De Daniela Sacerdoti. Um livro que narra uma história envolvente e dinâmica cujo tema é o sexto sentido. Um livro que fala da doutrina espírita.

Gozado. Agora que estou dando conta da coincidência do título e a minha incapacidade de me conformar em deixá-las irem – as minhas filhas – viver a vida que cada

uma escolheu. Como continua difícil, para mim, ficar longe delas! Impressionante.

Falando em espíritos, dias atrás, dando uma passada pelo *facebook* me surpreendo com uma postagem de uma de minhas sete irmãs em seu perfil – era a foto de nossos pais.

Fiquei um pouco abalada confesso. Saudosa como sempre quando os vejo em fotos. Peguei-me pensando em como nunca mais tinha “pensado” neles. Não que os tenha esquecido. Impossível. Quando digo “pensado neles” significa que nunca mais os trouxe de volta às minhas lembranças nem acordada nem em sonhos. E talvez por elas estarem tão profundamente guardadas no mais fundo de meu ser é que percebo agora o quão doloroso é trazê-los à tona.

Pego-me pensando em como foi curto o tempo que passamos juntos morando na mesma casa. Em como foi pouco o tempo de aprender com eles, de ouvir seus conselhos, de mostrar todo o amor e carinho que lhes dedicava já que saí tão prematuramente de casa. Vivi com eles apenas dezessete anos de minha vida. Foi tão pouco. Às vezes, pego-me divagando se valeu a pena me casar tão cedo. Deixar a convivência com meus irmãos. Não ter tempo de ter amigos. De ser jovem. Por causa disso, só os via esporadicamente: nas festas natalinas, em seus aniversários, no natal, nas festas juninas e nos carnavais. Fico pensando como teria sido minha vida se me tivesse sido dada a permissão de escolha. Será que eu teria escolhido o casamento? Era tão nova. Estava tão apaixonada...

Tão bom essa coisa de *internet*. De vez em quando, sem querer, deparamo-nos com fotos antigas lembradas por alguém e, de repente, retiradas de esquecidos baús que a

gente nem lembrava que existiam e que os anos passados não conseguiram anular – são postadas no *face* e as temos ali bem à nossa frente nos trazendo lembranças tão vívidas, tão reais.

Viva a tecnologia!

O tempo passou. O tempo não para mesmo. É fato. “É vida que segue”. Como diz o apresentador do “Bom dia Brasil” Chico Pinheiro.

Setembro finalmente chegou. O frio do inverno se distancia a cada dia dando passagem à primavera com seus dias mais quentinhos e o desabrochar das folhas nos jardins. Mas mesmo a alegria das flores nos jardins, nas ruas e nas praças, não impede a sombra de tristeza que aparece em meus olhos ao lembrar tudo que passamos na primavera anterior. Foram dias de muita aflição. De muito sofrimento e expectativas; de choro e tristeza. A notícia pegou todos os irmãos despreparados para enfrentar aquele problema. Nunca em nossa família tivemos um caso daqueles. Nosso irmão diagnosticado de CA de laringe. A notícia caiu em nossos ombros como uma bomba atômica espalhando aquela fumaça negra sobre nós. Passamos toda a primavera e todo aquele ano sofrendo junto com ele. Revezávamo-nos em clínicas e em hospitais. Irmãos e irmãs procuravam dar apoio moral ou financeiro – de acordo com suas possibilidades – a fim de que juntos pudéssemos de todas as maneiras possíveis tornar menos difíceis os dias de tratamento duro pelo qual ele ia passar. Quimioterapia. Radiologia. Tomografia computadorizada. Ressonância magnética. Cirurgia espiritual. Estas palavras nunca fizeram parte de nossas vidas. Eram quase estranhas para nós. Nunca precisamos de nada daquilo.

Os meses passavam em meio a muita aflição. Chegou o

Natal, chegou o Ano Novo. Passou o carnaval. Não brinquei. Promessa feita. Nada da nossa alegria. Característica de nossa família. Éramos alegres por natureza. Como podíamos comemorar estas datas para nós tão significativas e comemoradas sempre com tanta animação se o nosso irmão mais animado estava num hospital sofrendo tanto?! Impossível. Como está escrito em Eclesiastes: “Tudo tem a sua hora, cada empreendimento tem o seu tempo debaixo do céu: o tempo de colher e o de plantar. O tempo de espalhar e juntar, o tempo de perder e o de guardar; o tempo de falar e o de calar; o tempo de nascer e o de morrer; o tempo de sorrir e o de chorar.” (ECLESIASTES, 3:1-2). E nós estávamos nesse tempo. O tempo de chorar, de rezar, de aumentar a nossa fé e nos unirmos. Ele sofreu. Chorou. Rezou. Aguentou firme. Estoicamente. Carregou bem a sua cruz. Venceu. Milagre? Quem sabe. Por que não? Para ELE nada é impossível. E esta primavera que mais uma vez se anuncia prova isso. Estamos todos felizes. O nosso tempo de plantar, de juntar, de construir e de sorrir voltou novamente. Celebremos a vida.

Comprei mais um livro de Lya Luft para minha coleção. Tenho quase todos os livros dela. É uma escritora que me agrada muito. Sempre me identifiquei com seus textos. Ela fala diretamente o que queremos ouvir. É como se ela fosse minha terapeuta. Quando leio seus livros é como se eu fizesse uma análise de mim mesma. O livro que comprei “O tempo é um rio que corre” é um ensaio sobre as relações humanas, o valor da vida, a passagem do tempo – temas e inquietações que desde sempre povoam sua escrita. O movimento implacável dos ponteiros de um relógio que não aponta apenas para os minutos e as horas, mas para o que fazemos deles e de nós mesmos. Como estou entrando

na casa dos sessenta, a leitura desse livro me fez refletir sobre as mudanças que ocorrem não só no meu corpo como na minha mente. Valeu Lya.

Outro livro maravilhoso que li emprestado pela colega da AACD, Sandra Spíndola, foi “O Garoto do Convés” de John Boyle mesmo autor de “O menino do pijama listrado”. Acho que não precisa nem comentar sobre a maravilha que é esse livro. Uma empolgante mistura de romance de formação, aventura marítima, e reconstituição histórica. Um relato tocante das descobertas de um adolescente que parte numa jornada perigosa para fugir de um passado traumático. Adorei

“O Arroz de Palma”, título do livro que estou lendo agora. Tentando ler devagar, com parcimônia numa tentativa de fazer com que a leitura não acabe logo. “O Arroz de Palma”. Quase morro de rir, quando, em nosso almoço dominical, uma grande amiga – Adinalva – é o nome dela, me perguntou naquele tom de humor que ela tem: *Lela – é assim que ela me chama – que danado de livro é esse que tu estás lendo e dizendo que é maravilhoso se tem um título desse: O Arroz de Palma”. O que danado é isso? Eu sei que tu não és chegada à receita nem à cozinha, então de que fala esse livro? Achei a maior graça. Tive que fazer uma pequena resenha do livro para que ela entendesse o porquê desse título realmente tão inusitado. Para começar, expliquei para ela que Palma é o nome de uma personagem, já desvendando, com isso, um bocado do mistério.*

Comprei esse livro por recomendação de minha amiga Mabel Amorim. Combinamos de nos encontrar na Livraria Nobel para tomarmos um café – coisa que ela adora – e conversarmos sobre livros. Ela me indicou “O Arroz de Palma” fazendo mil e um elogios sobre esse autor genuinamente

brasileiro, carioca da gema – Francisco Azevedo – e me fazendo ver também quantas vezes compramos livros de autores estrangeiros “conhecidos e badalados”, mas nem são essas coisas toda que se fala deles, e, deixamos de lado, autores que ainda não são tão conhecidos no Brasil, mas são simplesmente divinos como é o caso de Francisco Azevedo. Este romance já foi traduzido para 12 países. Contou-me Mabel que ao terminar de lê-lo ficou tão encantada que entrou em contato por e-mail com o autor e chegara a combinar a vinda dele para Campina Grande com o apoio da Nobel. Ela leu alguns trechos para mim que logo também me encantaram, o que me fez levantar e ir até o balcão da livraria comprar o meu e já voltar para casa com ele em minhas mãos.

Vale a pena ler esse livro. Francisco Azevedo nos conta uma história linda e emocionante marcada por uma prosa totalmente poética que nos emociona e comove. Narrada através das lembranças de um senhor de 88 anos, a história nos mostra as mudanças sociais e culturais do Brasil, mas é dentro da trama familiar que o autor envolve de vez o leitor, lembrando um tempo em que a família abrigava as pessoas. Um ideal que interessa a todos os humanos qualquer que seja a sua nacionalidade, a sua raça, a sua conta bancária. Antes mesmo de terminar de ler liguei para minhas irmãs que moram em Recife e que gostam de ler tanto quanto eu falando das maravilhas do livro e pedindo que elas também o comprassem, pois existem passagens nele que nos faziam lembrar bastante da nossa própria família.

Porém, muito melhor do que ler o livro foi conhecer o autor. É isso mesmo. Conhecemos o autor. Batemos um papo com ele. Aprendemos com ele. Tiramos foto com ele. Foi de uma alegria inenarrável os momentos incríveis que

passamos com Francisco Azevedo. Momentos inesquecíveis de prazer e de aprendizado. É uma emoção muito grande conhecer de perto, falar com um escritor que a gente acabou de ler e adorou. Recebi dois carinhosos autógrafos. Aproveitei a ocasião para comprar também “Doce Gabito”, seu segundo romance que acabei de ler e que também me emocionou tanto quanto “O Arroz de Palma”. Em “Doce Gabito”, Francisco Azevedo consolida seu estilo com a mesma escrita lírica e delicada. Uma História recheada de amores, paixões, ressentimentos, intimidades. Descobertas e segredos revelados. Conflitos familiares e rivalidades que passam de uma geração a outra. Separações e reencontros. A força da amizade e do perdão. Será pura ficção? Quem sabe. E quem se importa. Não deixa de ser uma bela e comovente história com eventos que podem acontecer com qualquer família. Com a minha, com a sua, com a família de qualquer um de nós.

Não deixem de ler.

Estamos na metade do mês de setembro. O ano está correndo. E eu achando bom. Quero que novembro chegue logo. O *WhatsApp* não parou hoje. Era um vaivém de mensagens que não acabava mais: *E aí já viram o hotel? Quantas pessoas são? Tem piscina, tem mar, tem brinquedo pras crianças, tem shows? E as diárias quanto custam? Quem vai sexta, quem só vai no sábado? Manda teu e-mail, anda logo menina!* Ufa! Enfim, tudo acertado. Por que tudo isso? Porque Juliana tá chegando é óbvio. Ela é assim, revolucionária. Também nasceu no dia 31 de março! Brincadeira à parte, estamos todos nos preparando para recebê-los com muita alegria: André, Juli e Helô. Passagens, hotéis, passeios, enfim, tudo arranjado para tornar nossas férias inesquecíveis.

Para diminuir um pouco a ansiedade pela chegada deles, comecei a ler “Sobre Escrita” de Stephen King. Uma leitura indispensável aos que, assim como eu, têm a pretensão de se tornarem escritores. Segundo King, *o segredo do bem escrever é ler. E ler muito. Aprende-se a escrever lendo bons autores*. Fora isso, ele apresenta duas teses simples para uma boa escrita. A primeira consiste em dominar os fundamentos: vocabulário, gramática e elementos de estilo. A segunda é que, embora seja impossível transformar um escritor ruim em competente, é possível, com muito trabalho duro, dedicação e conselhos oportunos, transformar um escritor meramente competente em um bom escritor. Outra dica muito boa que ele nos dá diz respeito à reescrita. Quanto mais se enxugar o texto melhor. “Omita as palavras desnecessárias”. A seguinte fórmula também é um bom conselho e uma boa dica.  $2^a \text{ versão} = 1^a \text{ versão} - 10\%$ .

Espero que eu tenha aprendido alguma coisa e tenha conseguido aplicar seus conselhos neste meu terceiro livro.

Uma borboleta preta apareceu borboleteando no meu quarto. Não gostei. De acordo com uma cunhada: mau presságio. Passei a tarde tentando colocá-la para fora. Não consegui. Dois dias depois. Notícia ruim. Falecia o sogro de minha filha. Tristeza. Saudade. Choro. Descanso. Foram anos de sofrimento que finalmente chegavam ao fim. Velório. Condolências. Flores, Velas. Rezas. Solidão. Despedida. Voltar para casa. Chorar todas as dores. Lembrar todos os momentos bons vividos ao seu lado. Saudades eternas.

E a vida continua.

Comecei a ler “As Mulheres do Deserto”. Um livro com 476 páginas, escrito por Alice Hoffman, ambientado durante e depois da queda de Jerusalém 70 d.C. Abrange

um período de quatro anos quando os romanos travaram uma guerra contra a fortaleza judaica de Massada, reivindicada por um grupo de novecentos rebeldes e suas famílias. A história é baseada no historiador Josefo que escreveu o único relato sobre o cerco e nele registrou que duas mulheres e cinco crianças sobreviveram ao massacre na noite em que os judeus cometeram suicídio em massa em vez de submeter-se à legião romana. Este romance é um testemunho do espírito humano e do amor renascido das cinzas da guerra e ficará gravado como uma tatuagem na memória de quem o ler.

Outro feriadão se aproximando. Dia 11 é o dia de nossa cidade, dia 12 dia da criança e Padroeira do Brasil, dia 15 dia do professor. Muitos dias de “folga”, como diz meu netinho Arthur – *hoje ainda é folga? Amanhã é folga?* Saudades dos feriados de quando minhas filhas eram crianças e jovens. Programávamos com antecedência para aonde iríamos, que passeios faríamos. Era tão bom. Agora não tem mais graça. Para nós aposentados, todos os dias são feriados. E agora elas já não estão mais conosco. Nem sempre viajamos todos juntos. A alegria não é mais completa. Então, tudo fica diferente. Sempre falta alguma delas e eu sempre dividida. Feliz por estar com umas, infeliz por não estar com a outra. É a vida.

Saí com Clarinha para comprar seus presentinhos. Quase me acabo de andar pelo comércio segurando sua mão em busca de satisfazer seus desejos juvenis. Como o tempo passa rápido! Houve um momento, em que a chamei pelo nome de Luciana. Inconscientemente, era como se estivesse com minha filha mais nova Lula, andando pelas ruas comprando suas coisinhas. “*Vovó eu sou Clarinha*” ouvi aquela vozinha falar ao meu lado. Morremos de rir e continuamos

nossa peregrinação até encontrarmos tudo que ela queria. Mortas de cansadas, paramos para comprar um sorvete e saímos saboreando-o pelas ruas até que pararmos na Nobel. Não íamos viajar e claro que eu não ia passar todos esses dias sem um livro para ler. Comprei “A cidade do sol” de Khaled Housseini. Já o tinha lido há muitos anos. Li-o de empréstimo acho eu. Não o tinha na minha biblioteca, por isso o comprei. Que livro triste. Mas como disse para uma amiga em um *post* no *facebook*: é de livros assim que eu gosto. O autor mais uma vez nos envolve com a força das emoções humanas como poucos sabem fazer. Ele conta a história cotidiana de duas mulheres afegãs. Seus dramas, suas tristezas, sua capacidade de sobrevivência num país devastado pela guerra. O livro é uma descrição poderosa e perturbadora da violência e da guerra, mas também uma evocação lírica da vida e da eterna esperança destas duas personagens inesquecíveis.

Quando termino de ler um livro desses, fico pensativa e deprimida por um bom tempo. Impressionada com a natureza humana. Com a capacidade que algumas pessoas têm de causar sofrimento extremo ao seu próximo. É uma pena que as pessoas ainda não tenham conseguido encontrar a paz. A paz mundial. A paz que vem do Senhor.

Estamos muito felizes, pois soubemos que nosso genro comprou um apartamento para veraneio em João Pessoa. Nossos netos ficaram exultantes com a boa nova. Bom saber que nossas filhas estão bem encaminhadas na vida e progredindo sempre. Tenho certeza de que viveremos momentos bastante felizes lá e celebraremos a vida como deve ser: com harmonia, alegria e muito amor.

Assim espero.

Novembro finalmente está chegando e nossos corações

anseiam pela chegada de nossa filha, nosso genro e nossa querida Heloísa. A saudade enfim vai ser amansada. Trinta dias conosco. O rojão vai ser grande, mas a alegria de tê-los conosco vai suplantar qualquer carga de trabalho que possamos ter.

No dia esperado, saímos de Campina Grande rumo a João Pessoa. O voo estava previsto para três da manhã. Minha preocupação era com Heloísa. Perguntava-me como teria sido a viagem. Será que ela chorou? Será que seus ouvidinhos doeram? Mas qual não foi nossa surpresa quando a avistamos nos braços da mãe completamente acordada olhando para tudo e para todos plenamente extasiada com tanta gente ao seu redor. Soubemos por Juli que ela não deu nenhum trabalho e que conquistou todos os passageiros. Arrumamos as bagagens no porta-malas e partimos para Campina Grande. Heloísa continuava desperta e veio tagarelando o tempo todo.

Foram trinta dias de muitos passeios e festas. Heloísa se encantou com a decoração natalina de nossa casa e da cidade. Viajou para Recife para conhecer tios e primos e encantou a todos com sua meiguice, sua carinha de sapeca e seu falatório sem fim. Hospedou-se em hotéis e comportou-se como gente grande. Foi apresentada ao mar e nos surpreendeu não sentindo medo nenhum das ondas. Caminhou pela praia procurando conchinhas e até fez novas amizades. Assistiu a um casamento como uma mocinha. Participou da 1ª Eucaristia de nossa neta Maria Clara muito concentrada no que o padre dizia. Parecia que entendia tudo. Ficou dias e dias pedindo para ver a foto em que o padre aparecia, encantada, talvez, com as suas vestes. Maravilhou-se com o recital de violino em que Clarinha se apresentou juntamente com outras crianças.

Dançou, cantou, pulou, brincou. Encantou as tias Solange, Lourdinha e Fatinha e os tios Ari e Adinalva.

Falando pelos cotovelos na sua linguagem própria fazia todos rirem muito. Apaixonou-se pelo *Shopping Center* e só queria viver lá procurando o *papai Eiel*, ao mesmo tempo em que fugia dele. O medo era maior que a vontade de estar ao seu lado.

O priminho Arthur disse que ela falava inglês, pois ele não entendia nada do que ela dizia.

Enfim, Heloísa foi um sucesso por onde andou. Deixou saudades no coração de todas as pessoas que a conheceram. Nesses trinta dias, ela desenvolveu-se mais do que devia. De tanto ouvir pessoas falando ao seu redor, saiu falando frases, comendo sozinha, dançando samba e pintando o sete. Na volta para casa, Juliana nos conta que ela com seu carisma e seu jeitinho inocente conquistou até os passageiros do avião. Coisa singular, pois estamos cansados de ver e ouvir pessoas resmungando quando veem crianças pequenas a bordo, pois provavelmente vai haver birras e choro. Com Heloísa foi o contrário. Muitos caíram de amores por ela. Conquistou passageiros e aeromoças com seu falatório e suas gracinhas.

Infelizmente, os dias passaram muito rápidos e, de repente, a casa estava totalmente silenciosa. Impossível não sentir sua presença em todos os lugares da casa, sentir seu cheirinho; ouvir sua vozinha tagarela pelo ar, seu riso alegre, seu choro quando queria dormir. É isso. Heloísa já não está mais aqui. Agora é só ausência e falta e saudade e espera. Espera ansiosa que março chegue o mais depressa possível.

Para tentar diminuir um pouco a falta que me fazem Juli e Helô, comprei mais um companheiro para os meus dias

saudosos: “A Teoria de Tudo” de Jane Stephen Hawking. O livro que inspirou o emocionante filme vencedor de um Oscar. Narrado pela esposa do cientista portador de ELA – Esclerose Lateral Amiotrófica – doença degenerativa que paralisa todos os movimentos do corpo com o passar do tempo – a autora, numa biografia inspiradora, balanceia as necessidades de sua família e os cuidados com o marido com a assistência à sua carreira e à dela própria. Sua força interior surpreende assim como seu caráter e as conquistas de seu marido.

É de impressionar como uma mulher consegue segurar tantas barras, tantas dificuldades em nome do amor. Vale a pena ler este livro que nos fala de otimismo, amor e resiliência e que envolve leitores de todas as idades. Como está escrito na capa do livro “A mente dele mudou o mundo. O Amor dela mudou o mundo dele”.

Acho que esse será o último livro que lerei esse ano. Foram quase 60 livros que li entre 2014 e 2015.

Mas, como mesmo disse em algumas páginas atrás, eu iria continuar a lista de livros lidos até o momento em que esse livro seguisse para a gráfica. Por isso, não deixem de ler “Dias perfeitos” de Raphael Montes. Um livro instigante de um autor brasileiro muito jovem, que reafirma sua vocação para o suspense e se consolida como um grande talento da nova literatura nacional. “Dias Perfeitos” fala de amor, sequestro e obsessão. A capacidade do autor de explorar uma psique doentia é impressionante. A narrativa segue um ritmo eletrizante e repleto de surpresas até o final.

As festas de fim de ano se aproximam. Mais um motivo para eu me sentir, como sempre, dividida entre a alegria e a tristeza, a ausência e a presença. A saudade se torna mais concreta com a falta de Luciana, Juliana, Heloísa, André e

Marcelo que se tornaram também nossos filhos.

Como me alegrar se eles não estão aqui!

Mas, faz-se necessário levantar a cabeça, persistir na luta pelo existir e continuar sempre em frente, uma vez que ***entre uma coisa e outra***: a vida segue.

*Fim*



## Sobre o livro

<b>Design da Capa e projeto gráfico</b>	Erick Ferreira Cabral
<b>Foto da Capa</b>	Pixabay
<b>Impressão</b>	Gráfica Universitária da UEPB
<b>Formato</b>	15 x 21 cm
<b>Mancha Gráfica</b>	11 x 13 cm
<b>Tipologia utilizada</b>	Chaparral Pro 12/14,47 pt
<b>Papel</b>	Pólen 75g/m <sup>2</sup> (miolo) e Cartão Supremo 250g/m <sup>2</sup> (capa)